REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Volume 2
2016
Anual

Goiânia - GO
Kelps, 2016

Copyright © 2016 by Academia Morrinhense de Letras

Editora Kelps
Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon
CEP 74.560 - 460 — Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

ACA Academia Morrinhense de Letras.
rev Revista da Academia Morrinhense de Letras / Academia Morrinhense de Letras (Org.) Ano 2, volume 2 – Goiânia : Kelps, 2016.

300 p.: il.

ISSN: 2447-1437

1. Revista – Morrinhos (GO). 2. Biografias. I. Titulo

CDU: (048.8)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Fundada em 11 de dezembro de 2004
CNPJ: 07.740.371/0001-59
Praça Professor José Cândido nº 679, Centro – 1º Andar
CEP: 75650 – 000 Morrinhos – GO

DIRETORIA DA AML

Presidente: José Afonso Barbosa
Vice-Presidente: Helenízio Antônio Marciano
Secretária: Cleusa Marina Silva Freitas
2ª Secretário: José Henrique Rodrigues Machado
Tesoureiro: Antônio de Oliveira Ávila Júnior
2º Tesoureiro: Wander Oliveira Melo
Bibliotecária: Graziela de Souza Reis

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS
Publicação Anual

Diretor: Wander Oliveira Melo
Conselho Editorial: Presidente – Cleusa Marina Silva Freitas
Eurico Barbosa dos Santos

Revisão: Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Digitação: Wander Oliveira Melo
Capa: Wander Oliveira Melo
Diagramação: Victor Marques
Impressão: Editora Kelps Ltda.
Assessoria de Divulgação: José Afonso Barbosa
Cleusa Marina Silva Freitas
João Orlando Luiz de Oliveira
Wander Oliveira Melo

Apresentação

Estamos entregando para toda a sociedade morrinhense e, principalmente, aos seguidores de nossa Arcádia, o segundo número da Revista da Academia Morrinhense de Letras. Neste ano, comemoramos o duodécimo aniversário deste sodalício. A revista com edição anual registra nas suas páginas parte do diário cotidiano de seus acadêmicos e parte da vida da cidade de Morrinhos, sua cultura, sua arte.

A edição deste anuário e, dos próximos, além de divulgar, irá registrar os trabalhos literários de nossa instituição, servindo também como fonte de pesquisa histórica para a sociedade atual e futura.

A edição da revista deste ano está dividida em duas partes: a primeira destinada aos acadêmicos para divulgação de seus escritos e a segunda parte destinada aos escritores morrinhenses para que possam mostrar suas criações. Desta forma fica à disposição dos autores diversos de nossa cidade um leque de opções para mostrarem suas habilidades culturais, fazendo jus à sua finalidade que é a de promover a cultura, a arte, o folclore e os costumes locais e regionais. Cumpre, assim, a academia, o seu desígnio.

Assim agindo e pensando, esperamos manter sua periodicidade e colaborar com o desenvolvimento cultural e social de nossa amada terra, berço de ilustres mentes pensantes que muito têm contribuído com a divulgação do torrão de Antônio Corrêa Bueno.

O propósito da academia é o de servir e servir bem a sua comunidade, contribuindo, assim, para a elevação de suas letras, sua arte, sua cultura, sua cidadania.

José Afonso Barbosa
Presidente

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE – ACADÊMICOS

Discurso de posse de Alaor Barbosa na Academia Brasiliense de Letras 15

Ligeiro pouso na origem dos haicais 28

Palavras de Carmen Lúcia 30

Ata da reunião extraordinária da AML para o aumento do número de cadeiras – 24/03/2016 39

Resumo da ata da reunião extraordinária da AML para votação dos quinze novos patronos – 30/06/ 2016 39

Puro sangue 41

Vitória Rodrigues Troncoso 43

Biografia da acadêmica: Francimar Bezerra de Almeida – cadeira nº 05 48

Telhados 49

Sentada na areia 50

Tempo certo 51

A árvore, a lâmpada e o gênio (inconsciente) 52

Ecos da razão 54

Palavras ao vento 55

Um tributo a Chico Flor 56

'Quem é Sara?' 74

'Quem disse que homem não presta?' 75

'O cara bravo' 76

'Motorizado imaginário' 78

Posse Helenízio Antônio Marciano 80

Apresentação do livro do acadêmico Sebastião Bento, feito pelo acadêmico José Henrique Rodrigues Machado 84

"Mininim atentado, sô!" 87

Morrinhos – a Cidade dos Pomares 89

Discurso de recepção ao acadêmico Helenês Cândido 90

Poesia feita a Philemon Xavier de Oliveira, em decorrência de seu falecimento em 24/09/2016 93

Poema concorrente ao Oscar natural 94

Modelo 94

Emoção 95

Política em versos 95

Versos compartilhados 96

Mistério 98

Um mito ainda brilhante 99

Silêncio 100

Pelos caminhos da história 101

De Goiás e pelos trilhos da história de Morrinhos – GO – 1835-1920 101

José Cândido Ribeiro 109

Biografia do acadêmico: Helenês Cândido – cadeira nº. 13 111

Felicidade 112

Nem a distância 113

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo 114

Um grave erro histórico 118

Discurso pronunciado no IF-Goiano Campus Morrinhos, na inauguração da biblioteca daquela unidade de ensino que leva o nome de Sebastião Alves de Souza, pai do ex-governador do Estado de Goiás, Naphtali Alves de Souza, no dia 21 de junho de 2016. 123

O 29 de junho de 2016 e Dias Toffoli mais dez e o povo pelas tampas 125

Causos do caso e do ocaso 131

No mourão da porteira 133

Retrato da dor 134

O poeta e o tempo 135

O poeta, o côncavo e o convexo 137

Poeta aprendiz.....139
Violeiro aprendiz.....141
Os pequeninos de Jesus.....143
Um “basta” à violência.....144
Olhai os lírios do campo.....145
Somos vasos de Deus.....146
A sustentável leveza da construção do Lar Espírita José Passos.....150
Sessão Magna da Saudade.....152
Panegírico à Helenídes Cândido Mendonça.....152
Titular da cadeira número 13 – patrono José Cândido Ribeiro.....152
E se a Petrobras falir?.....156
E se no Brasil não tivesse corrupção?.....158
E se no Brasil tivéssemos bons políticos?.....158
Não vai ter golpe?.....160
Reflexões.....163
Luiz Mauro de Sousa Vasconcellos.....167
Dr. Luiz Mauro Vasconcellos.....168
Uma vida de amor a Morrinhos.....168
Doutor Honoris Causa.....169
Mestre (1992).....172
A fase do “enta”.....174
Estamos todos mortos!.....175
Gosto de pensar em você.....177
Guerreiro do amor.....177
Na dúvida... Seja bom!.....178
Pra poder falar de amor... 180
Tempo... Essa máquina de fazer monstros.....181
Um amor de verdade.....182

Sorrisos cibernéticos 183
Biografia do acadêmico: João Orlando Luiz de Oliveira – cadeira nº 23 186
Uma mulher à frente de seu tempo 187
Respingos históricos 189

SEGUNDA PARTE – ESCRITORES MORRINHENSES

José Elias Pereira: mineiro de formação – morrinhense de coração 193
Histórias dos jornais em Morrinhos – jornais morrinhenses: no passado, a história; na preservação, o futuro 197
Novo formato para o jornal "O Liberal" 199
O tempo não para, parece que foi ontem 200
A semente da cultura em Morrinhos 202
João Vilela 60 anos 205
O destino persistia 213
A felicidade de recomeçar 214
Meu primeiro haikai 215
Borda de uma folha arrancada 216
O bilhete encontrado sobre a cama 217
Oitenta anos de história 218
Homenagem póstuma ao Ms. Robison José da Silva 219
A escola na pós-modernidade: em busca de um ensino que deforme 221
Oitenta anos de dedicação 230

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 2 - 2016 - Anual

PRIMEIRA PARTE

ACADÊMICOS

DISCURSO DE POSSE DE ALAOR BARBOSA NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

Discurso de posse de ALAOR BARBOSA na ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS, na sede da Associação Nacional de Escritores (A.N.E.), em Brasília, Distrito Federal, no dia 23 de maio de 2016, às 20 horas.

Minhas Senhoras.
Meus Senhores.

Já contei esta história. Não bem história, e sim uma pequena experiência, que, no remoto ano de 1948, na minha cidadezinha natal, Morrinhos, no Sul de Goiás, se repetia com alguma frequência. Eu tinha então oito anos de idade e era aluno do segundo ano do curso primário no Grupo Escolar Coronel Pedro Nunes – o único na cidade. Na sala de aulas, existia um mapa do Brasil, mais ou menos comprido, pendurado à parede, ao lado do quadro-negro, um pouco acima de meia altura. Eu gostava de olhar, com atenção, no mapa. (Nasceu então, com certeza, meu hábito de ler mapas, que me tem proporcionado a agradável sensação e confortante percepção de que sei bem onde se situam os diversos lugares do mundo.) Desde a primeira vez que me postei diante dele, eu reparava em um quadradinho colocado entre os limites do Estado de Goiás, com estas palavras dentro: FUTURA CAPITAL FEDERAL. Eu via aquela mensagem, e me enchia de esperança, um tanto prejudicada pela dúvida: Será que um dia mudam mesmo a capital do Brasil pra cá, pra Goiás? Apesar da minha idade bastante tenra, eu já sabia bem o que é capital: uma cidade mais importante e principal, onde fica o governo. Ali em Morrinhos falava-se muito na *nova capital* de Goiás, Goiânia, uma cidade muito nova construída mesmo para ser a capital do nosso Estado de Goiás e que eu conhecera de passagem três anos antes, em uma viagem à cidade de Trindade, aonde fomos por causa da Festa do Divino, no mês de julho. Meu pai sempre se referia a Goiânia não pelo nome, mas pela condição de "nova capital". Goiânia habitava a

minha imaginação também como cidade muito desenvolvida, moderna e propícia para gente jovem estudar, pois lá estudava, desde 1947, meu irmão Geraldo. Quem quisesse se desenvolver tinha de ir morar em Goiânia.

O multifacético pioneirismo concretizado em Goiânia assumiu também, é preciso lembrar, uma certa liderança no movimento de luta em favor da mudança da Capital Federal. Coerentes com esse fato, e com a tradição dos goianos de participarem desse movimento, foram dois parlamentares goianos, Diógenes Magalhães e Guilherme Xavier de Almeida (este, natural de Morrinhos), que conseguiram inserir no texto da Constituição de 1946 a norma que previa e ordenou a mudança. É preciso registrar também que existia em Goiânia, se não me engano desde 1947, uma rádio de poderoso alcance, a Rádio Brasil Central, fundada pelo governador Coimbra Bueno, cujo lema era mais ou menos este: "Uma emissora dedicada à defesa da mudança da capital do Brasil".

A futura capital federal precisava de nome, e eu entrei a ver o nome Brasília referido de vez em quando, uns quatro ou cinco anos depois daquela época em que eu estudava no Grupo de Morrinhos. Acho que a primeira vez foi em 1952 ou 1953, em um encarte denominado *Ingra,* em formato tabloide, do *Correio da Manhã*, um dos mais importantes jornais do Rio (que meu pai assinava mais para obter papel de embrulho na sua venda). As duas páginas centrais do suplemento *Ingra* eram dedicadas à defesa da causa da mudança da capital federal para o Planalto Central. Quem as editava era uma jornalista goiana residente havia muitos anos no Rio de Janeiro, Dayse Porto (que eu vim a conhecer em 1956, na Associação Goiana do Rio, e de quem me tornei, posso dizer, amigo).

Tudo o que se referisse à mudança da capital federal me interessava muito. De esporádico, esse assunto se tornou frequentíssimo a partir do mês de setembro ou outubro de 1956, quando saiu, em manchete da primeira página do jornal Última Hora, do Rio de Janeiro, a notícia de que o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira ia construir Brasília e mudar a capital federal para o Planalto Central. Eu já morava no Rio, para onde me transferira em janeiro daquele ano, a fim de estudar. Ainda caminhando em direção ao apartamento onde morava, na Rua Corrêa Dutra, no Flamengo, decidi escrever uma crônica sobre o que

significava para Goiás e o Brasil aquela mudança que eu considerava profundamente transformadora. Incontinenti a redigi e a despachei, pelo correio, para o meu irmão Eurico, em Goiânia, para que ele a publicasse no semanário *Jornal de Notícias*, do deputado Alfredo Nasser, no qual Eurico colaborava. A crônica foi publicada poucos dias depois, mas eu só soube disso bem mais tarde.

E o Presidente Juscelino entrou a tomar, com rapidez e inaudita eficiência, todas as providências e medidas necessárias à construção da cidade projetada para ser a nova capital do País. O ritmo era acelerado: Juscelino tinha pressa, pois julgava que a mudança não se consumaria senão se feita por ele mesmo. Eu acompanhei, do Rio, a marcha da construção. A cada acontecimento positivo naquela história épica, eu vibrava de entusiasmo. Na *Revista Goiana*, que ajudei a ressuscitar na Associação Goiana, no Rio, em 1958, publicamos, na capa bastante colorida, uma belíssima fotografia do Palácio da Alvorada, já pronto, ou quase pronto. E uma das matérias principais daquela edição tinha por objeto a construção de Brasília: um texto poético elaborado pelo jornalista José Asmar, um goiano residente também no Rio havia muitos anos e que então trabalhava no jornal *O Globo*.

E a mudança se consumou. O que era coisa imaginária virou realidade concreta – e se existe realidade a que se ajuste bem o adjetivo *concreta*, essa é naturalmente a nossa cidade de Brasília.

O ficcionista que tenho sido há muito tempo mora dentro dessa realidade concreta há trinta e dois anos. Uma experiência riquíssima. Sou um deslumbrado com Brasília. O meu alumbramento se renova e repete a cada manhã, quando saio do meu apartamento e caminho através das superquadras residenciais da Asa Sul, depois de, por dez anos, havê-lo feito na Asa Norte. Um prazer imenso, caminhar entre tantas árvores bonitas da minha terra goiana, experimentando, com frequência, uma singularidade brasiliense: muitos dos caminhantes se cumprimentam uns aos outros, com bom-dia, boa-tarde, boa-noite. O prazer de contemplar continua quando me desloco através das amplas avenidas do Plano Piloto, e reparo, com muita atenção, quase como se os visse pela primeira vez, nos panoramas das sucessivas quadras e blocos sempre novos e surpreendentes nos seus ângulos e matizes ricos em cambiantes notavelmente bonitos.

Cidade que, por ser em si mesma uma portentosa obra de arte, e que, singularmente propícia à criação intelectual e artística, fez-se rapidamente, já nos seus primórdios, um extraordinário e fecundíssimo ambiente e viveiro de artistas de todas as artes, Brasília me ajudou muito a construir, durante este tempo em que aqui tenho vivido, a parte mais significativa da minha obra literária de ficcionista, que é, para mim, convém declarar, aquela que verdadeiramente importa. A concretude e onipresença da beleza desta urbe tão original, que concretizou e que documenta a criatividade do gênio brasileiro, e que, enquanto obra mormente humana, é também uma Cidade Maravilhosa, fecundou minha criatividade, me proporcionando condições favoráveis a recompor meus contos já prontos, a escrever outros tantos e a construir os meus romances, que antes de Brasília receava muito não ser capaz de realizar.

E hoje, agora, neste momento, assinalo e registro, com muita e natural emoção, este fato para mim extraordinário: aquele menino que em uma pequena cidade do interior de Goiás, sessenta e oito anos atrás, se perguntava se algum dia a capital federal viria mesmo pra Goiás, aquele menino está hoje adentrando e sendo generosamente recebido nada menos que na Academia Brasiliense de Letras, uma entidade representativa do escol da inteligência, da cultura, do espírito, da criatividade do povo que habita esta cidade tão fecunda e fecundante. Um acontecimento para mim grandioso, memorável, marcante, por tudo o que significa, inclusive o reconhecimento, de que todo homem necessita. E que se soma ao reconhecimento, a mim generosamente proporcionado, poucos anos atrás, por duas outras entidades culturais de Brasília igualmente importantes: o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e a Academia de Letras do Brasil, que também me fizeram seu membro efetivo. Vou parafrasear o grande mestre que foi Machado de Assis, dizendo que o reconhecimento, sinônimo de solidariedade e apoio, fortalece e estimula, além de ser o que "eleva, honra e consola".

Devo dizer que o reconhecimento que hoje se realiza em meu favor, nesta cidade, vem somar-se também ao extenso rol de ações de igual significação reconfortante que me foram proporcionadas também na terra onde nasci: em Goiás, me tornei membro da Academia, por eleição unânime, há exatos trinta e sete anos.

Preciso falar agora do patrono da cadeira, a de número 29, que venho assumir hoje na Academia Brasiliense de Letras. Confesso que, ao ouvir a sugestão, feita por esse fraterno amigo que é José Jerônimo Rivera, no dia da sua eleição para esta Academia, de pleitear também eu uma cadeira nela – sugestão logo reforçada pelo apoio espontâneo de outros amigos a quem devia e devo extrema consideração, dentre os quais tenho o dever de salientar Fábio de Sousa Coutinho e Anderson Braga Horta – muito influiu, na minha decisão de a aceitar, esse fato de ser a cadeira, que eu poderia vir a ocupar, patroneada por esse escritor extraordinário que se chamou Hugo de Carvalho Ramos, o qual, ainda na puberdade, na adolescência e na juventude, produziu um valoroso livro de histórias – intitulado *Tropas e boiadas* – e que, pouco depois de o publicar, decidiu, dramaticamente, ausentar-se deste mundo por suas próprias mãos, aos vinte e seis anos de idade.

Falemos dele, mas com a brevidade que a circunstância impõe.

Hugo de Carvalho Ramos nasceu em 21 de maio de 1895 na Cidade de Goiás, um pequeno burgo decaído de sua antiga grandeza de centro de produção de ouro, mas riquíssimo em cultura, em fecundas tradições, em valores humanos de extraordinária importância, e que ainda cumpria o papel de Capital do Estado. Ele formou o seu espírito lá mesmo em Goiás, nas escolas, na convivência com meninos e rapazes da sua geração, e em andanças através das zonas rurais com o seu pai, Manoel Lopes de Carvalho Ramos, um baiano de estirpe literária que, formado em Direito na tradicional Faculdade de Recife, se transferira para a longínqua província de Goiás a fim de exercer o cargo de Promotor na comarca de Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, na zona centro-oeste da província. Era poeta, esse Manoel Lopes de Carvalho Ramos. A principal produção do seu estro foi o poema épico *Goyania*, que conta em versos camonianos a história do descobrimento de Goiás pelo bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o primeiro Anhanguera, no último quartel do século XVII. O longo poema – que anos mais tarde forneceu o nome da nova capital do estado – foi editado em livro, em Portugal, em 1896, e trazido para Goiás em longas viagens de navio: um que veio de Lisboa a Belém do Pará e outro, que subiu os rios Tocantins e Araguaia até alcançar o porto de Leopoldina, no rio Araguaia. Desse lugarejo, hoje cidade de Aruanã, o livro foi transportado

para a cidade de Goiás, é fácil presumir que em carro de bois ou em alguma tropa que costumava fazer o trajeto Leopoldina – Goiás.

Com dezessete anos de idade, em 1912, após os estudos fundamentais e os médios, Hugo se transferiu para o Rio de Janeiro. Enquanto fazia, com um talento intelectual notado por alguns colegas, mas sem bastante empenho, o curso de Direito, ele se empenhou na sua atividade literária escrevendo contos e poesias.

Aos vinte e um anos de idade, em fevereiro de 1917, publicou o seu primeiro e único livro de ficção, *Tropas e boiadas,* cujas histórias revelam a sua profunda identificação com a terra em que nascera. Dos catorze contos e do romance *Gente da gleba*, que o integram na edição definitiva preparada por seu irmão mais velho, Víctor de Carvalho Ramos, nenhum discrepa dessa identificação telúrica – uma tendência literária, aliás, predominante na época. *Tropas e boiadas* participa do conjunto de livros configuradores de uma literatura regionalista que então se desenvolvia no Brasil, e que se representa muito clara nos extraordinários romances do baiano Afrânio Peixoto e nos belíssimos contos do gaúcho Simões Lopes Neto, em continuação da literatura muito bem produzida pelo cearense José de Alencar, o mineiro Bernardo Guimarães, o fluminense Visconde de Taunay, o maranhense Aluízio Azevedo, o pernambucano Franklin Távora, o maranhense Coelho Neto, o mineiro Afonso Arinos, o paulista Valdomiro Silveira, o paraense Inglês de Souza, o cearense Oliveira Paiva, o baiano que viveu em Goiás, Crispiniano Tavares, o maranhense Graça Aranha, e, pode ser incluído, o fluminense Euclides da Cunha, e que prosseguiria, em parte, nos contos do paulista Monteiro Lobato e nos contos e romances do fluminense Adelino Magalhães. Há quem vincule o livro do nosso autor goiano diretamente ao belíssimo livro de contos *Pelo sertão*, de Afonso Arinos, o grande filho de Paracatu, município confinante com terras goianas deste nosso Planalto Central.

É bom esclarecer que Hugo de Carvalho Ramos, apesar de sua condição de precursor e pioneiro no conto regionalista brasileiro, não foi o inaugurador do conto regionalista em Goiás. Antes dele, houve o valoroso escritor baiano, que acabei de citar, Crispiniano Tavares, o qual viveu em Goiás na zona sudoeste – na cidade de Rio Verde – e publicou, em Ube-

raba, um importante livro de contos, intitulado *Contos, fábulas e folclore*. Também em 1910, ano em que parece ter sido publicado o conto *O saci*, de Hugo de Carvalho Ramos, que não tinha mais do que quinze anos de idade, saiu, no *Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goyaz para o ano de 1910,* do Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, um conto, intitulado *Tragédia na roça*, de autoria de uma jovem (com vinte e um anos de idade) autora da Cidade de Goiás, Cora Coralina, que muito tempo depois, a partir do ano de 1965, se tornaria bastante conhecida em quase todo o Brasil, principalmente por causa da sua produção poética.

Vou transcrever o segundo parágrafo do primeiro conto de *Tropas e boiadas*, "Caminho das tropas", para dar uma pequena amostra do estilo e linguagem das narrativas de Hugo:

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o piraí na faixa encarnada da cinta, entre a "espera" da garrucha e a niquelaria da franqueira, desatou com presteza as bridas das cabresteiras, foi prendendo às estacas a mulada, e afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões."

Esse vocabulário bem marcado e o ritmo cadenciado e vigoroso constituem a tessitura e as principais características da linguagem e estilo e Hugo de Carvalho Ramos em todas as suas narrativas, que retratam com fidelidade o meio rural e o das pequenas comunidades sertanejas da terra goiana. Nelas se verifica ter ele pagado o preço da sua juventude, com algumas passagens o seu tanto imaturas e aqui e ali açamoucadas, com lapsos e impropriedades, mas sem prejuízo do notável e sempre presente vigor narrativo e de um extraordinário senso das proporções. Cada história possui a extensão necessária. Isso se verifica não apenas nos contos, mas também no pequeno romance, ou novela, como se queira, *Gente da gleba*, que é certamente uma pequena obra-prima na linguagem e estrutura e pela originalidade temática. *Gente da gleba* constitui talvez a primeira narrativa brasileira que apresenta o drama do trabalhador rural brasileiro, e, note-se, com uma veracidade quase documental, que não se encontra na nossa literatura senão nos romances posteriores a 1930: nela se verificam as duras e perversas relações de dominação e injustiça existentes entre os donos da terra e os homens que nela trabalhavam. Um extraordinário exemplo é a cena da cas-

tração que o latifundiário – sempre chamado apenas de Coronel – executa no pobre e indefeso rapaz que ousara defender contra ele a posse exclusiva de uma bela mulata do arraial de Curralinho. É bem sabido em Goiás que essas situações ocorriam na realidade no duro mundo da vida rural.

Ao construir as suas narrativas, Hugo de Carvalho Ramos exercitou, é fácil observar, a forte influência do estilo da prosa da época, construído, com muita densidade, principalmente por Coelho Neto e Euclides da Cunha, dois autores que Hugo de Carvalho Ramos leu muito e certamente absorveu com intensidade de uma certa época em diante, conforme nos conta Víctor de Carvalho Ramos no rico perfil biográfico que escreveu sobre o irmão mais novo. De Coelho Neto recebeu ele muito do estilo, a técnica de narrar, o gosto da minúcia. De Euclides, a visão sociológica, que se mostra em algumas passagens que parecem inserções estranhas em um texto de narrativa ficcional. Uma delas julgo necessário transcrever, apesar de um tanto longa:

Geralmente, o empregado na lavoura ou simples trabalho de campo e criação, ganha no máximo quinze mil-réis ao mês. Quando tem longa prática no traquejo e é homem de confiança, chega a perceber vinte, quantia já considerada exorbitante na maioria dos casos. É essa a soma irrisória que deve prover às suas necessidades. Gasta-a em poucos dias. Principia então a tomar emprestado ao senhor. Dá-lhe este cinco hoje, dez amanhã, certo de que cada mil-réis que adianta, é mais um elo acrescentado à cadeia que prende o jornaleiro ao seu serviço. Isso, no começo do trato; com o tempo, a dívida avoluma-se, chega a proporções exageradas, resultando para o infeliz não poder nunca saldá-la e torna-se assim completamente alienado da vontade própria. Perde o crédito na venda próxima, não faz o mínimo negócio sem pleno consentimento do patrão, que já não lhe adianta mais dinheiro. É escravo da sua dívida, que, no sertão, constitui hoje em dia uma das curiosas modalidades do antigo cativeiro. Quando muito, querendo dalgum modo mudar de condição, pede a conta ao senhor, que fica no livre arbítrio de lhe dar, e sai à procura dum novo patrão que queira resgatá-lo ao antigo, tomando-o ao seu serviço. Passa assim de mão em mão, devendo em média de quinhentos a um conto e mais, maltratado aqui por uns de coração empedernido, ali mais ou menos aliviado dos maus tratos, mas sempre sujeito ao ajuste, de que só se livra, comumente, quando chega à morte.

Não posso deixar de apresentar mais uma pequena amostra da linguagem e estilo de Hugo de Carvalho Ramos, transcrevendo um pequeno trecho de *Gente da gleba:*

A madrugada amiudava. Já as barras vinham quebrando e no cabeço dum serro, mui branca e tremeluzente, a estrela-d'alva minguara o seu clarão lacrimejante, anunciando o romper do dia.

Rédeas encurtadas, a niquelaria da cabeçada retinindo festivamente, Benedito deu entrada no arraial no trote picado da mula, que frechou direita ao rancho dos tropeiros.

Finalmente, devemos lamentar que Hugo de Carvalho Ramos venha caindo no esquecimento, tal como tem acontecido a um grande número de escritores brasileiros, não só da sua época. Seu livro *Tropas e boiadas* nunca mais foi republicado, depois que mereceu uma bela edição, a quinta e última, em 1965, com um valioso estudo introdutório elaborado por Manoel Cavalcanti Proença. O mesmo se diga do volume das suas *Obras Completas*, editado bem antes da quinta edição de *Tropas e boiadas*, calculo que na década de 1950, o qual incluiu, naturalmente, a sua produção poética, a qual, ao meu ver, não é de modo algum despicienda. Convém apresentar uma pequena amostra dessa produção: o poema "Sonho desfeito", incluído por Veiga Netto na sua preciosíssima "Antologia Goiana", editada em Goiânia no ano de 1944, com a informação de ter sido "Encontrado entre as páginas de um livro no Gabinete Literário Goiano":

E, contudo, também eu trouxe para a vida
Uma grande expressão de calma e de harmonia,
Que a tristeza do mundo aos poucos asfixia
Dentro d'alma a sangrar pela dor malferida.

Era um hino de paz, na apoteose do dia,
Erguendo para o céu campanários de ermida
Onde fosse rezar a prece mais sentida
O devoto de amor que dentro em mim jazia.

Mas depressa rasgou-se o hinário da esperança,
As páginas, então, dispersaram-se ao vento
E do passado esplendor já não há mais lembrança.

Ficaram para sempre enterrados no peito,
Ecos, sumida voz, que exalo num lamento
Ossuário de ilusões do meu sonho desfeito...

Julgo-me no dever também de falar do primeiro ocupante desta Cadeira 29, o ilustre biógrafo e historiador baiano Luiz Viana Filho. Em primeiro lugar, observando que Luiz Viana Filho focalizou a personalidade literária de Hugo de Carvalho Ramos com muita competência, minudência e acerto, no seu discurso de posse nesta Academia, ocorrida em 3 de dezembro de 1982. Além de um bastante informativo perfil biográfico, enriquecido de citações de cartas que Hugo remeteu a uma irmã, Luiz Viana Filho apresentou um exemplar levantamento da surpreendente fortuna crítica, unanimemente positiva, que alcançou o livro *Tropas e boiadas,* logo que apareceu, no mês de fevereiro de 1917. Vou transcrever um pequeno trecho do discurso de Luiz Viana Filho: "Não nos estenderemos sobre as apreciações com que a crítica recebeu *Tropas e boiadas*. Mas, não podemos silenciar haver Viriato Correa lido três vezes o livro, tanto este o empolgou. E Jackson de Figueiredo afirmou cheio de entusiasmo: 'Digo sem medo de errar que, dos escritores da nova geração, nenhum se apresenta assim, à entrada da vida literária, com tantas e tão formosas qualidades artísticas, tão segura técnica de um gênero difícil ou, pelo menos, raramente cultivado entre nós.' Ao mesmo tempo em que, para o irreverente Antônio Torres, 'Mágoa de Vaqueiro' é quase uma pequena obra-prima".

É preciso – digo eu – ousar corrigir o severo Antônio Torres, afirmando que "Mágoa de vaqueiro", pungente drama muito bem escrito é, sim, uma perfeita obra-prima – e não é a única em *Tropas e boiadas*. Também se pode assim classificar ao menos mais três das narrativas: "O saci", "A alma das aves" e "Ninho de periquitos". Essa qualificação cabe igualmente ao romance *Gente da gleba*.

Também o meu antecessor imediato, Kurt Pessek, ao se empossar nesta Casa, no dia 25 de setembro de 1991, na condição de sucessor de Luiz

Viana Filho na Cadeira 29, falou de Hugo de Carvalho Ramos com bastante justiça. Disse Kurt Pessek que Hugo de Carvalho Ramos "surge vulcânico, a arrostar a crítica, a se impor. Firme e engenhoso, faz nascer criaturas que parecem respirar". E arremata Kurt Pessek: "Sentar na cadeira de Carvalho Ramos dignifica qualquer um".

Sobre Kurt Pessek, meu antecessor imediato, devo informar que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1934, e faleceu em Brasília, em 2013. Seguiu a carreira militar, ingressando no Exército, no qual alcançou o posto de coronel. Atuou também na Aeronáutica. Participou do governo federal, na presidência do General Ernesto Geisel. Foi também jornalista, tendo dirigido o jornal Última Hora em Brasília. De sua atuação política é justo e necessário salientar que prestou valiosa contribuição ao processo de redemocratização do Brasil, ao participar, em 1984 e 1985, da campanha eleitoral do governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, candidato a Presidente da República, e que, eleito pelo Colégio Eleitoral, faleceu antes de tomar posse do cargo.

Pessek escreveu vários livros, entre os quais se salientam: *Espada, Terço e Trabuco*, *Os patriotas e Os descaminhos da Liberdade,* ambos os três de ficção histórica. O primeiro, no dizer de Cassiano Nunes, "descreve as primeiras décadas do século XIX no Ceará, as lutas entre os Melos e os Mourões e personagens ligadas à Igreja e ao Exército. Informa mais Cassiano Nunes: "O volume, baseado em documentos fidedignos, demonstra que a grande luta, no Brasil, foi sempre a luta pela posse da terra, pela grande propriedade, problema que continua atual no sertão, no campo. A obra, com serenidade e imparcialidade, demonstra também que a nossa história real – não a oficial, versão rósea dos fatos – está marcada pela violência e pela crueldade". *Os patriotas* reconstitui um breve momento – entre o início de outubro e o decurso de dezembro de 1711– da história do Brasil: o episódio de uma quase revolta popular contra a Coroa Portuguesa. *Os patriotas,* premiado em 1984 pela Fundação Cultural do Distrito Federal, foi editado em 1985. *Os Descaminhos da Liberdade* é um romance que reconstitui a chamada Inconfidência (que sempre prefiro chamar de Conjuração) Mineira.

O trabalho literário que certamente assegura a Kurt Pessek segura permanência no concerto dos autores brasileiros é o *Dicionário de Palavras Interligadas, Analógico e Ideias Afins*, editado, em Brasília, em 2010. Obra

de extraordinário fôlego, contém 809.075 verbetes, muitos deles definidos e exemplificados de modo muito minucioso, em mais de uma página. Esse livro exigiu do autor mais de quarenta anos de pesquisas e mais de trinta anos de trabalho na fase da escrita. Para escrevê-lo, recorreu a sessenta e oito obras de outros autores. Que eu saiba, antes desse dicionário de Kurt Pessek só apareceram, no Brasil, dois outros da mesma natureza: o primeiro, intitulado *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (Ideias Afins)*, de autoria de um professor secundário da Cidade de Goiás, Joaquim Ferreira dos Santos Azevedo, e que, embora elaborado ainda no início do século passado, somente veio a ser editado após a morte do autor, já na década de 1940; e o outro, denominado *Dicionário Analógico (Tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa),* escrito pelo sacerdote jesuíta Carlos Spitzer, alemão criado, a partir dos cinco anos de idade, em Porto Alegre, e que foi professor – lente catedrático –, naquela capital, no Colégio Anchieta, e falecido com apenas trinta e nove anos de idade, em 1922. Seu dicionário foi editado também postumamente, em 1936, em Porto Alegre.

Tive a satisfação e privilégio de conhecer Kurt Pessek em pessoa, em um encontro único, ocorrido em um almoço do Clube dos 21 Irmãos Amigos, nesta Capital, a que fui generosamente convidado pelo meu saudoso amigo Dario Abranches Viotti, valoroso escritor e jurista mineiro-paulista de quem tive a honra de ser colega de trabalho na Consultoria Legislativa do Senado Federal. Durante o almoço, realizado, calculo que em 2002, ou 2003, no restaurante do Clube de Golfe de Brasília, sentei-me à mesa ao lado de Kurt Pessek. E conversamos. Ele se revelou um conversador inteligente, culto, agradável, generoso. Eu ainda não sabia, então, que ele escrevia. Depois é que o soube, presumo que por informação de Dario Viotti.

Possuo também de Kurt Pessek uma palestra de cunho filosófico, gravada em um documento audiovisual, sobre o tema *Vida,* que ele pronunciou em 2008 no mesmo Clube dos 21 Irmãos Amigos, e que me foi gentilmente proporcionado, junto a um exemplar do romance *Os patriotas*, pela sua viúva, Neuza Pessek, a quem devo, mais uma vez, agradecer, desta vez de público, por suas bondosas atenções.

Kurt Pessek ingressou nesta Academia no dia 25 de setembro de 1991, tendo sido saudado pelo professor, ensaísta e poeta Cassiano Nunes, um paulista de São Vicente que escolheu Brasília para viver a parte mais

madura e a derradeira da sua vida. Devo transcrever, do discurso de Cassiano Nunes, estas palavras: "Senhor Kurt Pessek! Vós chegastes ao vosso lugar! Aprestai-vos para as campanhas incruentas do intelecto, para o mutirão em que o espírito nacional já está transformando o presente em futuro! Brasília é o lugar ideal para concretizar esse sonho de missão intelectual".

Do discurso de posse de Kurt Pessek, considero relevante apresentar um expressivo trecho: "Meus senhores e minhas senhoras, sou a dizer-lhes, em nome da gratidão, que apesar de ter escrito por anos a eito para outros, minha verdadeira oportunidade surgiu na querida Fortaleza, pela mão do Presidente da Academia Cearense de Letras, Cláudio Martins. A ele, e só a ele, devo a publicação do meu livro *Espada, Terço e Trabuco*, no qual tento mostrar a atuação das três grandes forças que formavam o Brasil monárquico.

"Há mister encerrar o discurso. Se sou com os confrades desta Casa de cultura, sou por galhardia de seus notáveis membros. Saibam ter sido esta a maior venera que a vida me ofereceu".

Mais adiante, depois de informar: "Procurei exaustivamente no regionalismo brasileiro o exemplo de fé capaz de dizer o quanto me vai n'alma", declarou Kurt Pessek: "Ainda no regionalismo, uso do verso que encontrei no livro *Mil Quadras Populares Brasileiras*, Carlos de Góes (1916). Serve-me bem de encerro:

Eu vou dar a despedida
Como deu o São José
Foi saindo, foi dizendo
Té amanhã, se Deus quisé.

Concluo, enfatizando minha gratidão muito profunda a todos os membros da Academia Brasiliense de Letras que tiveram a bondade de sufragar meu nome para compor este sodalício que tanto honra e valoriza a vida cultural de Brasília e do Brasil. Preciso agradecer de modo bastante enfático o apoio, em que se mostrou infatigável, que me prestou o meu amigo Fábio de Sousa Coutinho.

Alaor Barbosa.

LIGEIRO
POUSO NA ORIGEM
DOS HAICAIS

Haikai (Haiku ou Haicai) é uma forma poética de origem japonesa, surgida por volta do séc. XVI, que valoriza a concisão. O haicai é a arte de dizer o máximo com o mínimo.

Cada haicai capta um momento de experiência, um instante em que o simples subitamente revela a sua natureza interior e nos faz olhar de novo o observado, a natureza, a vida.

O haicai clássico japonês obedece à regra. Consiste em 17 sílabas japonesas, divididas em três versos de cinco, sete e cinco sílabas.

Modelo:

Lá vai meu boné
1 2 3 4 5

Volteando pelo céu
1 2 3 4 5 6 7

Cabeça-de-vento
1 2 3 4 5

No séc. XX o haicai disseminou-se por todo o mundo. O grande mestre dos Haicais foi Matsuô Bashô (1644–1694); que se dedicou a fazer do haicai uma prática espiritual, unindo a poesia com os princípios zen-budistas.

"Velho tanque
Uma rã salta
Fragor d´agua (Bashô)"

Guilherme de Almeida (1890-1964), advogado, jornalista, poeta, ensaísta e tradutor brasileiro foi o responsável pela divulgação do haicai no Brasil.

Em esquema proposto por Almeida, a 5ª sílaba do 1º verso rima com a 5ª sílaba do 3º verso, e o 2º verso possui rima interna (2ª com 7ª sílaba).

"Quem deu de beber
À rosa no vaso?
Não pode ela ao acaso
Gostar de morrer?"

O haicai está dividido em correntes, o tradicional Haicai japonês, como um poema de três versos, escrito em linguagem simples, sem rima, com dezessete sílabas poéticas (cinco, sete, cinco), e com referência à natureza, expressa por uma palavra (Kigô), que deve representar também a estação do ano.

Uma segunda corrente incorpora o Haicai à tradição brasileira, não valorizando tanto a métrica nem o Kigô.

Aceita-se que a contagem de 17 sílabas não seja seguida à risca, não devendo, no entanto, ultrapassar um máximo de 21 sílabas. Também não é necessário haver rima dos versos.

Foram os poetas Paulo Leminsk, Millôr Fernandes, Helena Kolody e Alice Quiz que, além de questionar a forma dos Haicais, ampliaram suas possibilidades poéticas em nosso país.

Confira
Tudo que respira
Conspira (Paulo Leminsk)

Qual?
Damos nomes aos astros...
Qual será nosso nome
Nas estrelas distantes? (Helena Kolady)

Fim de tarde
Depois do trovão
O silêncio é maior (Alice Ruis)

É meu conforto
Da vida só me tiram
Morto. (Millôr Fernandes)

Conclui-se, então, que o haicai é uma poesia identificada na simplicidade, naturalidade e com notável profundidade.

"Deus dá a todos uma estrela
Uns fazem da estrela um sol
Outros nem conseguem vê-lá". (Helena Kolody).

PALAVRAS DE CARMEN LÚCIA

Para mim, foi um momento de felicidade descobrir os Haicais.

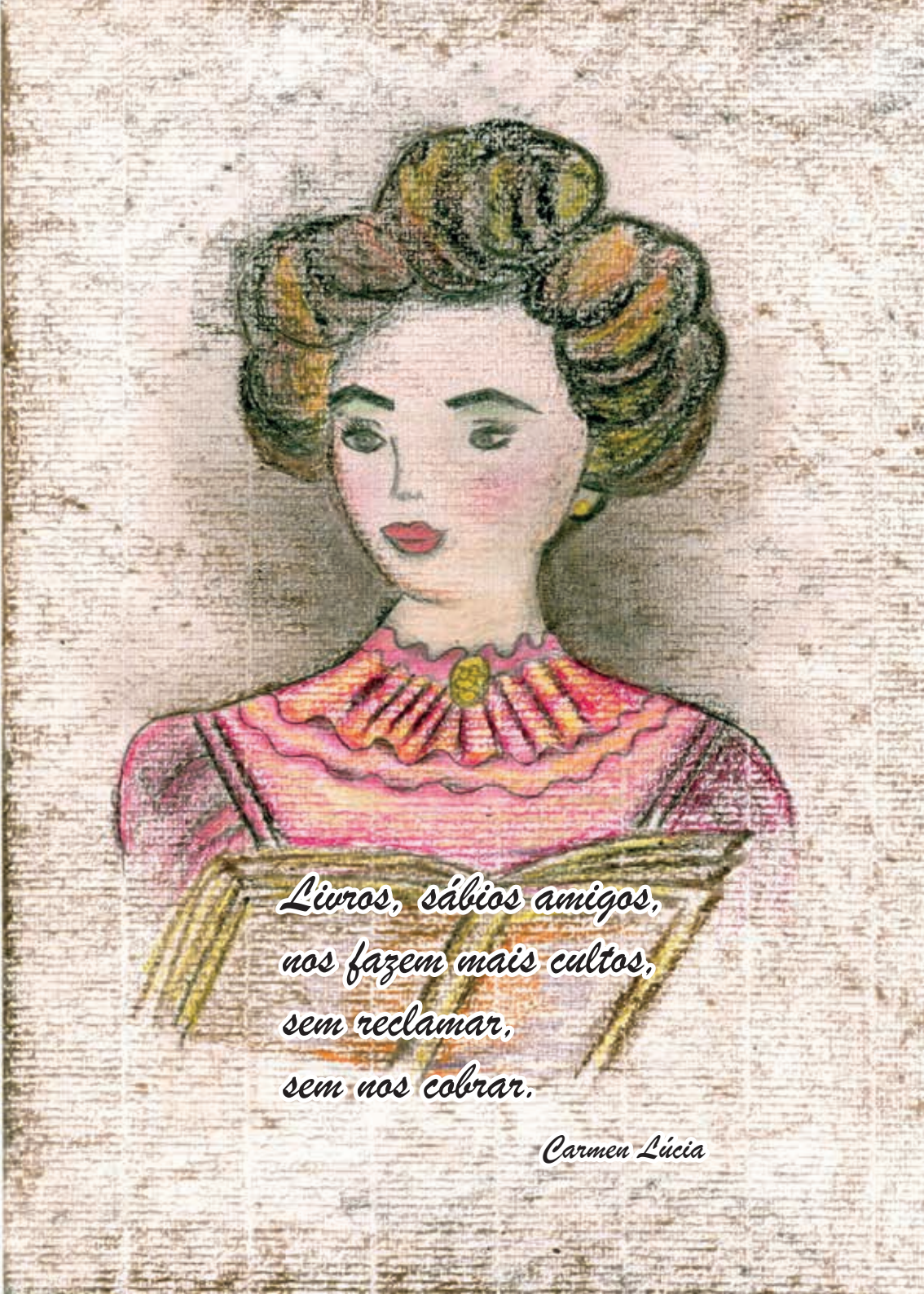
Adotei e admiro esta forma de escrever e expressar às emoções, os pensamentos, a reflexão com a agradável presença da poesia sutil que me faz sentir momentos indescritíveis de inspiração.

África aqui, África acolá
É sangue brasileiro
a jorrar.

Carmen Lúcia

Espantalho, quem o fez estático, engraçado e até feliz?.

Carmen Lúcia


Livros, sábios amigos,
nos fazem mais cultos,
sem reclamar,
sem nos cobrar.
Carmen Lúcia

Palmeira azul, folhas em movimento, o seu ritmo é o vento.

Carmen Lúcia

In Memoriam

Nos olhos
saudades,
melancolia.
No peito,
orgulho,
dor,
Medalha Reluzente.
Pelo heroísmo
pela glória,
pela vida
que não viveu,
pela mãe que o
perdeu,
pelo amor esquecido,
pelo filho
querido
que não
Conheceu.

Carmen Lúcia

Rebentos

Nossos rebentos
não são nossos.
São aspirações da vida.
Damos-lhes ternura,
são amados.
Caminham conosco,
Sentimos seus corpos,
damos-lhes, fortemente, as mãos.
Mas, suas páginas do amanhã
não são nossas, são deles a construção.
Nossos rebentos não nos pertencem,
São do imenso Mundo de Deus.

Carmen Lúcia

Pau de fumo

O cãozinho preto corre,
balança o rabinho,
faz festa.
Ele dorme, acorda, late,
sai correndo atrás das rolinhas.
Altas horas, reluzem as estrelas,
dorme o vento,
dorme a rua.
O cãozinho briga, faz barulho,
uma notória confusão.
Desmaia a noite, surge o dia,
brilha o sol, ... tudo é silêncio.
Assombro... passa o tempo.
Nada de cão!

Carmen Lúcia

Rosadas Paineiras

De perto,
de longe,
puro esplendor
que na mata
se esconde.

Mostram-se
em partes,
por inteiro,
solitárias,
plenas
de vaporosas flores.

Tremulantes,
desprendem-se
com a brisa,
transformam-se em lépidas
bailarinas

Vão caindo
Vão descendo,
até o chão alcançar.

Compõem o novo
ciclo da vida
que já vai
r
e
c
o
m
e
ç
a
r.

Carmem Lúcia

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA AML PARA O AUMENTO DO NÚMERO DE CADEIRAS – 24/03/ 2016

Aos 24 dias do mês de março do ano de dois mil e dezesseis, às 14h, em sua sede própria, deu-se início à reunião extraordinária da Academia Morrinhense de Letras, convocada pelo seu Presidente José Afonso, com a finalidade precípua de fazer aumento no número de cadeiras da Academia Morrinhense de Letras, passando do número de 25 para o número de 40. A necessidade de tal provimento deve-se a duas situações importantes: a) há uma quantidade relevante de pessoas de nossa comunidade, algumas residentes em outros municípios, as quais possuem produção literária consistente e que, simultâneo à produção, possuem o desejo de participar como membro da AML; b) outro motivo é que o formato das Academias de Letras do Brasil seguem o modelo da Academia Francesa, as quais se adequaram ao número de 40 cadeiras, consoante o protótipo francês. A nossa Academia estaria aquém do padrão institucionalizado e, por legalidade, deve-se, por analogia, adequar-se ao número de 40 vagas. Diante disso, achou-se por bem, por necessidade ampliar o seu quadro e, notadamente, por legalidade, convocar a presente reunião extraordinária, para tratar e aprovar a questão ora proposta. Estando todos os presentes acordados quanto aos itens aqui colocados em pauta, ratificamos, a partir desta data, que a Academia Morrinhense de Letras contará com 40 cadeiras em seu quadro associativo, número ao qual, obviamente se chegará de forma paulatina. Não havendo nada mais a tratar, eu, Cleusa Marina Silva Freitas, secretária, lavrei a presente ata que, após lida e achada conforme, vai assinada pelos presentes.

RESUMO DA ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA AML PARA VOTAÇÃO DOS QUINZE NOVOS PATRONOS – 30/06/ 2016

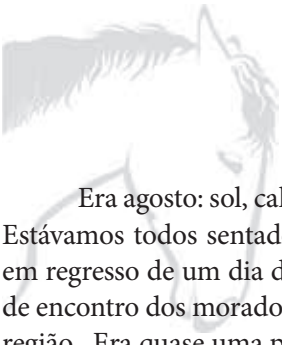
Aos 30 dias do mês de junho de dois mil e dezesseis, às 20h, em sua sede própria, deu-se início à reunião extraordinária da Academia Morri-

nhense de Letras, convocada pelo seu Presidente José Afonso, tendo como pauta a votação dos quinze novos patronos, dentre os vários nomes apresentados, os acadêmicos presentes votaram e aprovaram as seguintes pessoas:

Lista dos Novos Patronos da Academia Morrinhense de Letras

Cadeiras	Patronos
26	Jair Luiz Ferreira (Chico Flor)
27	Agenor Braga
28	Adormevil Rocha
29	Jair Martins do Carmo
30	Maria Amélia Costa
31	José Elias Pereira
32	Flávio Cascão
33	Maria das Graças Alves Ferreira
34	Alfredo Lopes de Moraes
35	Antônio Rosa Ribeiro (Falcão)
36	Irene Frauzino Pereira Cruz
37	Valterli José Alves
38	Luiz Mauro Vasconcellos
39	Pe. Oswaldo Casellato
40	Jair de Freitas

Cleusa Marina Silva Freitas.



PURO SANGUE

Cleusa Marina Silva Freitas.

Era agosto: sol, calor, mosquito, poeira, vento em redemoinho, secura. Estávamos todos sentados em duas banquetas na cozinha da avó Sinhana, em regresso de um dia de festa no povoado de Sincrolândia. Lá era o ponto de encontro dos moradores fazendeiros, meeiros e peões de fazenda daquela região. Era quase uma pequena cidade: possuía uma igreja, uma Praça com Coreto, um campo de futebol, uma escola de ensino primário, duas vendas e cerca de duas dúzias de casas ao seu derredor. Só faltava a cadeia para ser elevado à condição de, pelo menos, vila. Tinha até um líder político-administrativo – resolvedor de problemas de quaisquer naturezas: desde separação de casal até pequenos furtos e conflitos menores – era o senhor Bartolomeu. A sua palavra (última) aquietava com os mais desequilibrados ânimos.

A maior decorrência de conflitos provinha de uma quase unânime causa: uma cachaça de engenho, puramente destilada, sem soda, a qual descia goela abaixo, de forma macia e subia, em segundos para a cabeça e "balançava" o juízo de qualquer sujeito equilibrado – era a famosa LP.

Essa foi a causa daquilo que haveremos de presenciar. Voltemos à casa da Vó Sinhana. Ouvimos o tropel de um alazão descendo a entrada da sede do meu avô Idelfonso, para nós, netos, Vôfonsim. Parecia um animal fatigado, pelo uso das esporas e rédeas curtas, em um proooc... proooc.... proooc... que decorria do atrito dos cascos com o cascalho da estrada de chegada à sede. Todos deduziram ser o tio Gervásio – o primogênito da família, forte, cabelos e bigode pretos – o homem da propaganda da Gillete Azul – como dizia o meu pai. Tio Gervásio tinha ficado remanescente junto à venda do seu Bartolomeu. Chegou, levantou poeira no curral dado ao azorrague usado para espoliar o próprio animal, levantando uma poeira ácida de estrume ressequido que invadia a casa.

Desapeou, e veio arrastando as esporas dos pampas, num sonoro traaac... traaac.... – produto da fricção de metal e assoalho. Quando chegou ao topo da longa escada de 17 lances a qual ligava a sala de jantar à cozinha, o seu corpo alto e robusto, cambaleou naquele limiar de estabilidade e instabilidade e todos se assustaram prevendo ver um iminente acidente que

marcaria o fim do equilíbrio. O único tio que se encontrava na cozinha, o tio Décio, falou, com rodeio:

– Mano Véio, quer se achegá a nóis aqui na cozinha da nossa mãe? Ele frita torresmo e pele de porco pra gente começa na janta. Vô subi aí pra te ajudá...

Aquele foi a maior ofensa para tio Gervásio. Num segundo, saca de uma peixeira tão afiada que os últimos raios do sol que se punha, refletia num chispe de fogo na sua lâmina.

– Vô é experimentá essa pexera no figo de quem acha que num desço essa escada...

Sua voz era pastosa e revelava o seu estado de embriaguez. Minha avó, entre assustada e desesperada, embora fosse sempre calma, suspirou e balbuciou já com os joelhos no chão:

– Meu Divino Pai Eterno!!! Nossa Senhora da Guia, desvie o maligno desse lugar! O tio Gervásio chispava xingamentos e ameaças. Todos saíram em corrida aflita para o fundo do quintal, o qual dava para o Córrego das Antas. E todos lá se refugiavam. Somente a minha avó, o tio Décio e a tia Alvina – mulher do tio Gervásio – que, aos prantos, suplicava a ele que se acalmasse. Parecia brincadeira... quanto mais a ele era pedido calma, mais ele se enfurecia... Quando viu que não havia mais ninguém para atemorizar, disse em bom tom:

– Vô acertá as conta é cum meus fiíos... andam cabeçudos qui nem só...

Minha tia desesperou. Tinha deixado em casa oito dos seus 11 filhos. E, num relâmpago, tio Gervásio subiu no animal, cortou-o nas esporas e rumou à sua própria casa. Minha tia esbravejava, em gritos:

– Desgraçaaaaado... tomara que caia e quebre a cabeça... não vai judiá dos meus inocente, não!!!!...

Só se ouvia um tropel que, gradativamente, desaparecia na boca da noite. Tia Alvina, com seus cabelos claros, extremamente rebeldes e ressequidos, enrolados em desalinho, arrancava os próprios cabelos em sinal de impotência.

Aos poucos, todos retornavam à casa da sede, para presenciar o desfecho do conflito e saberem a que fim se encaminhara. Nisso, um trote descompassado, arrastado, um relinchar de um animal servil, que volta àquela mãe em desespero; o seu relinchar era débil, achegou-se à cerca do curral e, finalmente, juntou-se ao chão: fora sangrado!!! Cordeiro do homem!...

VITÓRIA RODRIGUES TRONCOSO

Texto de Maria Cristina enviado a
Francimar Bezerra de Almeida.

Em 03 de outubro de 1905 chegou ao lar de Arthur Rodrigues (espanhol) e Haideê Moreira Rodrigues (neta de espanhol), a 2ª filha do casal (dos 12 filhos) na cidade Uberaba (MG). Uma linda menina de cabelos loiros e cacheados, e a ela deram o nome de Vitoria, em homenagem à avó Vitória.

O pai Arthur Rodrigues era maquinista da estrada de ferro e tinha o cargo de chefe da linha Mogiana. A mãe Haideê do lar.

Vitória teve o apelido de Torinha, como sempre foi chamada pela família e ficou conhecida por Torinha. Embora sendo a 2ª filha, sempre ajudou a mãe nos afazeres da casa e no cuidar dos irmãos. Aos 16 anos, casou-se com David Troncoso Carrera (24 anos), um espanhol vindo de Goyan, município de Ponte Vedra, na Galicia. Viveram em Uberaba onde tiveram os três primeiros filhos: Roberto, Maria Aparecida e Eleuza. Depois Na década de 1920 mudaram para Pires do Rio (GO) onde tiveram mais três filhos Elza Rubens e Dolores (Lolita). Torinha sempre cuidando da família, pois seu esposo David era viajante e ficava meses fora de casa. Mãe dedicada, amorosa e cuidadora dos filhos. Na década de 30 até 1940 voltaram para Uberaba (MG) onde tiveram mais dois filhos Carmem e David Junior. Carmem faleceu com 1 e 6 meses. Vitória quase ficou louca, mas foi bastante forte por causa dos filhos, conseguindo superar a perda. Em 1940, foram para Morrinhos; seu esposo David alugou o Hotel (na época denominado Grande Hotel, hoje Nossa Senhora Aparecida). Autoridades moravam no hotel as jardineiras saíam do hotel, alguns bailes eram feitos no salão do hotel. Porém depois deixaram de ter hotel, mas continuaram em Morrinhos. Torinha, foi bordadeira e crocheteira, ajudava a fazer salgados na casa de Dr. Sylvio Gomes de Mello e D. Lourdes para as festas importantes da cidade. Sempre ajudou os filhos na

criação dos netos. Vitória quando tinha o hotel deu guarida a várias famílias necessitadas, ajudou a criar filhos alheios que hoje muitos ainda viventes são ligados à família de Vitória. Quando estava com 46 anos, ficou grávida de Maria Cristina que veio depois de 14 anos do caçula. Ela, no começo, escondeu dos filhos, pois muitos já eram pais e tinha filha grávida e sentia-se desconfortável. Teve muito medo de morrer e não criar a filha. Ficou viúva em outubro de 1965 e, daí por diante, sempre companheira e morou junto da caçula. Em Morrinhos, participou de novelas na Rádio Morrinhos, e teatro dirigido por D. Zilda Diniz. Em 1972, Maria Cristina foi trabalhar no Banco do Brasil e ela a acompanhou em toda a trajetória. Primeiro Orizona (GO). Lá Maria Cristina casou-se com Jair também do Banco do Brasil; foram transferidos para Porto Nacional (GO), Dianópolis (GO), Cristalina e chegaram até Goiânia (GO) no ano de 1990. Vitória, embora tivesse somente o curso primário sempre gostou de ler e escrever. Escreveu individualmente um livro da vida de cada filho, encapou-os com organdi que ela própria bordou e entregou a cada um, a sua vida ali narrada. Muito dinâmica, acompanhava política, futebol enfim, sempre atualizada. Ajudou a Maria Cristina a criar os três filhos. Muitos são os escritos deixados por ela em cadernos. Para homenageá-la, uma neta editou um dos livros dentre eles o dedicado ao seu filho Rubens intitulado *Relatos de uma vida feliz*. Torinha gostava de andar sempre bem arrumadinha, unhas feitas, dizia: "não podemos decepcionar nossos filhos". Muito religiosa, era devota de Nossa Senhora Aparecida.

De 1985 até sua morte perdeu os filhos: Elza e Rubens; os genros Sebastião e Arédio; a nora Marieta e a neta Jane Célia.

Falava: "Seja tudo pelo amor de Deus! Se aqui ficamos (estamos) é porque nossa missão ainda não se cumpriu.".

Em 07 de dezembro de 2007 faleceu aos 98 anos, e bastante lúcida ainda.

Foi muito amada e querida, por onde passou deixou saudades.

Mulher exemplo de fortaleza, dignidade, misericórdia, caridade e AMOR.

Seu neto, Nilo Sérgio, fez uma poesia que retrata muito a sua vida.

FILHA DE UM TEMPO SEM IDADE

Ela vem de um tempo sem idade,
lembrado por seus cabelos brancos,
fincando raízes, de cidade em cidade,
sempre aos "trancos e barrancos".

Menina casada veio do Beraba bão,
direto para a pequena Pires do Rio,
sem poder reclamar, sem dar um pio,
foi parar em Morrinhos, então.

Orizona e Porto Nacional brilharam na sua tez.
Dianápolis teve o prazer da sua presença.
Cristalina também teve a sua vez.
E Goiânia alberga agora a sua crença.

Foi mãe de nove crianças,
mas protegeu outras tantas,
com fé, amor e esperança,
dizendo: - Deus a dor espanta.

Para os seus rebentos criar,
o trabalho lhe fez companhia,
a costura como talento guia,
que ela fazia, como se fosse rezar.

Da mãe herdou a doçura.
Do pai uma enorme bravura.
Do pouco fez muita fartura,
sem nunca perder a candura.

Ela é o fruto para alimentar.
Ela é o cerne para sustentar.
Ela é a raiz para fixar.
Ela é o colo para o neto descansar.

Ela é Victória, no nome e na vida.
Da corda ela é o fio, a ponta e o nó.
É uma mulher forte, esclarecida,
ELA É TETRAVÓ.

SUA BÊNÇÃO, MINHA AVÓ.

Nilo Sérgio / 1.999

Ser jovem é olhar a vida de frente, bem nos olhos
Saudando cada novo dia
Como presente de Deus

Ser jovem é realmente
O entusiasmo, o sorriso
A esperança, a alegria
A cada amanhecer.

Mesmo que tenhas quarenta,
Sessenta ou oitenta anos
Podes ser jovem de espírito
(Vitória)

Obrigada filhos e netos.
Saudades.

Vitória Troncoso.

***

Mi adorado esposo David
Por tu recuerdo
Por el recuerdo
De tus claros ojos
Que no me han mirar
Amo las esmeraldas fabulosas
Verdes y transparentes, como el mar

Por el recuerdo de tus rajos labios
Perfumados con sangre de clavél
Amo-la activida de los panales
Rebosiantes de miel.

Por todo que fueste en mi existencia
Tristeza, duda, amor
Vives en el altar de mi recuerdos
Como un idolo cleno de explendor
Y aunque passem los dias y los años
Y sepa que jamas ti he encontrar
Evocando tus ajos y tus labios
Si mi vam los minutos en soñar

Sua esposa Vitória

***

Vitória Troncoso.

BIOGRAFIA DA ACADÊMICA:
FRANCIMAR BEZERRA DE ALMEIDA – CADEIRA Nº 05

Francimar Bezerra de Almeida é Jornalista formada pela UFG e Cientista da Religião pela UERN. É professora de Ensino Fundamental desde os 18 anos. Fez curso de língua inglesa e espanhola até o nível avançado. Especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania pela UFG. Começou a escrever aos 13 anos quando resolveu recontar as histórias que sua avó contava por ocasião de suas visitas lá no Sítio Areias, no interior do Rio Grande do Norte. Desde então não parou. Sua experiência em rádio e jornal lhe enriqueceram a objetividade em seus textos de ficção. Passeia pela poesia de vez em quando. Vivencia a prosa diariamente. Escreve para o Sistema Pomares de Ensino desde 2011 produzindo material didático para aulas de Valores e Ensino Religioso. Ocupa a cadeira nº 5 da Academia Morrinhense de Letras desde setembro/2016.

TELHADOS

Telhados... molhados... mofados...
Depósito de antenas parabólicas.
Local de encontros amorosos.
Gatos no cio.
Coruja no fio.

Telhados...vermelhos... marrons...

Horizonte de esperanças.
Testemunhas de intimidades.
Proteção!
Da chuva... do sol...

Telhados... molhados... serenados...

Fuga para gatunos.
Cinema pra lua.
Um degrau para os céus.
Pouso para aves migrantes.

Telhados... de zinco...de laje...de lona...

Francimar Bezerra de Almeida.

SENTADA NA AREIA

Lá está ela sentada na areia
Ouvindo os segredos do mar
E o mar segredos a lhe contar.
Enquanto as ondas lhe beijam os pés
Ela joga beijos ao mar,
Que levou seu amor.

Se ele vai voltar não sabe dizer.
Nem o mar lhe contará,
Mas sussurra em seus ouvidos
Que ele olha de onde está,
Para ela.
Sentada na areia a esperar.

Dia vai, dia vem,
Onda vai, onda vem
Tudo parece ir embora,
Mas os segredos do mar
E os sonhos dela continuam
No mesmo lugar, a esperar.

Francimar Bezerra de Almeida.

TEMPO CERTO

Ellen Carneiro Vale

Homenagem ao Dr. Luiz Mauro Vasconcellos.

O relógio, na parede, badalou sete vezes, sete notas musicais.

Alguém passou por aqui... Deixou o perfume e o tom do seu vibrar... Ficou o SOPRO.

Foi você, Dr. Luiz Mauro, nosso conterrâneo, filho da terra, que chegou.

Revirou, remexeu gavetas e os baús da memória desta gente. Daqui e dali, o povo gostou, colaborou. Hora e tempo certos.

Caixinhas de músicas revelaram as sutilezas românticas da época. Porcelanas finíssimas e cristais são guardados ainda, com carinho, pelos descendentes.

Encontros, confraternizações, almoços, conversas agradáveis e trocas de informações.

Você, o chefe... Nosso chefe virtual, sempre presente. Uma egrégora se formou. Alegria não faltava; muita graça foi contada. Você puxando a corda e a história vindo à tona, "serpenteando" o passado. "Causos" muito singulares e interessantes animavam as reuniões.

Antepassados nossos, renasceram da poeira do tempo. Histórias e lendas reviradas: cartas, retratos, documentos... Caíram nas redes sociais. Juntos, morrinhenses que somos, elos e mais elos, nosso povo é um só. A mesma raiz! Nossa cidade se tornou mais iluminada. Aqui, neste cantinho, gente ilustrada, com outras gentes, nas suas maneiras de ser, todos os amigos, liam as mesmas obras clássicas, tais como: Alexandre Dumas, José de Alencar, Castro Alves, Olavo Bilac, Leon Tolstoy e William Shakespeare, dentre outros.

Morrinhos, nosso chão, berço de artistas, intelectuais, escritores, oradores e poetas. Representantes políticos respeitáveis, éticos, estaduais e federais, orgulho nosso, trouxeram para nossa cidade muito progresso e prosperidade, especialmente na área de educação.

Um livro foi escrito... Não publicado. Continua navegando nos ares; belas páginas, beleza cultural do nosso povo.

Você, Dr. Luiz Mauro, idealista, visionário, plantou aqui, neste solo de todos nós, uma bandeira virtual, tremeluzindo ao vento, levando a poesia da nossa alma, a correntes de outros ares.

A hora chegou. O relógio, na parede, badalou as sete notas musicais. DO, RE, MI, FA, SOL, LA, SI. PAROU. O oitavo som não tocou. Continua sonoro, na espiritualidade, rumo à Consciência Plena, ao CRIADOR!

Você, translúcido, Fênix, voou. Abstraiu-se, transcendeu! Voltou à "Origem".

Lembranças são luzes que nunca se apagam nos nossos corações.

A ÁRVORE, A LÂMPADA E O GÊNIO (Inconsciente).

Minha lâmpada genial
(Límpida, cintilante)
Pensando em ti é que estou aqui
– Vital, etérea, luzindo –
Fluindo ricas emoções, que nunca senti
Veículo meu, és tocha, guia imortal
Te escuto na longitude de mares sem fim
Cascatear de ninfas e ondinas – nereidas matutinas
Brisas vaporosas, sutis
Vejo, sinto dentro de mim
Sussurros, doces palavras – fé e emoção –
– Exortação – será por mim?
Sinfonia vegetal
Das flores ouvi
Terna mensagem, notas afins
Se elevando

Vibrando aqui
Fantasia, sons tocam minh ‘alma
Farfalhar de asas, ternura, sossego e calma
Borboletas azuis!
Matizes virginais
Enigmáticas estrias, corais ondulantes
Gotas pingando deste brotinho aqui.

Árvore bendita, és imaculada
Que força estranha levas em ti?
Cinco sementes te representam
Neste sagrado chão
Orgulho meu de servir
Dádiva de Mestre, alegoria, seiva do porvir:
– Trabalho, Fé, Vontade, Amor e Luz
Divisas gloriosas, faixas do meu torrão
No trono, uma coroa, um cetro, um buril
Guardo substância no “Refúgio” deste solo
Para glória e ventura do jovem e do ancião.
Encimando este recanto
Única bandeira ostento
A desfraldar do altar
Mística inspiração
– Alvura do gênio – mágicas essências
Alcançando confins e montes
Derramando sonhos e ideais nesta taça de Aladim.

Ellen Carneiro Vale.

ECOS DA RAZÃO

Acalentei-te há milênios
Quando dormitavas na pedra
O sono da coesão
Na vigília da monera te beijei.

Acariciei-te, um dia,
No perfume da flor
Em que tempo, era,
Não sei.

Quando ainda rastejante
Te guiavas passo a passo
A um abrigo seguro
Eis que
Um sopro te abre os olhos e...
Te dei a mão

Despertaste assim
Num "instante" da eternidade
Com fome e sede de luz...
Em mim.

Ellen Carneiro Vale.

PALAVRAS AO VENTO

As palavras que o vento traz,
Também leva pra trás.
É a voz da consciência, ressoando aqui e em todo lugar.

Vai e volta
Como o ar,
Para os silfos dançar.

Só a verdade dita fica com a gente.
O silêncio é um teclado, com todas as notas vibrantes.
Cada uma tem "espaço e tempo", para que **"cante"** o som da Harmonia.

Todas juntas
É a sinfonia
Um bailado que vai longe
Para o espaço sibilar.

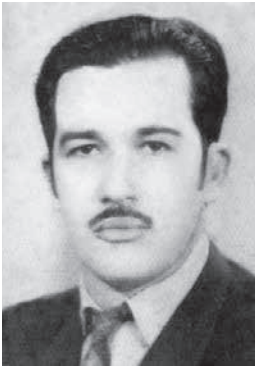
Ao meu filho Carlos Alberto,
Que tem o dom da música.

Foi ele mesmo quem disse:
"Não jogar palavras ao vento,
Sem fundamento".

Ellen Carneiro é artista plástica e poetisa. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), desde o ano de 1971, pelo setor artístico literário. Membro da Academia Morrinhense de Letras (AML), desde sua fundação.

UM TRIBUTO A CHICO FLOR

Wander Oliveira Melo



Jair Luiz Ferreira, popularmente conhecido como "Chico Flor", nasceu no dia 07/01/1927, na região da Formiga no município de Morrinhos, Estado de Goiás; filho de Luiz Ferreira de Castro e Leolina Faustina de Castro, estudou somente até o 2º ano primário, mas tinha uma grande inteligência e aprendia as coisas com muita facilidade.

Seu primeiro matrimônio foi com Isaura Umbelina Ferreira com a qual teve três filhos: Altamirando, Lindalva e Vander. Após o fim de seu primeiro casamento, Chico Flor conheceu Teresa Maria de Oliveira com quem passou a ter união estável e tiveram um casal de filhos: Lindamar Maria Ferreira e Lindomar Luiz Ferreira.

Chico Flor trabalhou por muitos anos como radiotécnico, consertando rádios e televisores, tanto na sua casa situada à Rua Goiás nº 255, Centro, como na sua pequena oficina situada à Rua Barão do Rio Branco nº 908, Centro. Sua oficina ficava entre o antigo Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais e o prédio onde funcionava o Bar Presidente, bem de frente com o antigo escritório da Celg. Nessa pequena oficina, no ano de 1959, Chico Flor, amante do rádio e visionário da comunicação; colocou um pequeno transmissor com duas caixas de som bem na entrada, dando vida à "Pequena Rádio Miniatura".

Nessa Rádio Miniatura, Chico Flor, tinha um programa de auditório onde apresentava várias duplas sertanejas da cidade e região tais como: Campinho (Sebastião Bento) & Palmeirinho, Dalmo & Delmo, Trio Mirim, Irmãos Monteiro, que na época gravaram LPs, em São Paulo dentre outras duplas. (BENTO, 2016, p. 133).

Segundo entrevista feita com o escritor José Afonso Barbosa no dia 22/06/2016, o mesmo narra que ele e seu irmão João Afonso Barbosa vi-

nham da fazenda para cantar nesse programa e apresentavam-se como "Morais e Moraizinho".

José Afonso Barbosa ainda conta que Chico Flor, era muito querido pela população da zona rural, pois através de seu programa na Rádio é que os moradores da roça ficavam sabendo de todos os fatos ocorridos na cidade. Além de animar os moradores da cidade e do campo com seu programa de auditório apresentando duplas sertanejas e músicas, também auxiliava as pessoas que, às vezes, estavam perdidas na cidade, ou que precisavam usar o Rádio para fazer algum anúncio ou convite.

Esse jeito inovador de apresentar os programas trazia para perto de si os ouvintes; ora ficavam ao redor do rádio no horário de seu programa ou iam ao programa para assistir as apresentações dos cantores locais, ou iam para se apresentarem como cantores, como José Afonso e seu irmão. Chico Flor, ao dar oportunidade para os artistas da região, revelava muitos sucessos locais, como Reizinho e Reinaldo dos quais era grande amigo. Na figura abaixo, Chico Flor aparece ao Lado de Reizinho da dupla Reizinho e Reinaldo.

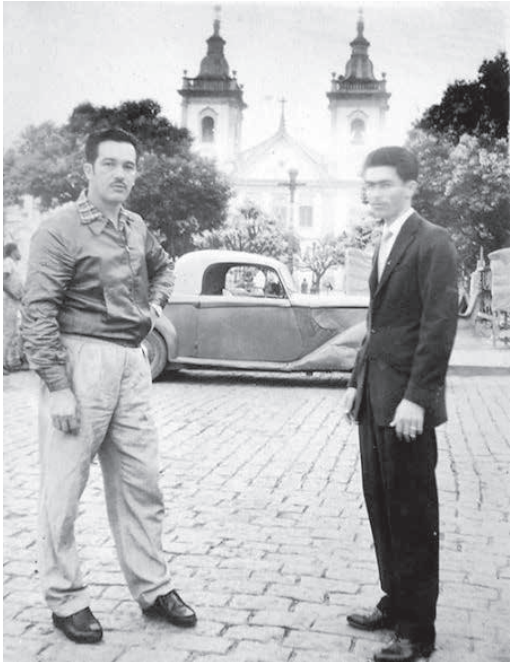


Figura 01: Chico Flor e Reizinho da dupla Reizinho e Reinaldo.

Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Segundo Sebastião Bento descreve em seu livro *Tradições Morrinhenses,* Chico Flor foi compositor e experiente cantor, desde o início da década de 50. Formando a dupla Jair & Catarino, que cantava na sala de espera do cinema de Lucicílio Frauzino, na Rua Barão do Rio Branco em Morri-

nhos – Goiás, antes da fundação do Cine Hollywood e nos circos e parques de diversão da cidade. Mais tarde, formou a Dupla Chico Flor & Zé do Mato (Roque) e, por último, a dupla Chico Flor & Zé Garoa, conforme figuras abaixo. (BENTO, 2016, p. 132).

Figura 02: 2ª Dupla - Chico Flor e Zé do Mato
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Figura 03: 3ª Dupla - Chico Flor e Zé Garoa
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Dentre suas composições podemos destacar as seguintes músicas que fizeram e ainda fazem muito sucesso:

Atenda meu Pedido

Cantores: Zé Mulato e Cassiano
Compositor: Chico Flor

Se eu soubesse que me deixaria
Eu não lhe queria pra viver chorando
Estou sofrendo noite e dia.
Não tenho alegria em você pensando
Sei que a paixão me mata
Nem por isso ingrata estou lhe implorando.
Você, tenha dó de mim
Não me deixe assim no triste desengano
Porque se me abandonar
Não vai ser feliz em me ver penando.

Amor, atenda meu pedido
Você não compadece
Porém se soubesse o que tenho sofrido
Amor teria dó de mim
Você me amaria não me deixaria sofrer assim

Amor, atenda meu pedido
Você não compadece
Porém se soubesse o que tenho sofrido
Amor teria dó de mim
Você me amaria não me deixaria sofrer assim

Fonte: Acervo Olentino Nunes

Morena Orgulhosa

Canção Rancheira (Chico Flor)

Olhes para mim querida
Recorde o passado e repare em meu rosto
Quanta tristeza estampada
Nas faces molhada de chorar desgosto
Vejo meus olhos cansados
Meu corpo marcado em larga cicatriz
Minha alma ferida meu peito magoado
Eu sofro calado o que o destino quis.

Você me abandonou
Molhei o meu lenço de enxugar meus prantos
Vendo você que partia
Minha dor sorria zombando-me tanto
Quando a velhice chegar
O tempo levar os encantos que têm
Todo seu orgulho e sua beleza
Eu tenho certeza e da terra também.

Quando um dia eu morrer
Em minha campa eu não quero flor
Quero gravado um letreiro
Naquele cruzeiro pra ler meu amor
Quando visitar-me um dia
Nesta campa fria vai chorar demais
Vai compreender que debaixo da terra
Depois que morrer todos somos iguais.

Fonte: Acervo Olentino Nunes.

Apaixonado

Tango (Chico Flor)

Entre soluço, dando suspiro doído,
Vem a seus pés implora o seu amor
Em alta noite ouvi meu triste gemido
Em sua janela procurei esquecer minha dor
Ao som profundo de um tangente violão
Em madrugada quando apaga a luz da lua
Apaixonado com seu retrato na mão
Em serenata amanheço pelas ruas.

Como lembrança que fere sempre meu peito
Trago comigo guardado seu retratinho
E no meu quarto repousado no meu leito
Lembro o passado confesso choro baixinho
Levante os olhos, por favor, veja em sua frente,
Aquela historia negra e triste dolorida
Que o nosso amor transformou tão de repente
Num quadro negro que separou duas vidas.

Quando passar em minha campa abandonada
Reze uma prece aos menos por caridade
Esse que dorme na derradeira morada
Já deste mundo despediu faz uma eternidade
Todos que passe conheceu minha vida
Zombam de mim todos que por ali passa
Contam uma historia e mostra campa enegrecida
Em frente à campa só resta minha desgraça.

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Triste Lamento

Canção Rancheira (Chico Flor)

Acorda, donzela,
Fuja do leito
Vem à janela ouvir do meu peito
Minha despedida
Na valsa que canto
Vem minha querida ouvir o meu pranto

Na voz do meu pinho
Olhos raso d'agua
Soluça baixinho minha grande mágoa
Acorda que a lua
Beija a madrugada
Eu triste na rua
Canto esta toada.

Acorda, amor
Desperta já,
Vem por favor,
Me escuta.
Vem para ouvir
Os prantos meus
Eu vou partir
Adeus, adeus.

Fonte: Acervo Olentino Nunes.

Caminho ao Contrário

Cururu de: Chico Flor.

Já me contara que você não me esqueceu
Que em meu nome você clama por demais
Agora é tarde para o arrependimento
Porque mulher não te esqueço nunca mais
Você já foi mulher que teve nome
Quando vivia bem juntinho ao meu lado
Hoje faz parte das mundanas sem destino
Que vive presa no lamaçal do pecado.

Se hoje sofre porque você não soubeste
Jogando fora quem por lei te pertencia
Trocando sua vergonha e honestidade
Pelo pecado e a vida boêmia
Hoje tu pagas com juro sua falsidade
Esse destino você mesma quem o quis
Enquanto choras relembrando o seu passado
Vivo sorrindo e com outra eu sou feliz

Apague o nome jogue fora esta aliança
Por caridade nunca mais fale meu nome
Pois entre nós já morreu toda esperança
Em sua vida foste a vergonha de um homem
Se perguntarem por mim não diga nada
Que até hoje nunca soube o meu fadário
Tenho certeza nunca mais vivo ao seu lado
A nossa vida são dois caminhos ao contrário.

Fonte: Acervo Olentino Nunes

Foi Você

Canção Rancheira de: Chico Flor

Venha ver, ó mulher, venha ver
Venha ver, ó mulher, quem te chama
Venha ver para ver como é triste
Quem te adora caído na lama
Venha ouvir o mulher vem ouvir
Venha ouvir a voz de quem te ama

BIS – Que hoje tem a vida arruinada
O caixão por morada e a tumba por cama

Venha ver, por favor,
Este pobre infeliz trovador
Venha ver seu amor
Vem ao menos sorrir da minha dor

Foi você que cruzou meu caminho
Foi você que feriu o meu peito
Foi você que destruiu minha vida
Foi você que me pôs deste jeito.
Hoje zomba por me ver na rua
Desprezado e sofrendo assim

BIS – Se hoje sofro e por sua maldade
Vem por caridade assistir o meu fim.

Fonte: Acervo Olentino Nunes

Comparando

Cururu de: Chico Flor

Mosca pequena é mosquito
Padre miúdo é padrinho
Não sendo feio é bonito
Cavalo pequeno é potrinho
Queima na boca é pito
Morada perto é vizinho
Bicho esperto é cabrito
Nariz de porco é focinho.

Olho cambeta é virôto
Muito carinho é chamego
Não sendo direito é canhoto
Ave com dente é morcego
Todo menino é garoto
Forro de arreio é pelego
Toda mocinha é broto
Serviço certo é emprego.

Saco de coro é peteca
Corda comprida é laço
Cabeça lisa é careca
Tempo escuro é mormaço
Moça assanhada é sapeca
Risco comprido é traço
Muita amargura é pileca
Cara pintada é palhaço.

Boca sem dente é banguela
Casca de pau é cavaco
Ponte de um pau é pinguela
Cava no chão é buraco
Vasilha de pau é gamela
Muito pedaço é caco
Chave de pobre é tramela
Fumo moído é tabaco.

Fonte: Acervo Olentino Nunes

Embora tivesse dom para a música e para a poesia, Jair Luiz Ferreira (Chico Flor) possuía um grande talento como locutor e uma paixão única pelo Rádio, que o motivava a querer crescer e expandir esse meio de comunicação; buscava interagir com outras emissoras de rádio, fato que o levou a registar-se como sócio na "Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão", tendo na sua carteira social a matrícula de nº 16.072 emitida em 1962, conforme podemos averiguar na figura abaixo.

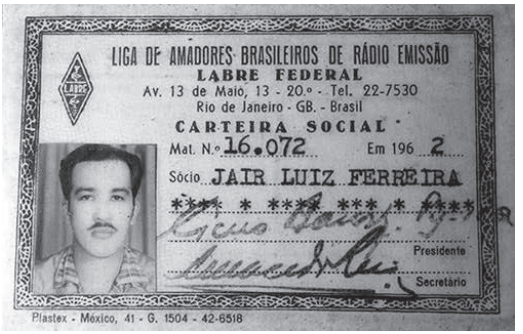

LIGA DE AMADORES BRASILEIROS DE RÁDIO EMISSÃO
LABRE FEDERAL
Av. 13 de Maio, 13 - 20.º - Tel. 22-7530
Rio de Janeiro - GB. - Brasil
CARTEIRA SOCIAL
Mat. N.º 16.072 Em 196 2
Sócio JAIR LUIZ FERREIRA
Presidente
Secretário
Plastex - México, 41 - G. 1504 - 42-6518

Figura 04: Carteira Social – Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão

Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Conforme entrevista feita em 20/06/2016 com Rubens de Freitas (Radialista da Rádio Morrinhos), narrou que por volta de 1960 vieram para Morrinhos dois proprietários, de uma rede de emissoras de rádio em Tupaciguara/MG, os senhores Aledo e Fauze Abidulmassih, e deram início ao processo de instalação de uma rádio em Morrinhos, a qual começou a funcionar oficialmente no dia 22 de novembro de 1963, nascendo assim a Rádio Morrinhos que funcionou por muitos anos no último andar do pequeno Edifício José Chaul, à Rua Barão do Rio Branco nº 999, Centro.

Durante esse processo de instalação da Rádio Morrinhos, Chico Flor viu que não seria mais necessário manter funcionando sua Rádio Miniatura, visto que a mesma era de pequena potência. Então resolveu fechá-la e aceitar o convite para trabalhar como "Animador Sertanejo" na recente inaugurada Rádio Morrinhos, conforme podemos evidenciar abaixo na sua carteira de identificação de funcionário da Rádio Morrinhos.

RÁDIO MORRINHOS
ZYW - 43 - 1460 KCS.
O Sr. JAIR LUIZ
FERREIRA
cujo retrato figura ao lado, pertence a esta emissora, exercendo as funções de
ANIMADOR SERTANEJO
Morrinhos, 25 / 9 / 64
Assinatura do portador
Diretor

Figura 05: Carteira de Identificação da Rádio Morrinhos. Constando que Chico Flor exercia a função de "Animador Sertanejo" - 25/09/1964

Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

A Rádio Morrinhos por alguns anos pertenceu aos senhores Aledo e Fauze Abidulmassih, mas como tinham outras emissoras para administrar, foram perdendo o interesse por essa. Quando falaram em vendê-la, um grupo político da cidade interessou em comprá-la e formou uma espécie de consórcio comprando assim a emissora. Nessa época, Valterli José que havia vindo de Tupaciguara para trabalhar na rádio comprou algumas ações; logo em seguida, José de Freitas, também vindo de Tupaciguara para trabalhar na rádio resolveu aplicar seu dinheiro em suas ações e, aos poucos, ambos foram comprando as ações, quando atingiram 51% passaram a administrar a emissora de rádio.

Na emissora da Rádio Morrinhos AM, Chico Flor teve dois programas: o seu apreciadíssimo "Moquiço do Chico", no horário das quinze horas, que teve a maior audiência daquela Emissora, no seu tempo. E, de manhã, havia o seu programa "Sertão em sua Casa"; mas a maior audiência era a do Moquiço. Disso, resultou o seu grande sucesso com a população da cidade e do campo. (BENTO, 2016, p. 132 – 133).

A simplicidade dos programas de linguagem acessível se demonstrava nas frases e bordões utilizados pelos locutores. Chico Flor, notadamente reconhecido como um dos mais famosos locutores da Rádio Morrinhos utilizava-se de falas como: *"Dona Sebastiana, sábado que vem estarei em sua casa apreciando aquela mandioca cozida que só a senhora sabe preparar"*. Um jeito simples de comunicar, mas que tinha um grande efeito positivo junto ao público, pelo fato desse se sentir reconhecido. Estes traços correspondiam a características das rádios AM nos anos 70 e 80. (CORREIA, 2008, pág. 25)

Através de uma linguagem simples e caipira, usando seu dom de criar versos e poesias, Chico Flor fazia a abertura do seu programa "Moquiço do Chico" recitando os seguintes versos:

> *"Caboclo velho do mato, preto, branco, mulato, desbravador do sertão, aceite nesta sextilha pra você e sua família, todo meu coração. Ouvintes daqui, dali e de acolá, de perto, de longe, de qualquer lugar, pobre, rico ou doutor, vai mais uma vez o sincero boa tarde amigo do Chico Flor. Boa tarde Morrinhos, boa tarde Município e boa tarde caboclo".*

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

"Eu queria ser poeta para descrever tanta beleza ou então compositor para falar da natureza, do verde das matas, dos rios que correm lento, o cantar da passarada e sentir de leve o vento. Boa tarde, Morrinhos terra de encantos mil, boa tarde Goiás querido, boa tarde gigante Brasil".

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Em um de seus programas Chico Flor recita, a pedido de alguns amigos, o poema *"Mãos Calejadas"*, escrito por ele e seu amigo Gueomar conforme esboçado abaixo.

De Chico Flor e Gueomar, os Poetas Caboclos.

Poema: **Mãos Calejadas**

Com a licença, caros doutores,
Os ilustres cidadãos
Aos homens de posição
Os amigos da cidade
Somos modestos poetas que têm no coração
A imagem do sertão, o emblema da humildade.
Não basta ser diplomado, ter anel de formatura,
Para falar das criaturas do ranchinho beira chão.
Deve apenas meditar, medir bem o valor,
Dos homens trabalhadores do caboclo do sertão.
Basta apertar suas mãos, mãos grossas e calejadas,
Pelo cabo da enxada, lutaram o dia inteiro,
Essas mãos fortes e valentes que muito já foi ferida
Deixando pro resto da vida, a marca do desespero,
Essas mãos grossas e feridas de fio aguçado
Tem tanto sinal marcado, cada um tem sua história,
Uns foi golpe de machado outros foi de facão
Deixando recordação que não sai mais da memória
Essas mãos mais que valente, da pele feia e trincada,
Só sabe pegar na enxada ou cabo de picareta
Essas mãos que treme tanto,
Quando esse pobre homem,
Para assinar o seu nome ele pega numa caneta
Do embaraço do caboclo muito ri de peito aberto
Mas não vai olhar de perto essas mãos tão calejadas
As mãos que não teve tempo senhores de frequentar uma escola
Mas sente na pele escola no duro cabo da enxada

Essas mãos caros senhores e dura lenta e pesada
É uma mão mal tratada não sabe mesmo escrever
O roçado não da tempo, o aceiro o mutirão,
Precisa ajudar seu irmão ou é o mato a vencer
Essas mãos que tantas vezes já ficou desfigurada
De tanto tomar ferroadas de maribondos bravinhos
Já vive sempre a tremer essas mãos velhas e cansadas
De unhas todas encurvadas de dedos duros e esguio
Até cobra venenosa essa mão tem carregado
Nos fechos de arroz cortado ou nas bandeiras de feijão
Até mesmo cascavel essa mão valente e forte
Assim se enfrenta a morte, essa poderosa mão.
Para que tanta aventura eu lhe pergunto senhores
Esses irmãos trabalhadores enfrentam a parada dura
Para sustentar a nação, para abastecer os mercado,
Eles enfrentam o pesado para que todos tem fartura
Esses moveis tão bonitos com caprichos envernizados
Já passou pelado machado por essa mão calejada
Até as pedras e tijolos e todos os materiais
De prédio, escolas e hospitais por essa mão foi passada,
Tudo que há na cidade por demais adiantada
Foi essas mãos calejadas que a outras mãos entregou
Essas mãos forte e amiga nunca tem o que merece
Muitos dela até esquece o que sempre se passou
Doença, golpe e perigo essa mão tem enfrentado,
E muito pouco tem ganhado da nossa civilização
São essas mãos que merece em pedra ser esculpida
Em praça publica erguida monumento a essa mão.
Não é exagero senhores é uma simples homenagem
A esses homens de coragem, a essa mão calejada,
Muito mais elas merecem eu que nada posso dar
Quero ao menos divulgar essa mão velha e cansada
Se toda gente tivesse essa minha opinião
Devia apertar a mão do sertanejo cansado
Tirai tempo a meditar
O amigo da cidade vê como eu digo a verdade
Ilustre homem educado, essa nossa razão,
Vou deixar bem declarado,
Nesses versos preparados aos amigos do trabalho.
Chico Flor e Gueomar duas mãos bem combinada
Aperta a mão calejada do caboclo molhado de orvalho.

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Buscando construir uma linha cronológica dos fatos marcantes da vida de Chico Flor, novamente tomo emprestado as palavras de Sebastião Bento e faço mais duas citações, para enriquecer esse tributo à memória de Jair Luiz Ferreira (Chico Flor).

Chico Flor recebia muitos presentes dos ouvintes, principalmente produtos caseiros, frangos, leitoas e galinhas. Muitos comerciantes preferiam que a propaganda dos seus estabelecimentos fosse divulgada no programa do CHICO FLOR. (BENTO, 2016, p. 135).

Certa vez, foi operado e teve suas pernas engessadas, tornando impossível a sua saída de casa para ir à rádio, por alguns meses. Como era imprescindível que ele comandasse os seus programas, a direção da emissora mandou instalar, telefone em sua casa e com outros aparelhos de som, durante bom tempo ele apresentou os dois programas deitado em seu quarto. (BENTO, 2016, p. 135).

Pesquisando sua trajetória no Rádio encontramos sua filiação no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Publicidade no Estado de Goiás, conforme figura abaixo. Como pode notar-se, desde a Rádio Miniatura, Chico Flor gostava de participar de grupos de pessoas ligadas à comunicação.

SINDICATO DOS TRABALHADORES
EM EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO
E PUBLICIDADE NO ESTADO DE GOIÁS
Av. Goiás, 112 - 2o. andar - telefone 6-33-16
Nome JAIR LUIZ FERREIRA
Filiação LIOLINA E TUSA DE CAST
Naturalidade MORRIN
IMPRENSA
PRESIDENTE DO SINDICATO

Figura 06: Carteira de Registro no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Publicidade no Estado de Goiás – 14/07/1976

Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Além dos dois programas que tinha na emissora da Rádio Morrinhos, Jair Luiz Ferreira, "Chico Flor", trabalhava também como corretor de imóveis, tendo Registro no Conselho dos Corretores de Imóveis do Estado de Goiás com a matrícula de nº 1.625, sendo seu registro expedido em 23/05/1978, conforme foto abaixo.

CONSELHO REGIONAL DOS CORRETORES DE IMÓVEIS
5.a REGIÃO - (LEI FEDERAL Nº 6.206 DE 7/05/75)
REGISTRO Nº 1.625
NOME JAIR LUIZ FERREIRA
FILIAÇÃO Luiz Ferreira de Castro e
Leonina Faustina de Castro
Morrinhos-Go 07/01/27
NATURALIDADE DATA DO NASCIMENTO
PRESIDENTE DO CRECI
EXPEDIDA EM 23/05/78 VALIDADE 1978
CARTEIRA PROFISSIONAL
CPF 085606691-20
Jair Luiz Ferreira
ASSINATURA DO PORTADOR

Figura 07: Carteira de Registro no Conselho Regional dos Corretores de Imóveis

Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

No final da entrevista, Teresa Maria de Oliveira relata que Chico Flor trabalhou de 1963 a 1988 na emissora da Rádio Morrinhos, ou seja, dedicou 25 anos da sua vida como animador sertanejo como já mencionado anteriormente e, só parou de trabalhar devido a problemas de saúde. Mesmo indo buscar tratamento médico mais avançado em Brasília – DF, Chico Flor não obteve êxito e, veio a falecer no dia 21/03/1988 às 10h50min no Hospital Geral e Ortopédico de Brasília, tendo como causa da morte segundo atestado de óbito: Insuficiência respiratória, Pneumonia, Paralisia Bulbar Progressiva. Seu corpo foi transladado para Morrinhos, o velório ocorreu na sua residência no setor São Francisco de Assis e seu corpo sepultado no cemitério São Miguel.

Após sua morte Jair Luiz Ferreira (Chico Flor) foi homenageado de várias formas.

A Emissora da Rádio Morrinhos fez questão de colocar seu nome no Estúdio da Rádio Morrinhos AM, como forma de lembrar sempre do pioneiro da comunicação em Morrinhos, conforme figura abaixo.

Figura 08: Estúdio Chico Flor
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Da mesma forma, Sebastião Bento relata em seu livro *"Tradições Morrinhenses – Ensaio literário de cultura tradicional"*, todos os violeiros de Morrinhos sonhavam em criar uma Orquestra de Violeiros, havendo várias tentativas neste sentido, sem lograr êxito, inclusive pelo próprio Chico Flor na década de 50 e por Olentino Nunes, alguns anos depois, que chegou a fazer apresentações em público, mas não conseguiu se firmar. No ano de 2009 a tão sonhada Orquestra foi finalmente criada recebendo o nome de Orquestra de Violeiros "Chico Flor". Abaixo temos a foto do grupo de violeiros que compõe a orquestra. (BENTO, 2016, p. 137 – 138).

Figura 09: Orquestra de Violeiros Chico Flor
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

A Prefeitura de Municipal de Morrinhos rendeu suas homenagens a "JAIR LUIZ FERREIRA" dando nome ao Viveiro Municipal, de *"Viveiro Chico Flor"*.

E, no ano de 2016, a Academia Morrinhense de Letras para adequar-se ao formato das Academias de Letras do Brasil que seguem o modelo da Academia Francesa, com o número de 40 cadeiras, amplia o seu quadro, criando mais 15 cadeiras. No dia 30 de junho do mesmo ano, em sua sede própria, os acadêmicos sugeriram alguns nomes para serem patronos dessas 15 novas cadeiras. Eu, como um dos acadêmicos presentes, sugeri o nome do Chico Flor para ser um dos patronos, elucidando suas belas poesias e composições. Após a apreciação do nome, todos votaram e aprovaram registrando-se em ata que a Cadeira de número 26 teria como Patrono Jair Luiz Ferreira (Chico Flor). Desta forma, nossa Arcádia prestou justa homenagem ao pioneiro da comunicação em Morrinhos.

Fontes Orais:

OLIVEIRA, Teresa Maria de. Entrevista concedida no dia 02/06/2016.

FREITAS, Rubens. Entrevista concedida no dia 20/06/2016.

BARBOSA, José Afonso. Entrevista concedida no dia 22/06/2016.

Fontes Bibliográficas:

A História da Rádio Morrinhos, Juca Ribeiro Correia. Morrinhos, 2008.

Tradições Morrinhenses: ensaio literário de cultura tradicional, Sebastião Bento. Goiânia: Kelps, 2016.

Acervo Olentino Nunes.

Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Sou funcionário dos Correios há doze anos. Nesse período, passei por muitas cidades, grandes e pequenas cidades, muitas pacatas e de um povo humilde e acolhedor.

Nesta segunda edição da Revista da Academia Morrinhense de Letras, resolvi fazer uma homenagem aos Correios e aos lugares onde trabalhei, sem citar nomes de pessoas e nem lugares específicos.

Tive oportunidade de vivenciar muitas histórias engraçadas, curiosas e intrigantes. No ano de 2012, aconteceu o Concurso Literário "Correios 350 Anos", do qual os próprios funcionários participaram com causos que enfatizaram a história dos Correios no Brasil; foi quando resolvi transcrever alguns dos meus causos, espero que gostem.

Começarei pelo conto "Quem é SARA?", causo que foi premiado no concurso literário nacional, passando a fazer parte da antologia Correios 350 Anos.

'QUEM É SARA?'

No ano de 2005, os Correios fizeram a substituição do antigo sistema operacional SCADA, por outro mais eficiente e moderno chamado SARA (Sistema de Automação da Rede de Agências).

Acontece que, todo processo de implantação de um novo sistema é complexo e muito estressante; às vezes, o processo que era chamado 'virada do sistema' durava um dia todo ou mais, era mesmo complicado.

Eu tive um colega de trabalho que participou da implantação do Sistema SARA em várias agências, e ele já estava 'doidinho' com tanta dificuldade.

Já tinha até pesadelos.

Um dia pela madrugada ele sonhava profundamente com o SARA, e ofegante dizia:

– SARA..., SARA..., SARA...

Sua esposa, que era uma 'fera', e muito ciumenta, o acordou furiosa dizendo:

– Quem é essa tal de Sara? Tá sonhando com ela por quê?

Após alguns safanões, ele acordou assustado e sem pensar muito foi logo respondendo:

– Calma mulher, SARA é o sistema dos Correios que nós estamos instalando nas agências.

Mas quem disse que ela acreditou? Amanheceu o dia emburrada e sem conversar com nosso amigo. Ele foi trabalhar preocupado, pois 'a coisa estava feia mesmo'.

Quando chegou em casa para almoçar, outro susto, não tinha almoço e a esposa estava de malas prontas, voltaria para a casa dos pais.

É..., agora enrolou de vez!

O rapaz, após um lanche na panificadora, retornou para o trabalho desolado, dizendo-me que a esposa estava irredutível.

Fiquei preocupado, e na tentativa de ajudá-lo sugeri que a trouxesse aos Correios para provar que o sistema se chamava mesmo SARA. Diante da situação, essa foi sua única alternativa e também a solução para o problema.

Bem, se a Sara mulher existiu eu não sei, mas o SARA programa de computador foi à salvação do casamento do nosso colega.

'QUEM DISSE QUE HOMEM NÃO PRESTA?'

Popularmente se diz que muitas mulheres juntas conversam demais; de fato, e o assunto preferido, é falar dos homens, e eu garanto, não falam bem não.

Um dia presenciei uma situação engraçada, e vou contar pra vocês.

Eu trabalhava em uma agência de Correios que pagava salário-escola e renda cidadã, e geralmente esses benefícios eram recebidos por mulheres.

Junto comigo trabalhava um rapaz muito sistemático e tímido. Ele era bem franzino e, coitado, foi com ele o acontecido.

Em um dia de pagamento, a agência estava lotada de mulheres para receber, e as 'danadas', enquanto esperavam, 'mandavam ver'.

O assunto era: 'Os defeitos dos homens', tipo: – homem é sem vergonha, – homem é safado, – homem mente muito, e coisa e tal.

Naquela euforia e discussão, uma mulher que era bem forte e com fama de brava, disse com voz firme e em alto tom:

– Noventa e nove por cento (99%) dos homens não prestam, é tudo safado.

Ela disse isso dando um forte tapa no balcão do caixa do meu colega de trabalho e esbravejando, disse assim:

– Não é mesmo, menino?

O meu amigo, depois do susto, todo receoso respondeu humildezinho:

– Olha, minha senhora, se a senhora diz isso pensando que eu vou ficar ofendido, a senhora se engana, pois eu faço parte do um por cento (1%) de homens que prestam.

'O CARA BRAVO'

Às vezes, algumas situações de dificuldade nos proporcionam momentos hilários, vou descrever uma situação que vivi em uma viagem.

Fui trabalhar por uma semana em uma agência de Correios de uma pequena cidade com aproximadamente três mil habitantes.

Logo que cheguei, percebi que as pessoas do lugar estavam muito assustadas, pelo fato de ter acontecido dois assaltos na cidade, um ao posto de combustível e outro a um mercado.

Mas, vamos à parte boa.

Para ajudar na interpretação dos fatos, vou me descrever fisicamente. Sou um sujeito esguio, tenho 1,78 de altura, peso 60 quilos apenas, ou seja, magro bem no estilo 'pijama de listras com uma só listra', e uso uns óculos modelo 'Harry Potter'. Bem, definitivamente não impressiono muito no quesito força física.

Tudo transcorria dentro da normalidade, até que, na quarta feira à tarde, quando havia 15 clientes na agência, chegou uma senhora já com 78 anos de idade, digo isso com toda certeza, pois tive que conferir sua identidade para realizar o atendimento.

Ela foi até o caixa e me disse:

– Meu filho, eu não gosto muito disso não, mas hoje eu queria fazer uso do meu direito de ser atendida primeiro, porque, você sabe né, com esse negócio de assalto aí, e a gente já é idosa, é meio perigoso assustar com as coisas.

Bom, eu disse a ela:

– A senhora tem todo direito ao atendimento preferencial, eu nem deixaria que a senhora ficasse aguardando na fila, mas quanto ao assalto, não precisa se preocupar, pois quando me chamaram pra ficar aqui esta semana é porque precisavam de um cara bravo, e eu sou o cara mais bravo da região. Então, a senhora pode ficar tranquila, que até sexta-feira não vai acontecer nada não, porque 'Eu sou Bravo'.

Então aquela senhora com uma voz bem mansa me falou assim:

– Uai, sua cara não mete muito medo na gente não, mas se o senhor tá falando que é bravo.

Foi um riso só, pois ela acreditou desacreditando, isso foi pior do que ela tivesse realmente desacreditado.

Em uma cidade pequena todos se conhecem, portanto, a notícia se espalhou rapidamente, e muitas pessoas passaram nos Correios para conhecer o cara mais bravo da região. Quando eu saía para almoçar ou depois do expediente no retorno para o hotel, pessoas que eu nunca tinha visto estavam pelo caminho para cumprimentar, enfim, quase virei atração turística.

Até hoje, quando retorno à cidade, me chamam de 'O Cara Bravo'.

'O BENZEDOR DO CORREIO'

Nas pequenas cidades, e até mesmo em cidades maiores, existem muitas crenças com relação a benzições.

Um dia, em uma pacata cidade do interior, na época em que os Correios iniciavam as atividades com o Banco Postal, quando o sistema ainda não era tão bom e, às vezes, ficava inoperante, aconteceu uma cena engraçada.

Por volta das 11 horas, fui almoçar e retornei às 12h30min. Quando

cheguei do almoço, a agência estava lotada, parecia que 'o mundo inteiro estava lá dentro'; é porque fazíamos o pagamento da prefeitura e de aposentados naquele dia. Então, entrei, bati o meu ponto e fui para o caixa.

Quando cheguei ao caixa, meu colega de serviço, que estava muito nervoso, disse:

– Ó, o sistema está fora do ar desde a hora que você saiu, eu não atendi nenhum cliente até agora.

Eu disse:

– Mas você já benzeu o computador?

Ele respondeu:

– Ah, fala sério...

Então eu falei:

– Vamos fazer um teste, você passa a mão canhota assim na frente da tela do computador...

Enquanto dizia essas palavras, eu fiz um movimento circular com a mão esquerda na frente da tela do computador. Na época, nós usávamos um modelo de impressora que fazia muito barulho, e então a impressora imediatamente começou a imprimir.

– Crek, crek, crek...

E todos ficaram assustados, pois a resposta do computador à benzição foi imediata. Foi uma brincadeira, é claro. No entanto, uma senhorinha bem humilde que estava lá no meio do povão, veio e me perguntou:

– Meu filho, você benze de cobra na fazenda também? É porque já morreu duas vacas lá em casa picadas de cobra.

E agora???...

'MOTORIZADO IMAGINÁRIO'

Eram mais ou menos 10 horas da manhã, recém-chegado em uma pequena cidade interiorana com população humilde e simples, deparei-me com uma cena inusitada.

Logo ao abrir a agência, recebi a visita de um sujeito intrigante, sessenta e poucos anos, moreno, magro e calvo, trajando roupas simples e um

pouco sujas, também lhe faltavam alguns dentes. Ele ficava me olhando e rindo, cheguei a pensar que havia algo de errado comigo e, de repente, ele colocou as mãos na cabeça com os dedos indicadores em crista e me olhando dizia:

– Bôio..., bôio..., bôio...

Fiquei um pouco receoso, pois era uma situação constrangedora.

E o indivíduo insistia no gesto, ele também raspava alternadamente os pés no chão como se fosse um touro e tornava a dizer:

– Bôio..., bôio..., bôio...

Sem muitas alternativas, acenei para ele, como um gesto de tchau, o moço deu um sorriso, e acenou para mim da mesma forma.

Ele entendeu que era um gesto de despedida, e todo alegre, colocou as duas mãos para frente e com elas fechadas como se estivesse segurando algo, começou a pedalar, parecia estar ligando uma moto, a qual existia apenas em sua imaginação. E assim fez por umas quatro ou cinco vezes.

Então ele começou a fazer um barulho assim:

– Berrammm, berrammm, berrammm...

Virou-se e com as duas mãos segurando o guidão, saiu velozmente emitindo o som de sua moto.

Depois, eu até me acostumei, pois com frequência ele passava por lá, fazia os mungidos de seu toro, eu acenava para ele e após o tchau, ligava sua moto imaginária e acelerava.

– Berrammm, berrammm, berrammm...

Vai entender?

Só sei que foi assim...

HELEN E OS NOMES

Eurico Barbosa

Na sessão de posse de Helenízio Antônio Marciano, em março de 2008, na Academia Morrinhense de Letras proferi o discurso de recepção nestes termos:

"Criada em 11 de dezembro de 2004", José Afonso Barbosa à frente; na retaguarda um grupo de integrantes bastante dispostos a cumprir o seu papel; e empreendendo suas atividades já a partir dos imediatos dias seguintes, a Academia Morrinhense de Letras disse a que veio desde os seus primeiros momentos de funcionamento. Promoveu concursos literários ensejadores de oportunidades à revelação de jovens talentos de escritores; e acontecimentos culturais marcantes, sempre com considerável comparecimento de público representativo da sociedade morrinhense. Já em 2005, dava início a um ciclo de palestras – quase todas ilustradas com belos números artísticos – a respeito da participação na história de Morrinhos das pessoas cujos nomes entraram a figurar como patronos das cadeiras acadêmicas. Em novembro de 2005, a professora Maria Barbosa Reis, grande nome do magistério exercido por muitas décadas em nossa cidade, foi homenageada em sessão organizada e dirigida por sua neta Graziela Reis. Sua vida e sua obra tornaram-se conhecidas de uma legião de jovens estudantes que lotaram o auditório do Grupo Escolar Coronel Pedro Nunes. Em fevereiro de 2006, o acadêmico Alaor Barbosa proporcionou ao público que em bom número compareceu ao Teatro Juquinha Diniz, um perfil magnífico, completo, da personalidade do notável intelectual, poeta e excelente orador, ético e brilhante político Guilherme Xavier de Almeida. Não tenho dúvidas de que todos os que ouviram a peça literário-histórico-psicológica de Alaor passaram a ter inteira compreensão do valor pessoal e da importância histórica daquele notável filho do ex-governador do Estado (190l-1905) José Xavier de Almeida. No mês seguinte, foi à vez de se situarem na História de Morrinhos a presença e a atuação de José Mendes Diniz, o Juquinha Diniz a quem se homenageia com a denominação do teatro local. Quem biografou essa significativa personagem, cuja trajetória foi marcada por espírito eminentemente progressista em várias áreas, inclusive a. artística, foi a sua filha, professora Nilza Diniz Silva, escritora, de muito mérito. A sessão da Academia, realizada no Teatro Juquinha Diniz, foi per-

meada de interpretações teatrais e apresentações musicais. Um mês depois foi à fez de Darcy Troncoso Chaves, com sua sensibilidade e sua inteligência, focalizar a pessoa do senador Hermenegildo de Moraes. Em junho coube a mim falar sobre os irmãos Taylor e José Oriente, cuja obra como editores de livros em Goiás é singular, talvez a maior de todas em todos os tempos. Em julho o poeta Nilo Sérgio falou sobre a professora Zilda Diniz Fontes, cuja protagonização na história da educação, das artes e das letras morrinhenses ocupa um lugar de reconhecida proeminência. Além de sua atuação como professora, foi, ao lado da irmã Nilza, idealizadora e realizadora da Semana de Artes que se realiza todos os anos (houve infelizmente um hiato de 7 anos na década de 80) desde 1964, em cuja abertura tive a oportunidade de ser o orador. Foi também escritora, destacando-se como autora da principal obra até agora existente sobre a história morrinhense, intitulada De Capela à Cidade dos Pomares.

Em agosto, José Afonso Barbosa discorreu sobre a vida e a obra de José Xavier Júnior, poeta e conferencista, membro da Academia Goiana de Letras e que, naqueles tempos em que se costumava – prática hoje obsoleta – dar títulos supostamente consagradores a prosadores e poetas, ganhou o de Príncipe dos Poetas Goianos.

Em novembro, a acadêmica Cleusa Marina Silva Freitas perfilou com precisão e talento o nosso saudoso maestro Bruno José Vieira, grande artista, grande homem de bem, músico, compositor e contabilista. Houve a participação de famíliares de Bruno Vieira, interpretando músicas de sua autoria; Dona Mirtes – sua esposa – acompanhada pelo filho Clévio José Vieira ofereceu a voz interpretando a música denominada "Gilda".

Em dezembro – vejam como foi um ano profícuo para a memória histórica de nossa Morrinhos – a acadêmica Dolores Troncoso Chaves fez a biografia da sua mãe e patrona da sua cadeira, Vitória Rodrigues Troncoso. Como as demais, foi uma sessão memorável, pois dona Lolita soube entremear aos fatos da vida de dona Vitória bonitos números musicais, aos quais não faltaram, como não podiam faltar, as músicas que os seu pai, espanhol que era ótimo cantor amador, Davi Troncoso, mais apreciava.

É de se acrescentar que foi programada uma palestra do acadêmico Fernandino Barbosa sobre seu pai e patrono Fernando Barbosa, que, com seu dinamismo e capacidade de ação política, notadamente nos bastidores oficiais, obteve expressivas realizações governamentais em favor de Morri-

nhos. Por razões de foro íntimo emergidas no momento da sessão, Fernandino preferiu adiar seu pronunciamento, que se espera para breve.

Por esse resumo, as pessoas aqui presentes podem ter ideia da inestimável contribuição que a Academia Morrinhense de Letras vem dando e muito ainda dará ao conhecimento da história local. Já proporcionou um repositório histórico que justifica e até mesmo suplica por apoio financeiro da Prefeitura Municipal para sua publicação em livro.

Os quadros da nossa Academia ganham hoje o concurso de Helenízio Antônio Marciano. Interessante à devoção do seu pai, professor José Cândido, falecido em 1953, ao termo heleno, que quer dizer grego. Seus filhos ganharam os nomes de Helenides, Helenês, Helenione, Helenor, Helenizia, Helenízio, Helenildo. Há o José, homenagem ao pai. E a Eliana, nascida após o falecimento do genitor. Essa devoção leva a crer que o professor José Cândido era um helenista, ou seja, versado na língua e na civilização da Grécia antiga. Imagino então o pai de Helenízio a ler, estudar sobre a filosofia de Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, tantos outros sábios da antiguidade grega. Imagino-o fascinado pela grandeza da cidade de Delfos, que, já muitos anos antes da era cristã, irradiava grandioso prestígio para todo o mundo antigo; tinha o famoso templo de Apolo com os seus oráculos ditados pela voz de Pítia. Delfos – em cujas ruínas escavações desde os anos 1860 levaram à descoberta dos templos de Apolo e de Atenas, de imensos tesouros, grandioso teatro, belo estádio, milhares de obras de arte e riquíssimo Museu.

Tudo isto, conjeturo e imagino eu, deve ter fascinado o pensamento do advogado e professor José Cândido.

Helenízio herdou do pai o gosto pela palavra escrita. Seus artigos jornalísticos revelam isto e revelam também muita sensibilidade. Para contar apenas um exemplo: a crônica que ele escreveu em *O Liberal* sobre o Galdino é uma significativa produção literária expressiva da aguda percepção da variedade dos valores humanos por parte do autor. O mais humilde dos componentes da nossa comunidade é uma unânime estima e a lembrança dele em página antológica, exprime a natureza sensível de Helenízio e dá relevo à sua vocação para as letras. Evidentemente, há muitos outros escritos do cronista e articulista, que, estou certo, não demorará a aparecer com a publicação de livros.

Helenízio Antônio Marciano, bom como escritor, o é também como criatura humana. Muitas vezes todos nós temos momentos de desilusão com

o ser humano. A criminalidade nos desola nos desencanta, nos faz pessimistas. Em face dela nos perguntamos: a humanidade é ruim, é má? Mas felizmente conhecemos pessoas tão expressivas de bondade, que diante delas pensamos: o ser humano é bom, a humanidade é boa. Felizmente conheço muita gente assim. E devo lhes dizer: Helenízio é uma dessas pessoas em quem somente se vê bondade. Conheço-o desde muito jovem. Gosto imensamente dele. Pelas suas qualidades positivas, sei que ele será um elemento agregador, um colega a animar a nossa Academia. Ajudará a dar vida ao nosso grupo. Toda agremiação precisa desse tipo de valor. (Aqui eu faço uma crítica a quem não frequenta a Academia, não contribui para fortalecê-la perante a comunidade. Ingressar nela e não frequenta-la é desmerecê-la perante a sociedade. E não apenas frequentá-la é necessário: é preciso contribuir para fazê-la mostrar serviço, engrandecer o movimento cultural morrinhense).

Helenízio vai contribuir, com sua permanente alegria, seu otimismo constante, sua vontade de ser acadêmico, seu bom astral, sua simpatia, suas qualidades intelectuais, sua bondade invariável, para valorizar a Academia Morrinhense de Letras. "Tenho grande satisfação em recebê-lo, o que sei ser um sentimento de todos os confrades".

* * *

Logo terminado esse pronunciamento o acadêmico Fernandino Barbosa, que fotografava vários lances da sessão para o seu jornal *O Liberal*, lá de perto da tribuna exclamou para mim, que já me sentava à mesa dos trabalhos, a qual eu integrava:

"Mas a esposa do professor José Cândido chama-se Helena...".

Ao ouvir a observação do Fernandino intimamente concordei plenamente com ele. A explicação dos nomes dos filhos do casal não era a minha, mas sim o nome da linda consorte do professor José Cândido – tão linda que fora em 1927 a primeira Miss Goiás.

Mas me consolo com a convicção de que a minha hipótese, embora não correspondente à realidade, tinha um conteúdo de muita pertinência. Não era a realidade mas traduzia um fato real: a cultura helênica do grande professor José Cândido, a sua devoção pelo estudo do Grego.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DO ACADÊMICO SEBASTIÃO BENTO, FEITO PELO ACADÊMICO JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO

"Ô sinhô dono da casa
Da licença de entrá
Nosso santo de oração
Qué esta casa abençoá! Oiá!"

Versos de trova. Parte da vida interiorana de Goiás. Neste Brasil rural... É expressão, fé, cultura, tradição.

Senhoras e senhores...

Pensar é coisa de ociosos. Literalmente. A filósofa Hannah Arendt martelava a ideia desde o dia em que viu o julgamento de um mandatário nazista. Firme, inabalável, ladainha mecânica a justificar como óbvios seus atos realizados segundo procedimentos protocolares, parecia indefeso; no entanto, até mesmo encolhido e frágil ao discutir os efeitos perversos das ordens que seguiu, e que levaram ao massacre de milhares de prisioneiros em campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. Arendt observou e concluiu: – Pensar é coisa para poucos. Pensar é coisa de descompromisso. Observar a cultura beira o ócio!

Esta reflexão de Hannah Arendt, então, passou a assombrar-me com a frequência com que pessoas de capacidade intelectual, refinada formação cultural e ávidas leitoras protagonizavam ações condenáveis, não por serem apenas más, mas simplesmente por criarem para si hábitos pétreos de pensamento e de conduta de vida, de não passarem, inclusive, a diante os processos de formação da tradição de um povo!

Sebastião Bento e demais confrades, temos muito o que fazer. Documentar, recontar, repassar e reivindicar nossa permanência de tradição cultural deveria ser palavras de ordem para todos, que compomos uma elite crítica e que tem acesso à cultura e aos meios de propagá-la. Inclusive pela leitura. Temos este sacerdócio...

Muitos veem na leitura uma perda de tempo. Têm razão: a arte é inútil, já dizia Paulo Leminski. Não serve para nada além do prazer que dá. Como pensar, ler ainda por cima dá trabalho — é preciso parar tudo e alienar-se do mundo para que a relação com o texto se estabeleça. Além do mais, ler vicia. Porque se torna uma espécie de droga a que ficamos dependentes, porque simplesmente nos dá prazer.

Confrade Sebastião Bento, seu livro, desculpem-me a expressão, viciou-me em saber de tantas pessoas de um pretérito muito próximo, que foram verdadeiros benfeitores de nossa tradição. Famílias inteiras que se dedicaram à perpetuação de nossa cultura imaterial.

Informações e dados que pela capa do livro, arremeteram-me há muitos sentimentos, o último deles, o de melancolia.

Ficou-me ainda mais evidente a sua expressão artística com o ato de escrita: sua forma e corpus.

Não há receita, não há fôrma nem mágica que faça alguém virar escritor da noite para o dia. Escrever, como pensar e ler dá trabalho. Mas também vicia. E vicia porque dá prazer.

O prazer de ler, escrever e pensar potencializa o ser. Ler só nos melhora se pensamos. Escrever só é pensamento se é também uma leitura do mundo. É isso o que Sebastião Bento equaciona numa obra preciosa e, acima de tudo, prazerosa. Neste livro, já memorável, o autor nos propõe, a reviver pessoas, dados, imagens, sons que dificilmente passariam despercebidos pelo leitor, realmente um prazer.

Sebastião Bento! Este nosso confrade que nos presenteia com obra ilustre, uma gratidão em nome de todos os seus gentios.

Quem o conhece sabe a máquina criativa que ele é quanto teve consumir de tempo para fisgar um ângulo inusitado, sedutor, ao abordar o tema Tradições Morrinhenses; quanto caprichou na preparação para trazer sempre uma informação singular a quem não a tinha; quanto transformou cada texto contido nas Tradições Morrinhos. Mais de dez anos de pesquisa, até que nascesse este rebento. Reitero o prazer da leitura de uma sentada só.

Nietzsche poderia muito bem completar: se a tudo o que fazemos o fazemos com ênfase, todo dia será o eterno retorno de um prazer.

Meus caros,

Segundo Gabriel García Márquez, "a vida não é o que a gente viveu, mas o que a gente tem para contar".

Este livro reúne aquilo que seus personagens têm de mais singular para contar. Lembranças que descortinam os espaços que dão vida e movimento à pronta e acabada história oficial da cidade de Morrinhos.

Podemos afirmar que, doravante, Tradições Morrinhenses será uma ferramenta importante para compreendermos o cotidiano das tradições, das folias e de quem as contempla. Não é mais uma forma de dar voz e vez aos excluídos da literatura de nossa cidade, mas de ouvir os que dela participaram e que, de alguma forma, ajudaram ou ajudam a construí-la.

Também é uma forma de conhecer o cotidiano da comunidade de Morrinhos, de outrora, seus hábitos, suas peculiaridades e suas formas de fazer que, aos poucos, vão se transformando com o advento das novas tecnologias, mudanças que não têm descaracterizado a identidade das Festas Tradicionais, muito bem exploradas neste livro.

São vozes do século XX. São reminiscências dispersas que, quando reunidas, tornam-se um acervo memorável e ajudam a compreender nosso passado de tradições.

Coube-me este desafio. Então, convido-os para embarcar nesta viagem povoada de histórias, personagens, personalidades…

À frente de seu tempo, Morrinhos e sua gente, aferidamente nas regiões rurais, é uma das primeiras cidades do Sul de Goiás a utilizar-se da tradição das folias. Folia Centenária... Dentre outras tantas. O livro traz depoimentos, fotos, simbolismos e mais uma série de curiosidades.

Rendo aqui, como um amante da história desta terra, minha homenagem, em nome de duas pessoas que me são muito vivas, mesmo depois de terem partido destas plagas, Antônio Tito e Pedro Carlota.

Todos que me ouvem, fiquei, por superficial demais nesta apresentação. Pois gostaria que assim como eu, todos leiam esta obra prima de nossa cultura.

No mais, a roda do tempo colocará Tradições Morrinhenses – ensaio literário de cultura tradicional em seu devido lugar!

"MININIM ATENTADO, SÔ!"

José Henrique Rodrigues Machado

De quando em quando, nasce umas criaturas que fazem a gente lembrar-se do Leonardinho Pataca, de Memórias de um Sargento de Milícias. A perspicácia e pró-atividade a que por estas bandas de cá, chamam de menino "artiloso", tem a arte de ser custoso, esquecendo, inclusive o adjetivo ardiloso, pois.

O tal do Zezinho era um garoto danado. Dava notícia de tudo, chamavam-no de nomes interessantes que eu consigo ouvir às senhoras da vizinhança, que em rodas de conversa sempre soltavam um diferente do outro, a principal delas era dona Maricota, que criava palavras, e nos garantia que elas existiam, e falava com tanta certeza que nos fazia acreditar. Numa dessas rodas, o nome do Zezinho ventilou e ela soltou:

– Óia gente, esse menino é daqueles que os *ispirita* (leia-se como está escrito) contam que vem com o *ispirto* pronto de *otras* vida! Ele é muito *sabereta*. Parece que nas suas artes ele *incoipora*!"

Eu emendo muitas das passagens do Zezinho! Êta menino!

Espia só!

Teve um terço de coroa na casa da Comadre Durvalina e a mãe dele, que atendia pelo nome de Merenciana, resolveu ir. "*Ela já era discrente de carregá o muleque pros lugá*!"

Mas ela era uma senhora muito querida pelos vizinhos, de tanta insistência, resolveu ir. Quando é fé, ela olhou para o lado, já em frente o altar para começar o terço, e quiéde o Zezinho?! Já tinha escapulido! Garrou no terço, mas o sentido dela tava era no Zezinho! Entre o Creio em Deus Pai, e um Glória ao Pai, ela soltava:

– '*Gente onde tá o Zezinho?*'

Passaram o ruzáro pra ela, que começou:

– Pai Nosso, que estais no céu santificado seja Vosso nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa Vontade, onde será que o Zezinho tá, meu Divino Pai Eterno...

O povo segurou o riso, menos eu que sai pela porta da sala e fui batê lá no *terrero*.

Que eu tava lá rindo passou um vurto... num é que era o Zezinho! Fiquei *oiano* aquilo lá. Esperando a *traquinage* dele.

Cada mistério era uma salva de foguete, era a tradição.

Noves fora, uma caixa tem doze foguetes, o terço cinco mistérios, sobraram sete ainda. Com o fim do terço, o cumpade Doralino, tratado por Nêgo, correu a mão nos foguetes e colocou da trava da casa, pra meninada não pegar.

Ele não contava é que o Zezim já estava de butuca esperando ele sair para pegar a caixa e fazer o que ele era acostumado. Mas dessa vez ele superou.

A dona da casa estava preparando um quentão, na *fornaia* com pouquinha brasa, para apurar a bebida, e num é que o Zezim começou por ali, tascou um foguete dentro da *fornaia*! Quando é fé, escutamos somente o estampido do foguete e a *fulige* das cinzas no ar. Acabou com a *fornaia* e com o quentão das visitas.

Ô tempo miúdo foi o do Zezim, apanhou ali mesmo. Igual bode na horta!

Mas fazendo as contas, cinco foguetes do terço, um da fornaia, ainda faltavam seis.

Sentamos perto do curral e virou uma roda de conversa, a lua clarinha e alta, os papos foram aumentando. Todo mundo *intertido*. O Zezim sumiu de novo! A dona da casa com as filhas arrumavam a sujeira do foguete.

Em frente à porta da cozinha do casebre, tinha uma casinha, que só os *minino* usava. Derrubaram as paredes e ficou o buraco, duas tabas e uma *furquia* que segurava umas folhas de papel.

Merenciana, uma das filhas da dona da casa, foi organizando as coisas e pegou aquelas brasas vivas e jogou na tal da casinha.

O Zezim saiu do meio do mato com a caixa de foguete.

Grita daqui, corre dali, ninguém cercava o tal do pestinha.

Ele foi rabiando perto da casinha e povo gritando para ele sair dali. Ele correu. Sumiu.

Um tempo pouco passado, o povo juntou para pegar uns angá pertinho da porta da cozinha. O Zezim chegou desconfiado. Alguma coisa ele tinha aprontado.

Num foi mais que uns dez minutos, outra salva de foguete começou um tiro *encarriado* do outro. *Emporcaiando o povo de redó tudo!* E não era cinza...

Paraty, Rio de Janeiro/ Julho de 2016.

MORRINHOS – A CIDADE DOS POMARES

José Henrique Rodrigues Machado

Sim, senhor! Me dê licença de contar...

Minha cidade tem folia, tem terço e tem quermesse! Tem reza e tem leilão! Benzições de cobreiro, 'maloiado', espinhela caída e quebranto. Tem gente de fé que segue o cortejo das procissões... Festa de santo! Nossa Senhora do Carmo! Ou seria do Monte Carmelo... Os montes são iguais a morros? Morros pequenos? Morrinhos! De quintais cheios de frutas... Mangas, jabuticabas... Doces laranjas e mexericas.

Mexerico? Para apimentar as relações... Povo de bem. Criançada solta pipa, joga peão... Salva-cadeia, pique-pega, bandeirinha, amarelinha, barra manteiga, esconde-esconde, balança caixão, *cozinhadinha*! Brincar festa de coroa, de rezar terço! Saudosa e ativa memória! Herança que carrego! A fé congregava nas novenas, terços e nas rezas de livrinho! E é assim até hoje. Vi passar tanta gente pela vida que o coração aperta de dor! Pessoas que o tempo não apagou, nem com a ausência física! Hoje ao ver um filme na missa com as imagens do carro de boi, chorei, solucei baixinho de saudade de meu pai! Um morrinhense nato! Que amou e respeitou esta terra, e para minha surpresa o vídeo se encerrava com Lolita e Darcy, pais que a vida me deu! Quer saber? Vou dormir mais feliz... Já ia me esquecendo, Morrinhos, a Cidade dos meus pais, avós, bisavós... Morrinhos a Cidade dos Pomares, parabéns, viu! Dá licença de me *arretirar* agora... Vou dar uma volta pelas suas lindas ruas! Para completar este peito meu de alegria! Respeitar-te e amar-te, será sempre meu presente para a senhora, linda Cidade dos Pomares.

Texto feito em 16/07/2016, na Festa de Nossa Senhora do Carmo.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO HELENÊS CÂNDIDO

José Henrique Rodrigues Machado

Sic Transit Gloria Mundi,

São Paulo define a condição humana eu uma de suas epístolas: a glória do mundo é transitória.

Josué Montello diz "Todo homem tem o dever de seguir a estrada que passa pela sua aldeia".

Por quê? O que existe nesta estrada? Que força é essa que nos empurra para longe do conforto daquilo que é familiar, e nos faz enfrentar desafios, mesmo sabendo que a glória do mundo é transitória?

Este impulso creio que se chama a busca do sentido da vida.

Aproprio-me da fala do pastor, Henry Drumond que em 1890, assinalou.

"Neste momento, a grande pergunta do ser humano não será: ´Como eu vivi? Será isto sim "Como Amei?

O teste final de toda busca é a dimensão de nosso Amor[...].

Pois manter o Amor trançado dentro de si é ir contra o espírito de Deus, é a prova de que nunca o conhecemos, de que Ele nos amou em vão.

Martin Luther King lembra-nos das três palavras para designar tal sentimento descrito pelos gregos. *Eros* entre dois seres humanos, *Philos*, a paixão pela sabedoria, e que nos empurra ao encontro dos amigos, da filosofia, das gerações anteriores. Ágape é o amor maior.

Enveredei-me pelo sentimento do amor, caros ouvintes, para lhes aproximar do que imagina ao me dirigir ao neófito acadêmico Helenês Candido.

Quisera eu armá-lo, como na nossa academia mãe, com espada e fardão, para que, juntos possamos travar batalhas, diferentes das que já duelou até hoje.

Cabe-me Helenês, falar-lhe que a glória, a mesma que me referi quando citei São Paulo, é passageira.

Pois, cá aqui na academia, há-se de conhecer o choro para que se tenha o riso. Reflexo da tragicomédia? Não sei responder.

O que sei, e com propriedade, que para você assentar-se nesta cadeira, houve um choro potencializado. Trata-se da cadeira de nossa saudosa normalista Acadêmica Helenides Cândido, sua irmã de sangue, alma e coração.

Ainda podemos rememorar seus passeios pela praça aqui de fronte ao nosso prédio. Helenides é saudade, história, páginas de uma mulher que honrou sua existência, deu sentido à vida e amou. Homenageio-a com uma pequena poesia.

> Vida! Duro viver todas as suas horas,
> As que prendi na mão e as que nunca alcancei.
> Acreditei na vida, e a Vida em mim.
> Depois, desandamos a rir de nós mesmo os dois.

Helenês Cândido, meu hoje amigo, doravante e eternamente, dileto confrade.

Me parece, caros acadêmicos e convidados, inadequado citar em latim um aforismo de Hipócrates, nesta casa que cultuamos a imortalidade, mas penso também que esta casa trata a implacável forma da verdade, com culto e forma.

Senhoras e Senhores.

Grande entre nós, ninguém. Grande é a academia.

Porém, quando este grande homem público se inscreveu para esta vaga, imaginei como caberia tal humildade a quem de várias rodas participou, e de vários cargos ocupou?!

A resposta me veio.

Este professor, advogado, pai, esposo, avô, bisavô e herdeiro, está no lugar certo: entre nós, na Academia Morrinhense de Letras, sabem por quê? Porque aqui na Academia, servimos como armas, a defender a arte literária, a cultura em todos os seus desdobramentos. E Helenês é bom guerreiro!

Referi-me a Helenês como herdeiro, há poucos instantes e emendo o feito.

Herdeiro da veia pública e política do grande benfeitor José Cândido Ribeiro, homem de quatro costados, lembrado em muitos lugares e por muitos pela benemerência. Herdeiro de Helena, amiga, afetiva, caridosa.

Reconheço no confrade hoje empossado o apetite preferencial pela ação pública, procede-lhe alardear vitórias, tenacidade, noites adormidas,

auxiliares exaustos pelo arrojo ao administrar, tudo isto misturado adequadamente. Helenês, o ensaísta português Luís Bliroco, escreveu com prosperidade o seguinte: "Política não se faz sem pessoas, mas as pessoas de nada valem em Política se não se batem por ideias!" Impossível não o ver, descrevê-lo sem falar das temáticas políticas. Foi vereador, prefeito, deputado e governador! Parece até que seguiu o otimismo, a colaboração e a ajuda como forma de vida!

Academicamente, para todos que me ouvem, saibam que nosso confrade Helenês Cândido é um trovador, contista e ensaísta.

De suas origens há muito a falar. Não nasceu lá, mas tem ligações fortes com a minha querida terra Marcelânia.

Helenês é saudosista e telúrico, sensível à poesia, à música, às artes e à sua terra Morrinhos. Pelo seu telurismo, tão bem estudado academicamente por nossa confreira Nilza Diniz, homenageio – lhe.

Há pó de estrelas pelas estradas
E por estradas enluaradas,
Eu sigo às tontas, cego de luz.
Um luar amplo me imunda e eu ando
Em Visionária luz a nadar,
Por toda a parte, louco arrastando.
O largo mauto do meu luar.

Esta terra hoje, solenemente, o faz eterno, com glória tal que emociona, caro confrade Helenês. Este filme que lhe passa à mente, como professor do Ginásio Senador, do Colégio Xavier de Almeida, como diretor da Escola Rotary, como presidente da Assembleia Legislativa e Governador de Goiás, lhe deve ser muito bom!

Olhar para trás e ver que representou e amou sua terra e seu povo, que merge aos melhores sentimentos que a teoria literária explicaria como metafísica. Um benfeitor.

Murilo Melo Mendes narrou em seu livro Tempo Diferente, que de quando em quando aparecem homens de envergadura tal, que sua imagem eterniza, sua voz ecoa e seu trabalho dignifica; Helenês, você é desses homens a quem se referia Murilo Melo.

Homem de serviço e ação. Caridade e companheirismo. Atitude e zelo. Amor e sentido à vida. É nosso costume, caros convidados, promovermos a recepção de novos acadêmicos, com um discurso, estudioso e eficiente. Eu, como sou um teimoso, falei desse conterrâneo fecundo, desse amigo presente que é Helenês Cândido. Ao acesso esperavam algo biográfico, recebam minhas sinceras desculpas. Helenês Cândido, esperou até agora esta fala de recepção, para que, enfim, seja recebido na Academia Morrinhense de Letras. Se é só o que faltava, a casa é sua, nobre confrade Helenês Cândido!

– Entrai!

POESIA FEITA A PHILEMON XAVIER DE OLIVEIRA, EM DECORRÊNCIA DE SEU FALECIMENTO EM 24/09/2016

Sinceridade, candura e firmeza no olhar,
Mãos hábeis, mãos da vida.
Mãos postas a ajudar!
Caridade humana, no esculápio, na vida toda.
Sempre atento. Voz que apoiou até os últimos
A quem de seu apoio precisou.
Silêncio e eternidade se juntam
Um para calar a voz, e a outra para fazê-la ecoar.
O lamento se junta à saudade.
A tristeza à esperança.
O desejo à vontade de seus conselhos.
O espírito descansa.
E nós, cá da terra, em suspiros de saudades.
O rememoramos a cada vez que praticarmos o bem.
Ele passou pela vida, e hoje para diante dela.
Mostrando a todos, que por seus exemplos,
Pode-se ser eterno!

José Henrique Rodrigues Machado.

POEMA CONCORRENTE AO OSCAR NATURAL

Viajando no chão brasileiro, com tapete milho amarelo limão.
Ao lado do caboclo marrom com enxada avante
E da cabocla, com peito de leite abundante.
E bezerro berrante na mão...

Ao descer próximo ao rio azul celeste
No verde estampado calmante
Praiando próximo mirante
Que retrata um Brasil rural brilhante!

O resgate dos valores humanitários pode estar ligado à volta da origem na roça, o campo, onde o homem terá mais tempo para lembrar-se de olhar para o céu e para ver como é lindo o universo. Terá mais tempo para lapidar seu comportamento, para transformá-lo num comportamento mais humilde.

O poder humano é o mais duradouro poder, pois além de atravessar o corpo, superar os defeitos do consciente ele eleva o ser imortal...!

Do livro: "O Poder Livre de Humano" de Graziela de Souza Reis /2007.

MODELO

Atendente à Presidente...
Pretendente!
Loira, morena, pintada...
Grande, pequena, inteligente...

Mulher ruiva, que uiva... amada que cuida
Gata de gravata... executiva que mata
Cheia de amor, glamour, modelo, amiga que luta!

Ser mulher é ser rosa, livre.
Olímpica, lilás...
É ser totalmente demais.

Graziela de Souza Reis.

EMOÇÃO

Arte... Não é só ação... omissão ou atração ...
não é só razão ...só saber!
É saber... emocionar no coração ...!

Graziela de Souza Reis.

POLÍTICA EM VERSOS

Ação, omissão, administração, colaboração, nação, razão ou emoção!

Tudo pode lembrar Política, que é um meio de se interagir em um grupo para conseguir de modo justo, um objetivo coletivo. Seguimento cultural e social essencial de todos os seguimentos de um povo, de um País, do qual todos nós devemos conhecer, estudar e participar de modo ativo para provocar desenvolvimento constante de um município, estado ou país.

Nossos direitos fundamentais, políticos e sociais, que nos habilitam para exercer o direito de cidadania estão previstos nos arts. 5º 6º e 14º da Constituição Federal de 1988. Que prevê desde o direito a vida, até o direito de manifestar através do voto secreto e/ou do pensamento expresso, sem ser anônimo, deixando suas assinaturas gravadas em suas criações materiais e escritos construtivos.

A política começa dentro da nossa casa, na sociedade que convivemos em nosso município, estado, está presente em nossa profissão, no nosso trabalho e vai até aos sindicatos, associações e religiões. E para exercitarmos, devemos procurar conhecer além da Constituição Federal, os estatutos da criança, do adolescente, do idoso, direitos dos animais, do meio ambiente, estatuto do advogado. E, através de um advogado, lutar pelos preceitos legais previstos no Código Civil e novo Código de processo Civil. Esta política cotidiana vai até a política internacional, onde o desenvolvimento cultural pode acontecer através de projetos de intercâmbios entre países.

Todos os meios de comunicação para aprender e conscientizar é válido, inclusive os sites de relacionamentos sociais, pois todos os segmentos econômicos, sociais e culturais, dependem de uma boa política de boa fé e de bons costumes. Quase uma política de São Francisco de Assis, do Padre Fábio de Melo, que nos interage com o preceito de que "é dando que se

recebe". É sendo original que demonstramos nossa fé interior e não sendo igual a todos. Um política para conviver bem, sem causar danos morais e materiais a terceiros, ser patriotas ou voluntários do bem, conhecer, politicar sem ofender... enfim fazer uma política em Versos. Deixando os inversos e sem medo de exercer o direito de cidadania, sem medo de contribuir para um Brasil mais justo e sem desigualdades. Para um Brasil com projetos coletivos, para uma sobrevivência igual para todos.

Escrito em 01.04.16, quando o Brasil das ruas estava de cara pintada entre o vermelho e o verde-amarelo. Entre a corrupção e a vontade de um Brasil heroico, retumbante, dominante, de um Brasil vencedor pelo conhecimento, pela luta pelo trabalho, uma política sadia, em versos, que poderia ser uma matéria dos cursos primários, até o curso superior, técnico. Um curso criativo e crítico construtivo, de uma política sem inversos, iluminando a todos de esperança de um Brasil melhor, de raios verdes e amarelos.

Graziela de Souza Reis.

VERSOS COMPARTILHADOS

I

Toque Mágico

Às vezes no quarto, com as notas vibrando... Esqueço o instante
Encontrando na harmonia das palavras, e finalmente da música.
Uma verdade para cada pessoa.
A arte de tocar é só nossa, e quando a descobrimos, no violão será de todos.
Tocando, tocamos, num segundo de magia, várias pessoas...

II

Mensagem de um Circo

Atrás da arte da pintura colorida de um palhaço, se esconde em preto, as tristezas e em cores as alegrias... E ao fotografarmos, a revelação de seu rosto triste ou alegre, nos retrata a realidade de uma vida de alegrias, de dificuldades e de sonhos. No picadeiro do grande circo é que vivemos. E, ao olharmos para cima, viajamos além da lona amarela, num imenso infinito azul, com pontos brilhantes de mistérios e profundos sonhos...

III

Terapia de Grupo

Crianças que fazem terapia de grupo. O primeiro se refugiava para dentro de si, sempre querendo ter a atenção de todos. O segundo fazia de bebê, para não ter que assumir nenhuma responsabilidade. O terceiro se entregou totalmente, não querendo olhar para frente. O quarto se isolou, por não entender nada. O quinto se fazia de fraco e transferia seus problemas para a pessoa mais próxima, pedindo proteção. O sexto se fazia de forte, mas esperava sempre a mãe decidir. O sétimo queria ter um pai e oitavo ainda não havia decidido nada. Psicólogos diferentes, não conseguiram orientá-los . Pois aquele grupo de crianças procuravam através de aventuras, ameaças e protestos, nada mais que... a atenção do pai e da mãe ...

IV

Sonho, A Última Dimensão.

Na primeira dimensão, podemos ver e sentir, palpar...

Na segunda, podemos ver através de transmissores eletrônicos. Na terceira, podemos prever e calculá-las através da dinâmica de computadores... na quarta ...vamos sonhar ?

Na última dimensão, ainda não explicada, viajando através do sono, podemos concretizar em minutos, realizações que não foram possíveis na primeira palpá-las, nem na segunda dimensão, através da televisão... É impossível calculá-las num computador de terceira dimensão ... Sonhe e que este segundo em sono, seja a marca se transformando em minutos as horas de felicidade e dificuldades ... que no relógio marcam nossas vidas, nossas memórias ...

Nossos momentos...

Publicado em 1994 por Graziela de Souza Reis no Livro "Família Ideal, Sonho e Poesia" e modificado em 2016.

MISTÉRIO

Quem é você?
Homem ou Aranha?
Animal ou Humano?...
Humano ou Animal? ...

Advogado nato do céu...
É o Homem Aranha...

Da espécie Homem-sapiens
Nos Arranha-céus orienta nos céus...
Personagem de nossos sonhos bons...
Sonhos coloridos...
Atualmente se transformou em herói de filmes com efeitos
Especiais, álbuns em quadrinhos, gibis, jogos de videogame.

Namoradinho ou mascarado?
Azul e vermelho quadriculado...
Parece um homem bom, que gosta de ajudar...
Mas, ao mesmo tempo é perspicaz, como uma aranha negra...
Que às vezes é sagaz, astuto e arranha...
Produz suas próprias teias...
Como arma, para andar, caminhar.
Direcionar... ou quem sabe sobre as telhas voar...
Para salvar um amigo de um perigo iminente...
Eminente, vidente, arrisca a qualquer altura, com ternura...
Pendurado como um precioso pingente...
Sempre humano, conquista a gente...
Sem calcular, acolhe, sem machucar...

Adolescentes, sejam um pouco de Homem Aranha...
De seu lado bom, mas sem cobrar ou discriminar...
Caminhe sempre para ajudar...

Escrito por Graziela de Souza Reis em 25.08.07, cujo texto foi apresentado no lançamento de seu 2º livro publicado.

UM MITO AINDA BRILHANTE

O céu escureceu, choveu...
Num Palácio distante,
Nasce um Príncipe, menino radiante...
Em um Casebre na favela, no morro,
Nasce um menino chorando com o povo.

Os anjos branquinhos, o lilás, os alaranjados e azuis.
De todas as raças...
Tocaram e comemoraram o nascimento do menino pobre,
E do menino rico.
E em todos os lugares, e de mãos dadas, os mensageiros.
Tocam as cornetas...
E todos os países, escrevem no céu, de canetas...
Anunciando o batizado do menino Jesus.

O mito começou, quando no Brasil, ainda não tinha terremotos...
Quando o trenó, ainda era um veículo corrente, eficiente.
Quando no mundo, ainda não havia o Sistema Virtual inteligente...
De informações... E de tanta gente...

Mas, com o tempo, transformações, emoções...
Num relâmpago ascendeu, chegou de novo...
Criancinhas, brinquedos, Papai Noel, comerciantes delirantes.
Enfeites, doces e coloridos especiais...
Onde pais brancos, avós índios, filhos mulatos e netos negros, enfim.
Todos acompanhando a multidão...
Alguns sem preceitos ou preconceitos, se dão.
Carregando castiçais iluminados, de diversos costumes, línguas e Nações.
Jovens, adultos de todas as gerações.
E num minuto, no infinito de nuvens de algodão, surge novamente.
O velhinho de vermelho, ou de verde para valorizar o meio ambiente...

Humilde, mas influente...
Aquele que de repente, faz o mundo real...
Se transformar num campo de brilhos, num caminhão de sonhos,
E todos de novo, "sem pensar", comemoram o Natal brilhante...

Escrito por Graziela de Souza Reis em 11.12.07 publicado no livro "Advogados do Céu" em 2009.

SILÊNCIO

O silêncio falou...
Sei que sou o pranto dos bravos... Mas...
Não posso mais calar

O som de poucos falou mais alto!
Do que o tom de todos. E, por isso,
Quero expressar

Meus sentimentos bons deixo no ar
E falo baixinho, mas com emoção no coração.
...mais saúde e mais educação!

Sofri calado, sem estudar, nem analisar.
Sem médicos, sem hospitais, sem UTI para internar.
Enfim... Sem tratar
E agora quero me recuperar

Para a Nação
Deixo o Art. 5º da Constituição...
No momento, precisamos não só de cultura...
Mas também de educação e cura
Com mais saúde para o coração...

Graziela de Souza Reis.

PELOS CAMINHOS DA HISTÓRIA DE GOIÁS E PELOS TRILHOS DA HISTÓRIA DE MORRINHOS – GO – 1835-1920

Hamilton Afonso de Oliveira[1]

Localizado no sul do Estado de Goiás, a cidade de Morrinhos teve início a sua História em princípios do século XIX, quando centenas de famílias de mineiros originários, principalmente, de São Francisco das Chagas, Sacramento, Piuhuim, Bagagem, Passos, Brejo Alegre, Campos Belos, Dores de Uberaba, Varginha, Formiga, Pitangui, Campanha, Tamanduá e Araxá, ocuparam as terras, construíram sítios e fazendas, dedicaram à criação de gado e a agricultura itinerante e familiar. Na década de 1830, nas proximidades do atual Lago das Araras, já havia se constituído o Arraial de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos.

Foto 1 – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos – 1850[2]

[1] Doutor em Historia pela Universidade Estadual Paulista e professor do Curso de História e do Mestrado Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus – Morrinhos – GO e membro da Academia Morrinhense de Letras.

[2] Fonte: Museu Antônio Correa Bueno – foto da década de 1920.

No ano de 1836 já havia uma capela fundada em consagração a Nossa Senhora do Carmo, sendo o primeiro registro de casamento realizado em 11 de abril de 1836. Sendo os noivos: Francisco de Paula Abreu – filho de Manoel Luís de Sousa Lima e Anna Maria Gomes da Silva Lima – e Maria Teodora de Jesus – Manoel Ferreira Pinto e Anna Joaquina de Jesus –. O casamento foi realizado pelo padre Misael da Costa Valle que, provavelmente, juntamente com outras famílias pioneiras do processo de ocupação construíram a capela que originou o Arraial de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, conforme, descrito nos documentos da época.

Era uma prática comum dos fazendeiros dos séculos XIX e até primeira metade do século XX ter o hábito de doarem terras ao patrimônio de um santo ou santa, para a construção de uma capela ou igreja, em cujas proximidades acabavam se originando um povoado (patrimônio), que posteriormente, se transformavam em cidades. Foi desta forma que, em 26 de março de 1845, Gaspar Martins da Veiga e sua esposa Joaquina Maria de Jesus, fizeram doação das terras que passaram a constituir o patrimônio de Nossa Senhora do Carmo. Área que atualmente, compreende grande parte da área urbana da cidade de Morrinhos, que outrora, pertencia ao patrimônio da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos. Com a constituição do patrimônio, o arraial foi elevado à condição de Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos.

Foto 2 – Festa de N. Senhora do Carmo – década de 1930[3]

[3] Fonte: Museu Antônio Correa Bueno – foto da década de 1930.

Em 25 de novembro de 1855 foi elevada à categoria de município, suprimida em 19 de agosto de 1859 passando a se chamar Vila Bela do Paranaíba e restabelecido em 2 de julho de 1871, novamente como Vila Bela de Morrinhos, agora pertencendo ao município de Pouso Alto (atual Piracanjuba). Em 29 de agosto de 1882 foi elevada à categoria de cidade com o nome de Morrinhos. (SILVA, 1980)

Por mais de um século era nas proximidades da Matriz de Nossa Senhora do Carmo, que ocorriam os principais eventos sociais e culturais com destaque para as atividades religiosas, e, posteriormente e a realização da tradicional festa de padroeira, que ainda ocorre sempre no mês de julho. Outrora, antes da atual Festa de Exposição Agropecuária, a Festa da Padroeira que, passou a ser conhecida, por algum tempo a partir de 1945 como a Festa do Centenário que reunia milhares de pessoas da região e cidades vizinhas que se deslocavam para Morrinhos para os festejos. Primazia, que perdurou até princípios da década de 1970.

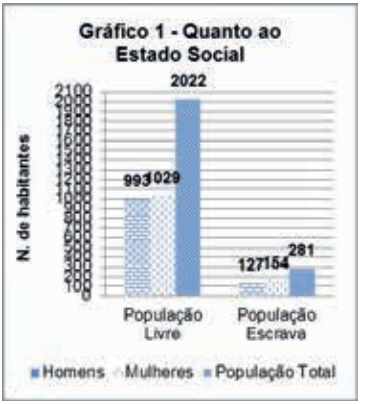
Nos primeiros tempos do município, até meados da década de 1850, ainda era costume enterrar os mortos dentro ou nas proximidades da Capela Nossa Senhora do Carmo. Somente por volta dos fins da década 1850, por determinação de Lei Imperial, foi proibido o enterro de pessoas nas igrejas no Brasil. Em razão disso foi construído, o primeiro cemitério público, no local onde hoje se encontra Praça Dr. Raul Nunes (popularmente, Praça da Fonte Luminosa).

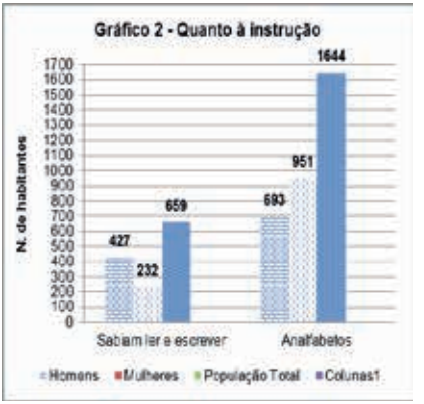
A luta pela emancipação política dos morrinhenses começou na década de 1850, através deste abaixo-assinado, composto por 39 assinaturas representantes das principais famílias mais importantes e pioneiras do processo de ocupação e fundação de Morrinhos. Dentre estas pessoas tiveram destaque o coronel Luiz Gonzaga de Meneses, João Antônio de Araújo Vale, Vicente Correa Bueno, José Correa Bueno, Domingos Ferreira de Mattos, Felipe Pereira Coimbra, Manoel José de Barros, Francisco Jose de Barros, José Antônio de Barros, Manuel José do Carmo, Antônio José do Carmo, Francisco Luiz de Castilho, José Luiz de Castilho, Candido Mendes Parreira, José Barbosa de Amorim, Antônio Ribeiro de Sousa, José Antônio de Araújo Vale e outros.

Na década de 1850, a Freguesia de N. S. do Carmo dos Morrinhos contava com cerca de 6 mil habitantes, distribuídos no povoado compor

por mais de 50 casas cobertas de telhas, no entanto, mais de 90% das pessoas residiam nas fazendas da região. Por possuir uma população expressiva para a época, representantes da comunidade local, reivindicaram junto à Assembleia Provincial de Goiás a elevação da freguesia à condição de Vila que foi consumada com a resolução n.º 2, de 15 de dezembro de 1855. Com essa Lei, o arraial foi elevado à condição de vila com a denominação de Vila Bela do Paranaíba, condição esta que foi revogada em 1859. Condição que somente foi restabelecida em 1871, pela Lei n.º 63, de 19 de novembro de 1859, com a denominação Vila Bela de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos. Por fim, em 1882, foi elevada à categoria de cidade mantendo apenas a denominação de Morrinhos. (SILVA, 1980)

Características da população de Morrinhos – GO em 1872





Fonte: Recenseamento da Província de Goyaz – 1872 p.59 – Disponível no site: http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=225477 – acessado em 02/06/2016.

Em 1872, quando era Vila Bela de Morrinhos, a população local 2.303 habitantes, deste total, 2.022 era livres e 281 viviam sob a condição de escravos. Lembrando que nesta época, cerca de 80% das pessoas viviam no campo e 20% na área urbana da vila. Cerca de 400 pessoas, possivelmente, viviam na área urbana que era muito pequena; provavelmente, as residências estendiam-se pelas margens do córrego Maria Lucinda e, no máximo, umas três quadras acima da Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Por se tratar de uma população predominantemente agrária, quase 70%,

conforme dados do censo de 1872, não sabiam ler ou escrever e cerca de 30% declararam saber ler e escrever, conforme nota-se, no Gráfico 2 acima.

Os aspectos da Vila Bela de Morrinhos no século XIX era bem simples, conforme observou Leite de Moraes, que foi nomeado presidente da província de Goiás e em janeiro de 1881, descreve no seu livro de memórias *Apontamentos de Viagem,* que chegou Vila Bela de Morrinhos às

> dez e dez (23 de janeiro de 1881) caminhando, até então, três léguas. Ao entrarmos na povoação avistamos o seu cemitério, e fomos vê-lo. Entra-se a cavalo por todos os lados naquele recinto sagrado sepulturas revolvidas, muros em ruínas, tudo numa situação indescritível. [...] Fomos à casa do Sr. Hermenegildo Lopes de Moraes, um dos mais abastados negociantes da província, cidadão distinto por seu caráter, por suas qualidades morais e por seus serviços à causa pública. Por instâncias suas pernoitamos na sua casa. Morrinhos está edificada sobre uma várzea; as suas ruas estão alagadas e intransitáveis; ou água ou lama; casas pequenas e espalhadas; cadeia ordinária; igreja sofrível; [...] Dir-se-ia que a vida, o trabalho, o progresso, a felicidade, tudo concentra-se apenas na casa onde estamos hospedados[4] (MORAES, 1995, p.85).

O relato de Leite de Moraes vai ao encontro à memória deixada por José do Nascimento na edição 4 do *Jornal A Justiça,* de 06 de abril de 1939, um periódico local, em que era redator em poema intitulado *Morrinhos de outrora*

Um grande rego d água vinha do açude
E as largas bicas feitas de aroeira,
Mal emendadas do modo rude,
Faziam lama onde havia poeira

Nas noites negras, as ruas mortas
Eram difíceis de percorrer.
Havia vacas diante das portas,
Para dar leite ao amanhecer

[...] E o morro célebre da Saudade,
Mucambos que, hoje, não se vêm mais [...]

4 O Sr. Hermenegildo foi um auxiliar muito importante da minha administração nos melhoramentos materiais realizados na estrada do sul. (N.A.)

E havia ranchos, onde os viajantes
Descarregavam as comitivas
Davam zutrapas, davam chiantis,
Nos seus jantares, aos convivas. [...]

Tempos antigos, que já me esquecem!...

Nas décadas de 1920 e 1930, embora Morrinhos já houvesse se consolidado como uma das principais cidades do Estado de Goiás. Bruno Vieira (1981) relata em seu livro *Morrinhos ao Som da Lira*, a área urbana da cidade cresceu pouco depois da passagem de Leite de Moraes em 1881,

> em 1900, a cidade nascia nas proximidades do Córrego Maria Lucinda [...] bifurcando, expandia-se em direção ao antigo Largo do Rosário, depois Praça da Liberdade, hoje Praça Rui Barbosa. [...] Daí segui, rumo ao oeste, até a parte alta da cidade, próxima a um pequeno cemitério que já não existe. O outro lado da expansão verificou-se nas adjacências da Igreja, insuflando-se me dição a Oeste. A rua do Comércio, hoje Barão do Rio Branco, estabelecia o limite da cidade (VIEIRA, 1981, p.16).

Pelo relato de Bruno Vieira, a área urbana da cidade estendia-se um pouco acima da Rua do Comércio (hoje Barão do Rio Branco). No entanto, na década de 1920, "Morrinhos já se consolidava como uma das cidades mais importantes Estado de Goiás. O censo de 1920 indicava que a cidade possuía 3.186 residências ocupadas e apenas duas desocupadas" (FONSECA, 1998, p. 137). O município possuía, segundo Itami Campos (2003) o 5.º maior rebanho, a 3.ª maior produção agrícola e era a 3.ª maior cidade do Estado de Goiás com 24.502 habitantes.

Apesar do relativo progresso, naquele tempo, o martelo, a foice, a enxada, o enxadão e o machado eram as principais ferramentas de trabalho utilizadas pelas famílias e pertenciam ao chefe da família. Segundo Péricles Xavier Rebello, nas décadas de 1910 e 1920

> o código de boas maneiras em família consistia em as crianças tomarem a benção dos mais velhos ao acordar e ao dormir, beijando-lhes as mãos. Além dos familiares, essa benção estendia aos mais velhos

> em geral, inclusive, os não parentes. Rezava-se diariamente antes de se tomarem as refeições. [...] Assim como as crianças apertavam as mãos dos mais velhos, os homens tiravam o chapéu para cumprimentar seus conhecidos. [...] Fazia parte ainda do código de boas maneiras as crianças não adentrarem a sala de visitas sem ser convidadas por seus pais, o mesmo ocorrendo com as mulheres (REBELLO, 1987, p.15-16)

As crianças começavam a trabalhar bem precocemente, desde a venda de cigarros de palha, doces e leite na cidade até a ajudar os pais na lida do gado e em trabalhos mais leves na lavoura, como por exemplo, no plantio de sementes nas roças. Vendiam também lenha, "que se prendiam em um pau da cangalha por uma correia ou corrente semi-oval para serem cheios de lenha [...] o trabalho educativo das crianças se resumia em pastorear o gado e vigiar passarinho para não comer arroz. Até os dez anos as crianças usavam camisolas de tecidos feitos no tear" (REBELLO, 1987, p.16-44)

Neste contexto social,

> os filhos deviam obediência cega aos pais, mesmo que estes estivessem equivocados. Usualmente os pais escolhiam as amizades dos filhos. Havia severa vigilância nas conversas das mulheres, mesmo que fossem com amigas, por parte dos seus familiares. Senhor, era o tratamento que as mulheres dispensavam ao homem. [...] Bastava um olhar dos pais para que o filho entendesse e cumprisse o que era estabelecido por eles (REBELLO, 1987, p.16-17).

Naqueles tempos, os vizinhos cooperavam entre si, em forma de mutirão[5], sobretudo, nos tempos de plantio, limpa e colheita das roças. Quanto ao modo de vestir,

> os homens usavam terno e gravata e as mulheres, sempre vestido colorido, branco ou rosa e a mantilha. Os sertanejos usavam camisa de manga comprida de algodão. Diziam que traje de ir a missa chamava-se o traje de ir ao céu. [...] O traje usado para se fazer a primeira comunhão tinha de ser branco, com um laço no braço esquerdo, e o sapato podia ser de qualquer cor. As meninas usavam grinalda (REBELLO, 1987, p.27).

5 Mobilização coletiva para auxílio mútuo de caráter gratuito, esp. entre trabalhadores do campo, por ocasião de roçada, colheita etc. https://www.google.com.br/#q=significado+da+palavra+mutir%C3%A3o – acessado em 18/05/2016.

Em uma época em que não havia médicos e remédios farmacêuticos facilmente disponíveis em farmácias, "os benzedores – curadores tinham uma destacada atuação na medicina popular. Não só atendiam consultas para pessoas, como também, para salvar animal de estimação e gado." (REBELLO, 1987, p.38)

Os utensílios para servir os alimentos eram travessas e pratos esmaltados de ferro. Cozinhava-se em panelas de ferro e de barro. Em Morrinhos, entre as famílias mais abastadas, havia utensílios de origem alemã e francesa, sendo a matéria-prima dos objetos de uso doméstico esmaltado e de louça. Segundo Rebello, "as panelas de ferro para cozinhar vinham da Inglaterra. Famílias de melhor condição possuíam baixelas de prata. Algumas, de tão sofisticadas, davam-se ao luxo de gravar o nome do chefe da família em todos os seus talheres" (REBELLO, 1987, p.33-34).

Seguindo os ritmos dos carros de bois e o tropel das mulas, burros e cavalos, assim era a vida da maioria das pessoas que residiam em Morrinhos e em várias localidades espalhadas por Goiás e Brasil até 1920.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia : Ed. UFG, 2003.

FONSECA, Maria Lúcia da. Coronelismo e cotidiano: Morrinhos – 1889-1930. In. CHAUL, Nars Fayad (Org.) **Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: Mestrado/UFG, 1998.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso de. **A construção da riqueza no sul de Goiás**. Tese de doutorado. Franca – SP: UNESP, 2006. Disponível no site: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=98827 – acessado em 18/05/2016.

REBELLO, Péricles Xavier. **Usos e costumes do Estado de Goiás: estudos e interpretação, de 1900 a 1980**. Goiânia: Gráfica e Editora Líder, 1987.

SILVA, Zilda Diniz. **Morrinhos: de capela à cidade dos pomares.** Goiânia: T. Oriente, 1980.

VIEIRA, Bruno José. **Morrinhos ao som da lira**. S/E, S/D.

JOSÉ CÂNDIDO RIBEIRO

José Cândido Ribeiro uma das maiores inteligências de Goiás e orgulho de Morrinhos, amante do ensino, do direito, da justiça... Defensor intransigente da liberdade de expressão, da cultura, das artes, fez seu nome respeitado na história de Goiás pelo labor, honra, e luta em favor de sua gente. A enorme descendência deixada por ele tem servido de marco de desenvolvimento para Morrinhos e todo o Estado de Goiás, tanto no campo do saber jurídico, da política, do ensino, do comércio e da indústria.

Advogado. Nasceu no dia 14 de setembro 1905. Filho de Joaquim Cândido Ribeiro e Joaquina Teodoro Ribeiro. Fez seus estudos iniciais na cidade de Morrinhos. Em 1916, ingressou no Seminário "Dom Prudêncio", na cidade de Goiás. Distinguindo-se sempre nos estudos, posteriormente foi levado para o Seminário de Mariana, onde fez o curso de teologia, recebendo aí a primeira tonsura. Ali exercia também o magistério, secretariando o arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira. Chamado a colaborar no Seminário de Goiás, já em Bonfim, emprestou sua inteligência à formação intelectual de uma nova plêiade de seminaristas.

Em 1929, abandonou a carreira sacerdotal e abraçou a de advogado, ingressando na Escola de Direito de Goiás, na cidade de Goiás, antiga capital goiana. Para revalidar o curso do seminário, submeteu-se a um exame de humanidades, ocasião em que deslumbrou a banca examinadora pela profundidade de seus conhecimentos. Para custear suas despesas, abraçou o magistério. Em 1931, contudo, interrompeu seus estudos, voltando à cidade de Morrinhos, como fiscal do governo junto à Escola Normal, para ultimar os preparativos para a fundação da Escola Normal de Morrinhos. Veio como fiscal e professor estadual, exercendo, depois, o cargo de fiscal interino da Escola Normal de Morrinhos, Professor e Inspetor da Escola. Formado pela Faculdade de Direito de Goiás (11/06/1940).

Em 1949, submeteu-se a concurso para a magistratura goiana, logrando aprovação em segundo lugar, contudo, não tomou posse no cargo, preferindo a carreira de uma advocacia liberal. Dominava com segurança o hebraico, o grego, o latim, o francês, o espanhol, o inglês, e o alemão e era perfeito no idioma português. Escrevia com naturalidade o latim, o francês, o inglês e o espanhol.

De procedência humilde, conseguiu posição de destaque na sociedade morrinhense, pelo seu brilhantismo e pelo amor que dedicou à instrução. Foi um grande pioneiro do ensino em nossa terra. Cofundador da Escola Normal de Morrinhos. Professor do Colégio das Irmãs Agostinianas. Mais tarde, seu Diretor e Inspetor. Cofundador da Escola Técnica de Comércio do Ateneu Dom Bosco de Goiânia. A turma de formandos de contabilistas da Escola Técnica de Comércio do Ateneu Dom Bosco de 1953, o homenageou postumamente. Professor do Liceu de Goiás. Secretário da prefeitura municipal de Morrinhos. Agente de Estatística. Procurador Fiscal. Grande orador. Humano ao extremo. Cultura invejável. Espírito brilhante. Nas eleições de três de outubro de 1951, foi candidato a vereador, pelo PSD, havendo sido o vereador mais votado de Morrinhos naquele ano. Foi escolhido para o cargo de presidente da Câmara Municipal de Morrinhos (1952), posto para o qual foi reeleito (1953).

Com o afastamento do prefeito eleito, Jurandyr Vasconcelos por incômodos de saúde, foi seu substituto imediato (2/07/1952-1/03/1953). Na sua gestão, a Prefeitura Municipal fez a doação de vinte e cinco mil cruzeiros à Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, para o término das obras do Salão Paroquial. O deputado Celestino Filho também doou cinquenta mil cruzeiros para o mesmo fim. José Cândido Ribeiro foi o inventor dos mutirões na administração pública. Católico praticante. Grande admirador do gênio Rui Barbosa, defendeu com ardor seu lado cristão.

BIOGRAFIA DO ACADÊMICO: HELENÊS CÂNDIDO – CADEIRA Nº. 13

Estudos: Faculdade de Direito de Uberlândia, MG.
Profissão: Advogado e Professor
Nascimento: 5 de janeiro de 1935, Morrinhos, GO.
Residência: Morrinhos, GO.
Filiação: José Cândido (Prefeito Municipal, Morrinhos, 1952-1953) e Helena Cândido Romano.
Cônjuge: Lila Morais Cândido.
Filhos: Helenês José e Paulo Roberto.
Vida Política e Parlamentar
Prefeito Municipal de Morrinhos, ARENA, 1973-1977.

Deputado Estadual, ARENA, 9ªLegislatura, 1979-1983. Compôs a Mesa Diretora: Vice-Presidente, 1981-1982.

Deputado Estadual, suplente do PMDB, 12ªLegislatura, 1991-1995, empossado em 04.04.94, efetivando-se até o final da Legislatura; Deputado Estadual, PMDB, 13ª Legislatura, 1995-1998. Presidente da Assembléia Legislativa, 1997-1998, afastando-se para assumir a Governadoria do Estado.

Outras Informações:

Seu primeiro emprego foi de secretário de escola e professor, tendo ajudado na instalação do Colégio Estadual Xavier de Almeida, de Morrinhos. Participou da fundação da Companhia Telefônica de Morrinhos, do Sindicato Rural, da Cooperativa de Leite, e do Jóquei Clube do município.

Presidiu a Associação Goiana dos Municípios, 1974-1975.

Filiações partidárias: ARENA; PMDB, presidente do partido 2000-2001.

Secretário Geral da União Parlamentar Interestadual (UPI).

Desempenhou também funções de comando na IQUEGO, no CRISA, na OSEGO, no DERGO, na SUTEG, além de ter sido Secretário de Obras de Morrinhos.

Poemas

FELICIDADE

Felicidade achei que a tivesse encontrado,
Que engano, você foi depressa embora,
Deixando triste quem havia pensado,
Ter ela do seu lado, mas onde está agora?

Talvez no vazio do peito de alguém,
Buscando sozinho, um motivo pra pensar,
Que a felicidade vai e vem, sem a ninguém respeitar,
Mesmo sabendo que com ela quero ficar.

A felicidade é como o vento que sopra forte,
Vem com intensidade em alguns momentos
E, vai embora, nos deixando à mercê da sorte,
Causando quase sempre muitos sofrimentos.

Saudade sei o que isto significa agora,
É a falta de sua presença, neste instante,
Para ficar do meu lado, toda a hora,
E, mesmo assim, não seria o bastante.

Helenês Cândido.

NEM A DISTÂNCIA

Nem a distância impediu um só momento,
Que não ficasse junto, na minha mente,
Não saindo, com certeza do pensamento,
Marcando a tua presença permanente.

De um coração adormecido, um motivo o despertou,
Durante muito tempo guardado dentro do peito,
Um grande amor de seu âmago projetou,
Transformando-o de maneira forte, pois, sinto o efeito.

Devagarinho ficou marcada, na minha mente,
A vontade de estar sempre com o teu conviver,
Em tudo e no coração, tua imagem presente,
Despertando o desejo de contigo permanecer.

No peito sinto o rasgar com vigor,
Uma mudança sentida bem diferente,
É a certeza de que chegou o amor,
Deixando claro, que não está ausente.

O badalar do coração está a te reclamar,
Provando que vivo uma grande emoção,
O que significa que o amor veio para ficar,
Dentro dele a permanência de gostosa sensação.

Helenês Cândido.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO CARMO

José Afonso Barbosa.

Em março de 1836, era inaugurada a Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Morrinhos, já decorridos quatorze anos de fundação do Arraial, que se deu em 1822.

Presumivelmente, a Capela fora construída do modo mais rústico possível, ou seja, o material empregado na obra deveria ser: cobertura de folhas de bacuri, paredes de madeira roliça, ripas de bambu amarradas com cipó de dentro e de fora da parede, a espaços de quinze centímetros, rebocadas e de chão batido.

No mesmo ano de 1836, iniciou-se a construção da igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, sendo que sua conclusão se deu em 1847, quando o Arraial já desfrutava do status de Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos. Era uma igreja simples, porém aconchegante.

Em 1874, uma comissão de moradores de Vila Bela de Morrinhos, solicitava ajuda ao governo goiano para reforma da Matriz e conclusão do

cemitério público, já que a comunidade não dispunha de mais recursos para prosseguir com as obras. O cemitério deixaria de ser na Praça da Matriz e passaria a funcionar na Praça hoje denominada de Praça Dr. Raul Nunes, mais conhecida como Praça da Fonte Luminosa, isso até 1918, quando o Intendente Municipal Alfredo Lopes de Moraes, construiu e inaugurou o cemitério São Miguel.

A lei imperial de primeiro de outubro de 1828, que proibia enterrar cadáveres dentro das igrejas e nos terrenos que as circundavam não era respeitada. Tal exigência só foi cumprida no último quartel do século XIX, com a inauguração do cemitério público.

No cemitério da Praça da Matriz, eram enterrados os defuntos pobres. Os defuntos ricos, importantes, os homens bons e suas mulheres, eram sepultados dentro da igreja, no adro e no corpo da igreja, pela ordem de importância. Essa prática causava um enorme desconforto aos fiéis e um grave risco à sua saúde.

Há relatos de viajantes que passaram por Morrinhos no início do segundo cinquentenário do século XIX, dizendo que era comum, ao passar nas ruelas que circundavam o cemitério na Praça da Matriz, dar de cara com sepulturas reviradas por tatupebas, deixando à vista os cadáveres em decomposição, o que lhes causavam repugnância.

Em 1914, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo sofreu mais uma reforma, deixando-a mais atraente. Ainda no início da segunda década do século XX, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo sofreu uma terceira e última restauração, deixando sua fachada totalmente reformulada e diferente.

Contudo, como o material usado em suas paredes fosse de adobe, ou seja, terra comprimida em formas, o tempo se encarregou de deteriorá-la, quase a levando ao desmanche.

Em 1926, veio para a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos o padre Francisco Xavier, homem ousado e batalhador. Vendo ele o estado deplorável de sua "nova" Matriz (sua torre do lado direito havia desmoronado), pensou logo em substituí-la por uma Igreja ampla, alta, arejada. E assim foi feito.

No início da década de trinta, ele entregou aos seus fiéis, um templo monumental, bem concebido, todo revestido de madeira nobre, piso importado, ladrilhos de belos desenhos, belíssima via-sacra, nave imponente... Nas palavras do Pastor Tipple, seu grande amigo, Francisco Xavier jogou ao chão uma igreja em ruína e edificou em seu lugar uma genuína obra de arte.

No dia 17 de junho de 1936, chegava o Padre Primo Scossolino, italiano de Údine, para substituir o bondoso, honrado e, ao mesmo tempo, in-

compreendido Padre Francisco Xavier, que tanto bem fizera a comunidade de Morrinhos, não só na parte religiosa, pois padre Francisco Xavier, o "Alemão", era pau para toda obra. Estava sempre pronto para atender a quem quer que fosse no que fosse preciso. Foi o primeiro vigário a praticar o ecumenismo em nossa região, incentivando o amor e o respeito aos irmãos de outras religiões, sendo o grande e fiel amigo do Pastor Tipple, "O Bandeirante da Bíblia no Brasil Central", como o próprio Tipple se definia.

Padre Francisco Xavier deixou belas sementes de amor, fé, honra e dignidade em nossa terra, que germinaram e deram belos frutos.

Nossa comunidade muito deve a esse valoroso servo de Deus que soube cumprir com denodo sua missão de catequizar os filhos de Deus, clareando suas mentes com a luz do ensino bíblico, para que pudessem ver e viver num mundo melhor. A ele, a nossa eterna gratidão.

Padre Francisco Xavier foi vigário de Morrinhos de 1º de maio de 1926 a 12 de abril de 1936.

Padre Primo Scussolino era construtor. Foi ele o encarregado chefe da construção do prédio do Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes, que teve o lançamento de sua pedra fundamental em 1939 e fora concluído no início da década de quarenta. Dona Maria Amabini de Moraes, dona Fiíca, depositava toda confiança em Padre Primo Scussolino. Foi ele, também, o mestre de obra de toda a construção do Cine Teatro Hollywood, inaugurado em 26 de março de 1949. Padre Primo Scussolino foi o primeiro sacerdote de Brasília e o primeiro vigário a ser enterrado ali. Repousa no Cemitério da Boa Esperança, ao lado do pioneiro de Brasília Bernardo Sayão, o Bandeirante do século XX. Padre Primo Scusso-

lino prestou seus bons serviços à comunidade de Morrinhos até o dia 12 de dezembro de 1948.

No dia 7 de outubro de 1970, assumiu a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos, o Vigário Vicente Rui Marot, natural da cidade de Ipameri (GO). O novo Pároco, querendo mostrar serviço à sua nova comunidade religiosa, a qual veio liderar, ele, juntamente com uma junta administrativa, criada para estudar as condições físicas da Igreja Matriz, tiveram a terrível ideia de jogar ao chão o Templo Sagrado que o Reverendo Francisco Xavier fizera com todo sacrifício e entregara ao seu povo, para que o mesmo pudesse desfrutar de um recanto de paz, aconchego, conforto, de prece, junto ao seu criador.

Alegando que o prédio era velho, prestes a cair, impossível de reformar, o que era uma tremenda falácia, pois o prédio, além de novo (só tinha 45 anos de existência), estava em ótimo estado de conservação, belo e majestoso, propuseram jogá-lo ao chão, para construir ali um templo moderno, futurista, coisa de primeiro mundo. Corria o ano de 1977.

Nossa comunidade parecia hipnotizada e nada contestou.

Sua omissão contribuiu, assim, com o maior crime já praticado contra o nosso patrimônio histórico-cultural.

Ficou apenas a TORRE DA MATRIZ, um grito solitário que ecoa diariamente na Praça da Matriz, contra um ato de vandalismo, praticado por aqueles que tinham o dever de protegê-la e honrá-la.

TORRE que chama para si os olhares da comunidade local, alertando-a sobre a defesa de seus bens culturais.

UM GRAVE ERRO HISTÓRICO

José Afonso Barbosa.

A cidade de Morrinhos foi fundada em junho de 1822.

Em maio desse ano, a família Corrêa Bueno já estava na Vila de Santa Cruz de Goiás, onde teve lugar o casamento de Jacinto Corrêa Bueno com Rosa Maria de Jesus.

> Aos vinte e cinco de maio de mil oitocentos e vinte e dois, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz de Goiás, pelas oito horas do dia, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, por palavras de presente, celebrei o casamento de Jacinto Corrêa Bueno, filho legítimo de João Caetano Corrêa Bueno e Antônia Maria de Jesus, natural e batizado na Capela de Santo Antônio do Monte, filiada à Matriz da Vila de Tamanduá, Bispado de Mariana, com Rosa Maria de Jesus, viúva que ficou por falecimento de José Bernardes, e não lhes dei as bênçãos nupciais por ter a contraente já recebido em outras núpcias e para constar fiz este assento. Vigário Colado Antônio Joaquim Siqueira.
>
> Casamento nulo e refeito nove dias depois.
>
> Aos quatro dias de junho de mil oitocentos e vinte e dois, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz de Goiás, pelas nove horas do dia, em presença das testemunhas abaixo assinadas, revalidei o casamento de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, casados antes nulamente por dois impedimentos dirimentes, por falta da assistência, ou licença do seu legítimo Pároco e afinidade em segundo grau por cópula lícita de que fora dispensado pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Governador desta prelazia José Joaquim Pereira da Veiga e para constar fiz este assento.

Em março de 1836, tinha início os ofícios da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana na Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, com o Capelão Misael da Costa Valle, como consta dos documentos abaixo:

> 1836 é o ano que dá notícia da primeira certidão de óbito lavrada no povoado. Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, aos 24 de março de 1836. Declarou José Luís de Castilho, que ontem, pelas seis horas da tarde, faleceu neste Arraial, Luís Antônio de Castilho, homem branco, casado, que vivia de agricultura e criar, filho legítimo de José Francisco da Costa e Joana Francisca, já falecidos. Para constar fiz este termo. Assina comigo o declarante. O Capelão Misael da Costa Valle. José Luís de Castilho.

14 dias depois, era oficiado o primeiro casamento na Capela:

> Aos oito dias de abril de 1836, nesta Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, filiada à Matriz de Santa Cruz de Goiás, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, receberam em matrimônio, por palavras de presente, Francisco de Paula de Abreu Lima, de idade de dezenove anos, lavrador, filho legítimo de Manoel de Abreu Lima e Ana Maria Gomes da Silva, com Maria Francisca de Jesus, de dezenove anos, filha legítima de Manoel Ferreira Pinto e Ana Joaquina de Jesus, brancos e sem impedimento algum, canônico ou civil. Assinam comigo as testemunhas, o Juiz de Paz José Antônio de Barros e Caetano Corrêa Bueno. O Capelão Misael da Costa Valle.

Logo depois, era oficiado o casamento (o segundo) de Maria Joaquina da Conceição, filha de Caetano Corrêa Bueno e Francisca Maria de Jesus, cujo documento está quase que totalmente ilegível.

Nesse mesmo ano, os festejos de Nossa Senhora do Carmo já foram realizados na Capela recém-inaugurada.

Em 26 de março de 1845, por escritura pública, o Capitão Gaspar Martins da Veiga e sua esposa Joaquina Maria de Jesus, fizeram a doação de 600 alqueires de terra à Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, para que nela fosse erguida a cidade que já dava seus primeiros passos.

Em 31 de julho de 1845, pela Lei nº 3, a Capela Curada de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos era elevada à Freguesia de Natureza Colativa. Seu território era o mesmo da Capela Curada, desmembrado que foi da Freguesia de Santa Cruz a que pertencia (o que seria o espaço geográfico sob sua jurisdição).

A Freguesia de Nossa do Carmo dos Morrinhos adquiria assim relativa autonomia administrativa, porém, o vício continuava.

> "Aos vinte e seis dias do mês de julho de mil oitocentos e quarenta e sete nesta Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, filiada à Matriz de Santa Cruz de Goiás, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, receberam em matrimonio por palavras de presente João Domingos da Silva, de idade de vinte anos, o qual vive de lavrar a terra (teriam que dizer nesta

> Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos e não "Capela"), filho legítimo de João Antônio do Carmo e Josefa Luiza de Magalhães da Silva com Jesuína Moreira da Silva, de idade de vinte anos, filha legítima de Manoel Teixeira de Guimarães e Júlia Moreira da Silva, brancos e sem haver impedimento algum, para constar lavra este termo em que assinam comigo as testemunhas, Severino Manoel Dias e Jacob Duarte".

João Domingos da Silva e Jesuína Moreira da Silva eram tataravós do Médico Penido de Oliveira.

A Igreja, e demais membros da sociedade morrinhense, num erro involuntário, passaram a citar a data de 1845, como a da fundação do Arraial, o que é um tremendo disparate, pois a data de 31 de julho lembrava apenas a criação da Paróquia e não a fundação do Arraial, que se deu justamente em 1822, vinte e três anos antes, portanto. A não separação do ano dos dois eventos causou um nó na história do município, passando os órgãos públicos, escolas e demais segmentos da sociedade, a ver na data da fundação da Paróquia a data da fundação do Arraial de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, gerando uma tremenda confusão.

Em 1945, a Igreja teve a ideia de comemorar o centenário da elevação da Capela de Nossa Senhora do Carmo à condição de Freguesia, persistindo no erro da não separação das datas dos dois acontecimentos de alta relevância nos destinos da cidade. O que gera confusão e graves prejuízos históricos à sua comunidade.

> Graças à iniciativa de um grupo de católicos e habitantes deste município, levando-se em conta o plano já preestabelecido pela respeitável e distinta matrona d. Maria de Oliveira Lisboa e Costa, celebrar-se-ão entre 7 e 16 de julho vindouro, nesta cidade, as solenes festividades comemorativas do 1º Centenário do Patrimônio da Cidade de Morrinhos.
> É uma homenagem excepcional que se prestará à PADROEIRA DA NOSSA PARÓQUIA Nossa Senhora do Carmo. — Beneficiária da doação feita pelo Capitão Gaspar Martins da Veiga e sua mulher d. Joaquina Maria de Jesus que, por escritura pública de 26 de março de 1845, fizeram doação da extensa área de terrenos, hoje ocupada

pela cidade de Morrinhos e seus arredores, ao primitivo Orago do povoado de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que, por lei provincial, também de 1845, foi elevado à categoria de distrito sob a denominação de Vila Bela de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos, do antigo município de SANTA CRUZ (outro erro crasso, pois a designação "Vila Bela", só aparece com a criação do município de Vila Bela do Paranaíba em novembro de 1855). Designação, aliás, criada à revelia dos habitantes do Arraial de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, como uma homenagem dos deputados goianos ao Barão de Vila Bela, título criado em 15 de fevereiro de 1827, por Dom Pedro I, para homenagear o Marechal Francisco Magessi Tavares de Carvalho (1769-1847), militar português que foi presidente de Mato Grosso (1817) e da Cisplatina (1825). Nome bonito, apesar de imposto e que, por isso mesmo, teve vida curta.

Como se trata, como se vê, de um duplo CENTENÁRIO deliberou-se, por conveniente e econômico, celebrá-lo de uma só vez, em uma mesma data, escolhendo-se a 16 de JULHO, que, pelo Calendário Católico, é dedicado à nossa EXCELSA PADROEIRA. Para isso, organizou-se uma comissão Promotora dos Festejos, abaixo assinada, que assumiu o compromisso de levar a efeito as comemorações do CENTENÁRIO em apreço, havendo preparado, desde logo, uma programação especial.

Como seja uma festa genuinamente popular, com aspecto cívico-religioso, na qual deva todos tomar parte ativa, sem distinção de classe ou credo, por ser uma festa do município, fazemos, por isso mesmo, o mais ardente apelo a todos os moradores desta comuna, que nela exerçam a sua atividade ou que vivam de qualquer modo dos seus recursos, para que prestem o seu valioso concurso financeiro às comemorações do CENTENÁRIO DO PATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE MORRINHOS, fazendo extensivo o nosso apelo a todos os filhos de habitantes deste município no mesmo sentido, hoje residentes fora daqui.

Na verdade, a cidade de Morrinhos já contava com cento e vinte e três anos de vida, pois a fundação do Arraial se deu em 1822, pelo mineiro Antônio Corrêa Bueno, que viera para o sertão goiano fugido da justiça mineira. Chegamos a essa conclusão, graças aos documentos existentes na

Diocese de Ipameri, referentes à Santa Cruz de Goiás e também à documentação existente na Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos.

Esse artigo tem o objetivo de desfazer essa discrepância histórica, chamando a atenção, principalmente das ESCOLAS, para que não incorram mais nesse erro e também a imprensa escrita e falada e a própria Igreja, para que divulguem a data correta da fundação da cidade de Morrinhos (1822) e a da fundação da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos (1845), reparando, assim, os trilhos da história de criação do Arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Morrinhos.

Que seja divulgado o ano de 1822, como sendo o ano da fundação da cidade de Morrinhos, corrigindo esse grave erro, causa de gravíssimo dano histórico ao nosso município.

DISCURSO PRONUNCIADO NO IF-GOIANO CAMPUS MORRINHOS, NA INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA DAQUELA UNIDADE DE ENSINO QUE LEVA O NOME DE SEBASTIÃO ALVES DE SOUZA, PAI DO EX-GOVERNADOR DO ESTADO DE GOIÁS, NAPHTALI ALVES DE SOUZA, NO DIA 21 DE JUNHO DE 2016.

Senhoras e senhores.

Sebastião Alves de Souza tinha tudo para ser um revoltado, um homem de mal com a vida; pois não conheceu o pai e perdeu a mãe ainda muito jovem, em plena adolescência. Logo depois, perdeu o único irmão. Mas não o foi. Ele tinha uma visão clara do futuro, sabia, inconscientemente, o que queria, aonde precisava chegar. Sebastião Alves de Souza era uma pessoa otimista, pensava grande.

Nem a doença que apareceu logo depois da perda da mãe e do irmão, fora capaz de abater o seu ânimo. Estava determinado a vencer na vida.

E vencer na vida para Sebastião Alves de Souza era ter uma profissão, era adquirir conhecimento, cultura...

Era ter uma família, mulher e filhos, dedicar a eles sua labuta, seu esforço, construir juntos uma história de vida...

Buscou amparo nos amigos, na sociedade e o encontrou... Teve no seu caminho vários anjos da guarda... Anjos que lhe estenderam as mãos e lhe ensinaram como seguir em frente...

Sebastião Alves de Souza foi sempre um abençoado. Abençoado porque acreditou em deus...

Acreditou nos amigos, acreditou no seu potencial, na sua capacidade de vencer barreiras...

Sebastião Alves de Souza foi um homem destemido, que enfrentou várias dificuldades e saiu soberanamente de todas elas.

Enfrentou várias frentes de trabalho e saiu vencedor e de todas elas extraiu um enorme manancial de conhecimento.

Venceu porque acreditou no trabalho, acreditou em deus, acreditou no homem, e não deixava espaço em seu interior para lamentação.

Formou uma família e dedicou a ela toda sua vida com extremo zelo, extremo cuidado, razão maior de todos os seus projetos.

Buscou a cultura, o aprendizado...

Buscou-os para si, mas os queria também para os seus especialmente para os filhos e para isso não mediu esforços, para dar uma boa educação aos filhos, tornando-os grandes profissionais, homens vencedores, um, Arédio, empresário, banqueiro.

O outro, Naphtali Alves de Souza, funcionário público, político de primeira grandeza, sendo prefeito de nossa cidade, deputado federal constituinte, vice-governador e governador do Estado de Goiás...

Sebastião Alves de Souza, porém, continuou na sua humildade, sempre acreditando em deus e no homem, e sendo grato aos que lhe estenderam as mãos, nos momentos de infortúnio.

Continuou amando ao extremo, especialmente sua amada esposa, dona Genoveva, a quem dedicou sua vida, seu amor...

Sebastião Alves de Souza serve de modelo aos casais, aos pais, aos filhos...

Serve de modelo aos que precisam de fé, de esperança, de coragem...

Serve de modelo para quem deseja vencer na vida...

De como não recuar ante os revezes de nossa jornada...

De como vencer quando tudo parece conspirar contra nós...

De como triunfar quando tudo parece impossível para o homem, não para deus!

Sebastião Alves de Souza é lição de vida, lição de como exercer a cidadania plena...

Lição de como deixar um legado que honra e enobrece o homem, o esposo, o pai, o filho.

Faz bem o IF-Goiano Campus Morrinhos homenagear Sebastião Alves de Souza dando seu nome à Biblioteca dessa instituição de ensino.

Ele se sentirá muito bem neste lugar aprazível, vendo seu nome propagado por alunos e professores e demais pessoas que compõem este espaço de transmissão do conhecimento, onde pulula o agitar-se da juventude e a serenidade dos mestres. Ele que foi um amante dos livros, do conhecimento, da cultura, se sentirá muito bem aqui.

Faz bem IF-Goiano...

Ele merece... E como merece!...

Ele, que como ninguém, honrou e amou a nossa terra. Parabéns IF--Goiano. Parabéns terra de Antônio Correa Bueno.

José Afonso Barbosa.

O 29 DE JUNHO DE 2016 E DIAS TOFFOLI MAIS DEZ E O POVO PELAS TAMPAS

O Supremo Tribunal Federal (STF) é composto de onze "semideuses" que vivem vidas nababescas, tendo à sua disposição quase uma centena de assessores, uma falta de respeito com o país e o povo brasileiro. De fala emproada, que buscam frases feitas, palavras de difícil entendimento, palavras que nem eles sabem o significado, sendo seu maior exemplo à falta de ética, o apoio ao corporativismo e a proteção aos fora da lei.

Dizem que a Índia é um país de castas, e muitos o criticam por isso. Mas o Brasil talvez seja o país que mais cultiva o regime de castas no mun-

do. Senão vejamos: nós temos a casta dos muito ricos, dos menos ricos, presidentes, ministros, deputados e senadores. Depois a classe média, os pobres e os negros. Todos os delinquentes ricos e poderosos, incluídos os políticos, querem viver sob as asas do Supremo Tribunal Federal, porque nunca será denunciado, quando o são, um ministro anula a decisão do outro, e assim ninguém nunca é apenado.

Se um juiz de instancia inferior manda prender um poderoso, um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), logo expede uma liminar caçando a iniciativa do tal juiz. Quer dizer, o Supremo Tribunal Federal não faz nada e ainda atrapalha quem quer mostrar serviço. Tem um salario monstruoso, vive à custa do povo e tudo que faz é contra o povo. Que vergonha senhores ministros! Que vergonha!

Se o Brasil hoje é um país ingovernável é por obra e graça do Supremo Tribunal Federal (STF), que abriu a porteira para que houvesse a enxurrada de criação de partidos políticos que hoje chega a 39, coisa inimaginável em qualquer outro país no mundo desenvolvido, onde há no máximo de dois a quatro agremiações, e nos casos em que o número é maior dá uma dor de cabeça danada para formação de governo, fato mais presente é o que está acontecendo na Espanha, que na eleição de dezembro de 2015, nenhum partido conseguiu maioria suficiente para montar governo, porque justamente foram criados alguns novos partidos políticos e isso trouxe graves entraves entre os lideres partidários, não lhes permitindo chegar a um consenso para formação de governo, sendo obrigado pelo Rei Felipe VI a convocar novas eleições para agora em junho, quando o partido popular (PP), venceu o pleito, mas sem maioria absoluta e para governar vai ter que buscar o apoio de outros partidos, talvez o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), ou então agremiações nanicas, porque se não for assim não consegue governar... E nós temos a bagatela de 39 partidos, às vezes partido com um deputado, um senador e mesmo assim somos obrigados a vê-los sentados na mesa de negociações exigindo ministérios, direção de estatais e coisas e tais, e rotam grosso... fazem ameaças. Tudo em benefício próprio.

Eu lhes pergunto senhores ministros, algum presidente consegue governar com tanta ave de rapina? Vocês teriam que pedir desculpas ao povo brasileiro e fazer uma renuncia coletiva, porque vocês são indignos desse povo!

Quando eu vejo entrevista dos senhores ministros do Supremo Tribunal Federal me dá náusea. Sua fala emproada, senhorial, querendo humilhar nós, os pobres mortais, como a dizer "nós somos a nata da inteligência, estamos por cima, vocês são reles mortais. Nós não. Somos semideuses". Senhores ministros, nem sempre o falar bem, correto, rebuscado, dá mostras de sabedoria. João Guimarães Rosa, médico, intelectual, sábio, diplomata, adorava o falar do caboclo, do dialeto do ribeirinho... Dizendo que aprendia muito com o falar do matuto e tinha grande prazer naquela vivência e deixou, senhores ministros uma obra monumental. E eu pergunto, qual de vossas excelências tem uma obra grandiosa como a de João Guimarães Rosa? Ninguém não é mesmo? Ouso até dizer que nenhum de vocês tenha lido Grande Sertão – Veredas. Vocês não conhecem o Brasil, o povo. Só conhece a arrogância, a empáfia. Lembra-me agora a empáfia de Marco Aurélio Mello, na sua fala engrolada, dizendo, por ocasião da expedição de sua liminar que mandava Eduardo Cunha dar andamento ao impedimento de Temer, ação proposta por um advogado mineiro, dizendo que "é impensável que alguém não cumpra uma determinação (sua) do STF". E o Eduardo Cunha e nem os partidos políticos não cumpriram a determinação do Sr. Marco Aurélio Mello e nada aconteceu, o que o deixou com cara de tacho.

Na verdade o que faz o nosso Supremo Tribunal Federal (STF) é estimular a corrupção no país, pois coloca sob suas asas os corruptos e delinquentes políticos. Ninguém os toca. Se tocar é desautorizado pelos homens de capa preta, vampiros da noite negra do Brasil.

Vocês senhores ministros do STF não tem autoridade moral para dar lição em ninguém. Vocês são apaniguados dos políticos corruptos. Devem favores a eles. Tem que retribuir a boa ação. Vocês são biônicos, não nos representam. É farinha do mesmo saco. Como dizia meu avô: – tanto vale a tampa com o balaio

Muito se fala dos políticos. Fala-se mal. Realmente parece não haver um político sequer que seja honrado, para dirigir o nosso pais, triste sorte do brasileiro. Brasília vive na podridão. Brasília é vitima do que há de mais sórdido no mundo da política suja do país. Não é culpa sua, seja dita a verdade. A população de Brasília é tão sofredora como o resto da população brasileira. A vergonha é a mesma. O sentimento de revolta também.

Luís Inácio Lula da Silva foi meu candidato em todas as eleições que perdeu e ganhou. Era meu ídolo. Não era eleitor do PT. Era eleitor do Lula. Hoje me envergonho de ter votado nele. Mas não nego que seu governo fez muita coisa boa para o nosso país. Nossa rodovia BR-153, era uma porcaria. Mais parecia uma estrada boiadeira. Era só buraco. Nem acostamento tinha. Hoje temos uma maravilha de estrada duplicada, que nem de longe lembra a outra. Podemos viajar tranquilamente, sem percalço algum. Tudo graças a ele. Os governos anteriores nem tomavam conhecimento da situação. Lula criou muitas Universidades, Escolas Técnicas em todo o território nacional, tirou a sisudez que empanava a presidência, tornando-a mais aberta, mais alegre, expansiva, aproximando-a do povo e isso foi bom. Mas tenho vergonha de ter votado nele, pelas aberrações que ele cometeu. Lula podia passar à história como um dos mais ilustres presidentes desse país. Mas não, borrou toda a sua biografia, ficou na lama, mais sujo do que pau de galinheiro. Que triste Lula! Podia ser tudo diferente. O que não faz a ganância por dinheiro!

Na primeira eleição de sua sucessora Dilma, eu votei nela. Votei nela, mas votando no Lula. Mas logo me arrependi. Pois vi nela só despreparo e incompetência. Na sua segunda eleição já não votei nela mais e torci como ninguém pela sua derrota. Infelizmente o eleitor preferiu acreditar nas suas mentiras e falcatruas e deu no que deu. Agora que está na iminência de concretizar seu impedimento, rezo para que isso aconteça, pois o Brasil e os brasileiros não merecem tamanha porcaria. Que Deus tenha piedade de nós!

Ontem, falando com um amigo meu ele me disse: – O Brasil está perdido. A única solução que eu vejo para o país é um regime militar. Só ele para consertar, reordenar os poderes da República. Escrever uma nova constituição, retirando todas as regalias dos políticos, tudo que é mordomias e privilégios, foro privilegiado e outros penduricalhos que coram de vergonha a nossa pátria. Ou então que fosse importado um gestor público internacional para reorganizar o Brasil, tornando-o um país sério, com leis e governantes que honrassem seu povo. Ou ainda que tal buscássemos o papa para reordenar o nosso país, para que seu povo vivesse sob as asas da justiça, da equidade, da honradez? Ou talvez quem sabe, não seria o ideal o retorno da monarquia? Tem que achar uma saída! Como está é que não pode ficar.

Confesso que fiquei de queixo caído. Fiquei mudo. Pensei comigo: se é verdade que existe o castigo eterno, esses canalhas do Supremo Tribunal Federal (STF) e demais poderes da República, ao morrer, vão arder nas tachas do inferno, por tirar o pão da boca das criancinhas, o remédio e o conforto dos idosos, a esperança das mães, o sonho da juventude! Triste sina a do meu país! Triste sina do seu povo! Triste sorte a do brasileiro!

Quando vejo o homem mais poderoso do mundo, Barak Obama, presidente americano, servindo lanche aos clientes de uma padaria e lanchando com gente do povo, ou então ele, a mulher e as filhas, na igreja, servindo sopa às pessoas pobres; quando vejo o primeiro ministro da Suécia andando de metrô; o primeiro ministro do Noruega indo para o trabalho de bicicleta, a primeira ministra alemã pagando suas viagens do próprio bolso, ou no supermercado, sozinha fazendo compras, sem nenhuma pompa, comunicando-se com o povo, penso que o Brasil vive em plena idade média. Porque a suntuosidade que ostenta os nossos homens públicos só encontra parâmetro na idade média, isso nos grandes impérios. Quando o rei mandava e desmandava. Era a lei. Toda a riqueza do país era sua e de mais ninguém. Agia a seu bel-prazer e ai de quem reagisse contra. Caia no pau. Assim agem nossas autoridades públicas.

Que vergonha senhores! Vocês roubam o povo brasileiro. Rouba o assalariado, o agricultor, a empregada doméstica, o gari, as criancinhas! Vocês são dignos dum paredão. Merda (perdoe-me a expressão), comparado a vocês é perfume. Se vocês tivessem aquele bichinho que passeia na cara, sairiam de mansinho de seus assentos e não voltariam nunca mais. Mas vocês é cara pau. Roubam à luz do dia e depois se dizem santos. Não cometeu crime nenhum, nunca esteve em determinado lugar, não conhece fulano nem beltrano, é pura mentira. E como nossa justiça é cega, muda e surda, nunca lhes põe a mão. Os juízes do Supremo Tribunal Federal (STF) lhes são escudo. E se algum juiz de menor instancia tenta leva-los a cadeia, seu superior lhe passa um carão e manda aquietar-se. Estamos no Brasil, República de "bananas".

Alguém me diz, – há exceção. Claro que há. Mas exceção é exceção (o homem público honrado). É um grão de areia no oceano. Você pode pegar uma luz de candeia e procurar como se procura uma agulha no palheiro

e nunca vai encontrar essa exceção (joia rara), porque o joio (o corrupto) ocupou todos os espaços, sangrou a economia do país, faliram as instituições da República, destroçou as estatais, envergonhou a nação. Espalhou a fome, a miséria, a violência, a insegurança e mesmo assim dorme tranquilo, como se nada tivesse feito de mal ao seu povo. E eu pergunto: vocês tem consciência? Pois devia ter. Ter além de consciência, decência!...

José Afonso Barbosa.

CAUSOS DO CASO E DO OCASO

Vanderlan Domingos de Souza.

Deitado numa rede e diante da visão do ocaso,
ouvia alguém contar um causo,
de uma mulher que tinha um caso,
com um viajante que passou na região por acaso.
O caso podia acontecido com o ocaso ou com qualquer gente
mesmo da impossibilidade do sol se pôr no ocidente,
ou de circunstâncias que não precedesse à noite poente,
ou apenas uma aventura amorosa, desconcertante, indecente.
Por acaso, falou também de uma mulher do Ártico.
e de uma jovem que nasceu no Oriente.
Do aparecimento de um crepúsculo no Antártico
E de outros causos pensados premeditadamente.
Se nunca ouviu falar do caso, invente.
Inclua qualquer fato e não será mero acidente,
se não conseguir ver o sol se pôr no oriente,
ou o nascer da lua, no mesmo instante, no ocidente.

O causo do caso que eu ouço é do ocaso.
A história não tem validade e nem prazo.
Ele sempre precede à noite e aí menos mal
Porque da minha rede posso enxergar o ponto cardeal

Ocaso é a designação do ocidente, do oeste ou poente.
O contrário do ocaso sabe que é a linda alvorada,
E ela nos traz a manhã, linda e incandescente,
E leva a nossa majestosa madrugada.

O ocaso pode significar decadência ou fim
Ou um período que antecede esse fim, mesmo na Costa do Marfim
A queda de algo importante e para nós, a indicação de um norte
Além de nos mostrar que é ele do sinônimo de ruína ou morte.

Então, levante-se de sua rede, desvie sua visão do ocaso.
Deixe de ouvir qualquer causo contado sobre aquele caso.
Daquela linda mulher e o viajante vendedor de vaso
Pois nada mais é do que um caso ocorrido lá por acaso.

NO MOURÃO DA PORTEIRA

Vanderlan Domingos de Souza.

O sol aos poucos se esconde
A noite vem antes do dia se afastar,
mas tediosa, escurece devagar
Era mais uma noite para a gente meditar

Do moirão vejo resquícios de sol passar pelo vão da janela
O esplendor do dia que logo vai embora sombreando a capela
O Curiango descer a serra com a sua voz rouca e sonora
Avisando que à tarde sempre cai em boa hora.

A porteira se fecha, tudo ao redor desaba
É mais um dia que se acaba
O manto da noite não espera, vem e o enlaça
Sem qualquer segredo ou trapaça.
Todos os dias serão assim
E sempre terão começo e fim.

RETRATO DA DOR

Vanderlan Domingos de Souza.

Não sei o porquê de sua dor
e porque te noto infeliz
se usei levemente o apagador
e no retângulo apenas o giz.

Ao teu lado, desenhei o planeta Netuno,
escrevi frases sem nexo, foro do prumo,
rabisquei... Usei várias cores de giz
E o teu semblante continua infeliz.·.
Agora giz, o que me diz,
das curvas sinuosas,
do sorriso angelical,
em suas mãos pétalas de rosas
e o semblante natural.

Veja apagador
você que não tem preconceito
de doença, raça, nem de cor,
não passe sobre o corpo dela,
pule a linha amarela
e apenas apague do peito, a dor.

O POETA E O TEMPO

Vanderlan Domingos de Souza.

O tempo passa, o tempo voa
Ando devagar sem me tornar um poeta à toa
Trilho o mesmo caminho e vivo intensamente cada tarde, noite ou manhã,
Nem me importo com a quantidade de passos que terei de dar
Nem me preocupo com o que acontecerá comigo no dia de amanhã.
Me importo, isto sim, com a minha sobrevivência e até onde posso chegar.

Ao passar por ruas poentas ou não,
Deixo meus passos no chão,
Para alguém que amo saiba para onde vou,
Pois não costumo desviar de caminhos e ou mesmo seguir em vão,
E marco cada passo para que ela saiba onde estou.

A região recôndita de meu cérebro continua escura,
Meus pés descalços tornam os meus passos lentos,
Mas vão abrindo caminhos no chão cheio de fissura
Contabilizando cada metro e deixando meus olhos atentos
Que vêem dobrados os galhos que deixaram de ser eretos,
Deixando livre a minha passagem, mostrando os caminhos certos.

Se quando caminhar erros eu cometer,
Talvez você não seja capaz de me perdoar,
Mas se for por amor que eu me perder,
Sei que me darás um tempo e voltará a me amar.
Assim caminho e vou levando a vida,
Sem medo de buscar o impossível para poder amar,
Pois se assim não agisse eu contrairia a maior dívida,
Se por qualquer motivo ou deslize, deixasse de tentar.

O POETA, O CÔNCAVO E O CONVEXO

Vanderlan Domingos de Souza

Sou poeta do meio, imprevisível.
Sou menos elevado, enfurnado;
Imprevisto, côncavo, cavado;
E vivo só, invisível.
Sou o ódio, sou o amor;
Sou matéria convexa, bojuda;
Em um caderno feito de dor;
Nunca escrevi ou pedi ajuda.
Eu sou côncavo, sem borda, sem nexo;
Sem saliência na curva, talvez convexo;
extremamente arredondado, mas de paz;
Além de elegante, educado e tenaz
Sou a antítese, a oposição;
Ninguém tente me entender;
Tem hora que eu choro de emoção;
Tem hora que eu rio de prazer.

Vou vivendo a minha triste sina;
Mas sem medo de ser feliz;
E como poeta sem adrenalina;
Serei sempre um poeta aprendiz

Deixei sobre a escrivaninha côncava, o Diário,
Ao lado, o abajur e o calendário.
No chão, recortes convexos de jornais.
Nas páginas deles, meus sonhos paranormais.

Mas, onde foram parar estas enfurnadas páginas, meus escritos, meus sonhos?
Onde foram parar a curvatura convexa das asas de minha imaginação?
Por que calaram o galo, e no moirão da porteira, a canção?
Hoje, como olhar côncavo e inerte, calo.
E na saliência da curva, vejo que silenciaram o badalo.
Resta-me, então, deitar-me nas bordas de um colo.
E esquecer que silenciaram as velas côncavas e o convexo monjolo.

Fiz a noite elevar a vida, nada mais que a verdade.
Aos poetas em cárcere privado, mostrei a inveja, o amor e a convexidade.
Ao sol, o morro invadido, a pobreza, a violência e a concavidade da dor.
À lua, mostrei a inspiração dos poetas e a inquietude do amor.
Pedalei pelas estradas da vida cheia de côncavos, poeiras e traças,
Retirei gente do lixo, combati injustiças, imposições e mordaças.

Reprimi menino cheirando cola, de corpo convexo, sem nome,
Maltrapilhos, enfurnados entre as lajes, sem norte.
Alguns cheiravam cola de forma côncavo-convexa para enganar a fome,
Outros, menos afortunados, apenas para encarar a morte.

Nos sonhos côncavos de Nina um pai sem importância.
Um colo de mãe, sonho irreal, sem bojo, de total ignorância.
Nas páginas côncavas e convexas de sua adolescência
Restou-lhe somente a saliência de sua curva e a negligência.

Mas, onde foram parar estas enfurnadas páginas, meus escritos, meus sonhos?
Escrevi no quadro textos côncavos e convexos, bisonhos.
Desenhei nas bordas côncavas a silhueta dela, e aí fiquei feliz
Porque consegui usar a convexidade do quadro negro e apenas um giz.

POETA APRENDIZ

Vanderlan Domingos de Souza.

Sou poeta aprendiz, de muita estima,
observo o sol nascer e mudar sua rotina,
castigar, derreter gelos e alterar o clima,
entendendo que pode ser um aviso que vem lá de cima.

Guerras, criminalidades, destruições,
tremores de terra, tempestades e vulcões;
crises que ameaçam as grandes potências
falsos líderes tiram suas máscaras e pedem clemências.

Os últimos dias estão chegando ao pódio,
pois o amor esfria e dará lugar ao ódio,
destruindo famílias, pregando a traição,
ora estampando pornografias, ora a corrupção.

O homem é pobre e besta, fera que vive a matéria,
um depósito de lixo, vírus e bactéria.
Digo-lhe, toma tua cruz e siga o caminho de Jesus,
pois é ELE que te salvará e o encherá de luz.

Só ELE o libertará e cuidará de sua ferida;
o amará e manterá sua vida;
enxugará o teu pranto e no seu coração o encanto,
para que nele habite o Espírito Santo.

Não se espante o que possa acontecer com este escriba este ano,
poeta aprendiz, maluco, que tem isso como passatempo.
É como uma nuvem passageira que cai sobre o oceano;
e que recebe nos seus versos o ensinamento do tempo.

E neste espaço do descompasso
tudo se move passo a passo.
A cadência é assim, mesmo numa passarela sem fim,
Sem lado, alambrado e jardim.

Poeta aprendiz é assim:
Quer que o mundo não tenha fim.
E ele seja seu mesmo quando desiste
de manipular quem que já está triste.

Mas, sabe que logo todos estarão sorrindo,
pois no placo da vida uns estão voltando e outros partindo;
uns dizendo a verdade, outros mentindo,
se gabando que só eles são capazes, sem nenhum mito;
de enxergar o fim do infinito.

VIOLEIRO APRENDIZ

Vanderlan Domingos de Souza.

Eu tento tocar, cantar. Em qualquer canto
Longe ou perto do meu recanto
Sempre com o olhar atento
No som do violão ou no sopro do vento.

Nem me importo se o sol queima o meu rosto.
Tento tocar e faço com muito gosto.
Mesmo quando minha voz é sufocada pela emoção
Ou quando esqueço como pontear o violão.

Eu tento tocar, cantar
Em qualquer canto do meu recanto
Colocar os dedos nas cordas e pontear
Não importa o tempo e nem o quanto

Eu tento tocar, cantar
Da varanda respiro o ar
Sinto que a dor é curada
Então, volto e dou mais ponteada.

Eu tento tocar, cantar
Em qualquer canto
E antes que as pétalas voltem a exalar
Ou os pássaros retornem ao meu recanto
Peço silêncio para que eu possa tocar e cantar.

No silêncio, agora eu toco e canto
Em qualquer canto
Longe ou perto do meu recanto
Mas sempre com o olhar atento
No som do violão ou no sopro do vento.

VANDERLAN DOMINGOS DE SOUZA. Advogado, escritor, missionário e ambientalista**.** É Vice Presidente da União Brasileira dos Escritores; Membro da Academia Morrinhense de Letras; Membro da ALCAI – Academia de Letras, Ciência e Artes de Inhumas; membro da CONBLA – Confederação de Letras de Artes de São Paulo. Foi agraciado com Título Honorífico de Cidadão Goianiense. Escreve todas as quartas-feiras para o **Dário da Manhã**. Email: vdelon@hotmail.com **Blog: vanderlandomingos.blogspot.com** Site: www.ongvisaoambiental.org.br

OS PEQUENINOS DE JESUS

Maria Madalena de Souza.

Os pequeninos de Jesus são todos:
Adultos, jovens, idosos e crianças.
Todos que confiam no amor de Deus
E colocam nele sua esperança,
Vivem com muita fé e amor
E caminham com perseverança.

Os pequeninos de Jesus encontram nele proteção,
Pois Jesus é o Caminho que nos leva à salvação;
Está presente em nossas vidas,
Na alegria e na aflição.

O grito dos pequeninos chega
Ao coração do Bom Jesus.
Ele intercede por nós ao Pai,
E juntos nos envia seu Espírito de Luz.
Com as bênçãos que vêm de Deus,
Vamos carregando a nossa cruz.

Jesus promete estar ao lado de todos aqueles
Que estão cansados de carregar o peso da injustiça e da opressão,
E nos oferece seu ombro amigo, como abrigo e proteção.
E para curar nossas feridas,
Acolhe-nos em seu coração.

Quando estivermos desanimados,
Sem encontrar a solução,
Busquemos a paz e a harmonia
Em nosso coração,
Porque nele habita Deus,
Que de tudo é a salvação.

UM "BASTA" À VIOLÊNCIA

Maria Madalena de Souza.

Abra o seu coração para amar,
Seja pronto a perdoar e
Procure sempre servir;
Deixe a angústia de lado, ame,
Mesmo sem ser amado,
Esteja pronto a sorrir.

O egoísmo – a paz destrói,
Somente o amor constrói
E nos ajuda a ser feliz.

Fale a todos com respeito
Não aponte defeitos
Não machuque um coração
Diga sempre ao amigo,
Pode contar comigo
Considere-me um irmão.
Vamos juntos, o amor espalhar.
Os tristes devemos animar, com nossa motivação,
Afastemos do mundo a tristeza,
A ganância e a avareza,
E para a violência diga "não"!

Não queira se fechar,
Nem dos amigos se afastar,
Mas viva com sinceridade.
Não tenha medo do futuro,
Deus é o porto seguro,
Um amigo de verdade.
Eleve a Deus o coração
No silêncio e na oração
Encontrará a felicidade.

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

Maria Madalena de Souza.

Olhai os lírios do campo
Que recebem de Deus a proteção,
Eles não semeiam e nem fiam,
Mas vestem-se melhor que Salomão.

As ervas do campo
Não se preocupam
Em ajuntar nos celeiros,
Pois são alimentadas,
Por nosso Deus verdadeiro.

Se Deus cuida da erva
Do campo, que hoje existe,
Amanhã já pereceu,
Quanto mais não há de se cuidar
De todos os filhos seus.

Porque sofrer tanto com
Angústias e preocupação
Se o Pai sabe de tudo
O que necessita o nosso coração.

O que devemos fazer
É nele sempre confiar,
Trabalhar sem ganância
E sem nos preocupar.

Quem trabalha sem Deus
Buscando sempre enriquecer,
Vive sempre no perigo
E tudo vir a perder.

Não devemos nos arrastar
Pelos caprichos e vaidades,
Pois não só de riquezas
Que há felicidade.

Ser feliz depende muito
Do amor e da ação,
Viver sempre de mãos dadas
Com Deus e com os irmãos.

SOMOS VASOS DE DEUS

Maria Madalena de Souza.

Amigos quero contar-lhes uma bela história em forma de poesia,
Que vai nos transmitir paz e alegria,
Porque ainda neste mundo, existem pessoas que a presença de Deus irradia.

Judithe Maria era uma mulher repleta de sabedoria.
Seus parentes e amigos gostavam muito de sua companhia;
Era amável com todos e somente o bem ela fazia.

Sua família possuía muitos bens; mas sempre ajudava os mais necessitados.
Chamavam de amigos os seus empregados.
Pagavam justo salário e eram com todos muito educados.
Deus sempre estava presente com aquela família amada;
Por isso tudo dava certo, porque a fé e a caridade fortaleciam-nos na caminhada.

Entre os funcionários da família, Kárita era ajudante do lar.
Era muito eficiente, dela ninguém poderia reclamar;
Tudo que fazia era para aquela família agradar.
Caprichosa e sorridente alegrava muito aquele lar.
Judithe a tinha como a melhor amiga, pois nela podia confiar.

Certo dia, enquanto limpava os móveis da casa,
Dona Judithe chamou-lhe a atenção:
"Cuidado com esse vaso de porcelana, porque é de grande estimação"!
Foi presente de aniversário que ganhei do meu irmão.
"Então, Kárita respondeu: está certo, vou ter com ele, muito cuidado e atenção"!
Se Deus quiser, ele não vai cair de minha mão!

O tempo foi passando e tudo caminhava como devia;
Da casa para o trabalho, era a vida de Judithe Maria.
Sua fé e sua esperança alegrava a todos que com ela conviviam;
Transmitia aos seus familiares muita paz e alegria.

Certo dia, enquanto limpava os móveis, Kárita muito triste ficou.
Aquele vaso de porcelana que dona Judithe muito recomendou,
Em frações de segundos, de suas mãos escorregou;
Mesmo tentando impedir, ele caiu no chão e quebrou.

Naquele momento, muito amargurada, Kárita exclamou: "Meu Deus, o que fiz"?
E naquele mesmo instante, o seu coração abalou.
O vaso que dona Judithe tanto amava caiu e quebrou.
O que agora posso fazer depois que tanto me recomendou?
Kárita, com muita força e coragem a verdade ela contou,
Mesmo sabendo das consequências nada ocultou.
Procurou dona Judithe e tudo lhe relatou.

Ao contrário do que Kárita esperava, dona Judithe agiu com serenidade.
E lhe disse: "por que se apavora querida"? Isso é uma fatalidade!
Mesmo sendo um vaso de estimação, você não quebrou por maldade.
Se você não se machucou, será a minha maior felicidade.
Porque você é um vaso de Deus e eu a amo de verdade!

Aquelas palavras de dona Judithe, fez com que Kárita pudesse sentir mais tranquilidade,
Porque ainda existem pessoas que respeitam o ser humano e reconhecem sua dignidade.
Kárita ficou muito feliz com aquelas palavras de dona Judithe e emocionada disse:
"Que alegria ouvir essas palavras, depois do acontecido; pensei que seria demitida,
Que meu trabalho tinha perdido. Fiquei muito aflita, pois para mim, a vida perdera o sentido;
Tanto que a senhora me recomendou e, por um momento talvez, tivesse me distraído.
Agora sua atitude me renovou a esperança,
Me considerando como vaso de Deus e sua imagem e semelhança.
A senhora terá o seu vaso novamente, porque em Deus tenho esperança."

Os dias foram passando e Judithe não se lembrava de mais daquele acontecimento.
Kárita, ao contrário, não o tirava do seu pensamento.
Catou todos os pedaços do vaso e os guardou em seu aposento.
E pensou: "vou mandar consertar este vaso, mesmo que seja meu último evento."

Procurou um bom oleiro e para consertar o vaso o contratou.
"Quero que faça com muito capricho, pagarei o seu valor;
Quero retribuir a dona Judithe todo o seu carinho e amor.
Sei que vai dar tudo certo, porque confio no nosso Senhor."
E, assim cheia de esperança para a sua casa ela voltou.

Passados alguns dias, o oleiro ela procurou para saber se estava dando certo
O serviço que o contratou.
Mas ao ver o vaso pronto, surpresa ela ficou.
E com o coração repleto de alegria, exclamou:
"Meu Deus! Como ficou perfeito,
Nem parece o vaso que quebrou"!
E pagando o que devia, o vaso ela pegou.
E voltando novamente para casa ela o guardou.
Esperava o momento certo para devolvê-lo com muito amor.

Passados alguns dias, chegou o grande momento,
Dona Judithe realizou uma festa para celebrar o aniversário de seu casamento.
Ela e seu esposo Sebastião, comemoravam os 25 anos de uma feliz união
E tinham chamado um sacerdote para fazer a celebração.
Porque tinham para com Deus, muita gratidão.

Terminado o momento celebrativo,
Kárita procurou dona Judithe e falou: "Tenho algo a lhe falar e peço
A palavra, por favor. Quero que todos ouçam o que tenho a comunicar".
Dona Judithe pediu silêncio, pois sua amiga querida, tinha algo a revelar.
Então todos prestaram atenção no que Kárita tinha de tão importante para dizer.
Kárita tirou de sua bolsa um vaso muito lindo e disse:" Dona Judithe, este é o seu vaso que vou te devolver!"
Todos ficaram em silêncio, esperando o que iria acontecer. Eles não sabiam do acontecido, apenas queriam esperar para ver.

Ao pegar o vaso novamente, dona Judithe, exclamou:
Que lindo! Ficou mais perfeito do que antes!
Não tinha necessidade de fazer isso, querida, nem lembrava mais do que tinha acontecido.
Kárita, porém respondeu:
"A senhora merece muito mais do que este vaso de volta, porque é uma mulher especial para Deus e para todos os seus. Eu não fiz nada mais do que meu dever de retribui-la pelo muito que já me ofereceu."

Continuaram festa, com muita alegria no coração.
E comentando essa história, a todos quero dizer
Que não devemos agir pela emoção, porque tudo que nos acontece nada é em vão.
Se dona Judithe tivesse agido com falta de compreensão,
Tinha perdido sua funcionária eficiente
E seu vaso de estimação.

Mas agora," Javé, tu és o nosso Pai; nós somos o barro e tu és o nosso oleiro.
Todos nós somos obras de suas mãos." (Isaías 64,7).

A SUSTENTÁVEL LEVEZA DA CONSTRUÇÃO DO LAR ESPÍRITA JOSÉ PASSOS

Dia 19 de março, no Espaço Monterrye, no alto da cidade, aconteceu jantar – louvável – beneficente em prol do "LAR ESPÍRITA JOSÉ PASSOS" – "Abrigo dos Velhos", uma noite em que as fisionomias, dos que participaram do ágape, eram de alegrias e da busca por melhores momentos, futuros, para os anciãos que residem no mencionado abrigo.

Necessita-se de, rapidamente, tirar algumas dúvidas, por exemplo, quem era José Passos e por qual razão o seu nome no Abrigo dos Velhos? José Passos é o genitor do ex-Prefeito Joviano Antônio Fernandes, portanto, o nome em homenagem ao mencionado Prefeito e familiares.

De que forma foi adquirido o imóvel para a construção do Lar, comumente denominado de "Abrigo dos Velhos"? Pela Lei n. 2.681, de 21.10.2010, foi doado 7.140,04m2 para a construção do novo local de vivência dos idosos que necessitam de proteções em nossa Morrinhos.

O político, jurista e pensador romano Marco Túlio Cícero, em priscas eras, "Em SABER ENVELHECER", disse a seguinte máxima:" NINGUÉM É TÃO VELHO PARA NÃO ACREDITAR QUE PODERÁ VIVER POR MAIS UM ANO". Uma frase cada vez mais imune ao tempo, pois homens e mulheres estão vivendo cada vez mais. Em 2050, afirmam os estudiosos, nada menos de 64 milhões de brasileiros – o que equivale a 30% da população – estarão com 60 anos ou mais. Hoje são 25 milhões, pouco mais de 12%. A expectativa de vida saltará de 75 para 81 anos... Então os organizadores do "jantar", que não os nominarei para não me incorrer em falhas, estão de parabéns, efusivamente, de parabéns. O novo LAR será, por muito tempo, quiçá para sempre utilizado pelos idosos que dele necessitarem...

Cícero era filosofo, orador, escritor, e uma figura exponencial nos estudos sobre a velhice. Foi um otimista diante do fator fisiológico da velhice e aconselhou o cuidado corporal e mental, e escolha de prazeres adequados de atividades que tragam benefícios individual e coletivo, desde que estejam ao alcance das forças dos idosos. Para esse filosofo é indispensável aprender envelhecer, e uma velhice feliz busca no SOCIAL suas razões de ser. Então, com o advento do novo "Abrigo dos Velhos", sendo para uma

"coletividade" de idosos, servirá, muito, para dar uma vida mais amena aos que ali forem morar.

Estando os idosos perto do fim terreno (?)– uma suposição, até certo ponto, estúpida – devemos, evidentemente, fazer com que a vida valha a pena ser vivida, que minimizemos suas fragilidades, suas incapacidades de cuidarem de si mesmos (?) A construção do novo "ABRIGO DOS VELHOS" – um dever de todos nós – dará um ninho de amor aos idosos. É um empreendimento que explode em nossos corações como o mais potente vulcão, derramando "lavas" incandescentes e disseminadoras de respeito àqueles que, já envelhecidos, sonham em ter uma vida mais agradável e saudável. Com o avanço da ciência e a familiarização cada vez maior da sociedade com o envelhecimento, tendência é que essa fase da vida seja encarada com mais naturalidade. O envelhecimento em grande escala, da população, é uma preocupação da humanidade. Hoje, não é como ontem, faz-nos lembrar quando o filósofo francês Michel de Montaigne observou: "morrer de velhice é uma morte rara, singular e extraordinária. Muito menos natural do que outras mortes: é o último e mais extremo dos tipos de morte". Imagine leitor ou leitora, que a longevidade era tão inusitada, ao contrário de agora, naqueles tempos as pessoas queriam parecer mais velhas e mentiam a idade – isso as fazia parecer extraordinárias. Bem ao contrário de agora: quase todos mentem que são mais novos. Não?

O jantar foi magnífico! Os organizadores não deixaram um item a descoberto. Os que serviam: alegres e servis. Os participantes me pareceram envaidecidos por terem comparecido: sabedores de que a causa era por demais justa! Uma – indiscutível – leveza praticada e que, no futuro, será motivo de orgulho para todos que contribuímos para dar aos nossos velhos um final de vida com mais alegria, com mais saúde, com mais sorrisos nos lábios. Temos que estar dispostos a mais ajudas...Lembrem-se, do ditado de Albert Pine: "O QUE VOCÊ FAZ PARA SI MESMO MORRE COM VOCÊ. O QUE VOCÊ FAZ PELOS OUTROS, DURA ETERNAMENTE."

Que JESUS ilumine, cada vez mais, os que tomaram frente pela construção do LAR ESPÍRITA JOSÉ DE PASSOS – sabemos uma iniciativa, impar, do CENTRO ESPÍRITA LUZ E CARIDADE. E que ELE reforce as vontades dos que pensam em ajudar na construção do Lar dos Idosos, tornando-a sustentável e leve. Amém!

Helenízio Antônio Marciano.

SESSÃO MAGNA DA SAUDADE. PANEGÍRICO À HELENIDES CÂNDIDO MENDONÇA. TITULAR DA CADEIRA NÚMERO 13 – PATRONO JOSÉ CÂNDIDO RIBEIRO

HELENIDES CÂNDIDO MENDONÇA – nasceu em Morrinhos no dia 19 de julho de 1932. Encantou-se no dia 13.10.2012.

Seu pai chamava-se José Cândido Ribeiro e sua mãe Helena Romano Cândido. Filha mais velha de dez irmãos, com o encantamento de seu genitor em 01.03.1953, contando, naquela época 21 anos incompletos, atravessou com rara dedicação e competência "esse mar revolto" que foi a morte do genitor. Quando do desaparecimento de José Cândido éramos nove irmãos: HELENIONE, HELENÊS, HELENÔR, HELENÍZIA, HELENÍZIO, HELENILDO, HELENA, JOSÉ e, seis meses depois, HELEANE, que nasceu posteriormente ao nefasto acontecimento, que marcou, profundamente, o desenrolar das vidas dos filhos e de D. Helena, como todos gostavam de chamar a mãe da titular da Cadeira nº 13 – Helenides, quando moça estudou interna no Colégio Santa Clara em Campinas Goiânia – Goiás, onde terminou o Ginasial; fez magistério, licenciatura e tantos outros cursos de Aperfeiçoamento. Estudou, também, em Silvânia, Goiás.

Helenides adquiriu elevado preparo intelectual através de aprofundados estudos pessoais, unidos a fatores que lhe deram a possibilidade de lecionar, como professora particular de Latim. Professora substituta do Grupo Escolar Cel. Pedro Nunes, Diretora e Professora do Grupo Escolar Professor José Cândido, sendo nesta escola sua primeira Diretora. Depois, Diretora e Professora do Jardim da Infância Celestino Filho, Professora de Educação Artística do Centro de Formação de Professores Primários de Morrinhos, Orientadora Educacional e Diretora do Centro de FORMAÇÃO de Professores de Morrinhos. Foi, também, criadora e incentivadora da Associação Feminina em Morrinhos, onde exerceu o cargo de Primeira Presidente da mesma; em seguida, assumiu a vice-presidência.

Atravessando a fronteira municipal, foi convidada para ser Orientadora Educacional da Escola Estadual do Rio Quente e Secretária da Associação do Bem-Estar Comunitário do Rio Quente; Rio Quente acabava de

ser Emancipada, colaborou, com seu trabalho e esforço no desenvolvimento educacional daquele recém-criado município.

Casou-se com Mauro Mendonça em 1954, e, deste matrimônio sólido e amoroso, nasceram cinco filhos: José Mauro, Manoel, Mauro Júnior, Alba Valéria e Helenides.

Estudiosa e portadora de uma capacidade ímpar de aprendizado compareceu e concluiu os seguintes cursos:

Goiânia, 20.02.1970 – Curso de Relações Humanas no SENAC;
Belo Horizonte, 17.12.1970 Preparação de Equipes Docentes – Ministério da Educação e CULTURA;
Goiânia, 10 de janeiro de 1972 Curso de Estudos da Lei 5.692, de 11.08.71 – Secretaria da Educação e Cultura de GOIÁS.
Goiânia, 16 de junho d 1973, Centro de Treinamento e Formação Pessoal, Secretaria da Educação e Cultura de Goiás.
Goiânia, 28 de dezembro de 1973 – Centro de Treinamento e Formação de Pessoal, Secretaria da Educação e Cultura de GOIÁS.
Goiânia, 01 de outubro de 1974, Teoria e Prática de Currículo para Professores de 1. Série. Secretaria de Educação e Cultura de GOIÁS.
Goiânia, 29 de julho de 1977, II Seminário de Diretores e Secretários da Rede Oficial de Ensino, Secretaria da Educação e Cultura de GOIÁS.
Goiânia, 22 de janeiro de 1978 – Curso de Atualização de Professores em Língua Portuguesa para o Ensino do 2º. Grau. Secretaria da Educação e Cultura de Goiás.
INHUMAS, 22 de fevereiro de 1978, CURSO DE Atualização de Professores Atuantes nos Centros de Formação de Professores, Secretaria da Educação e Cultura de GOIÁS.
Itumbiara, 20 de setembro de 1978, II Encontro Regional de Educação e Cultura, Secretaria da Educação e Cultura de Goiás.
Goiânia, 23 de junho de 1979, 1º. Encontro de Aperfeiçoamento de Diretores e Secretários das Redes Estadual e Conveniada. Secretaria Estadual de Educação de GOIÁS.
Goiânia, 14 de maio de 1982, Curso de Atualização de Diretores, Coordenadoria e Professores de U. E. que oferecem Habilitação em Magistério, Secretaria Estadual de Educação de GOIÁS.

Escreveu Prazer de Viver, Momentos e Instantes, demonstradores de sua capacidade intelectual, de seu amor à poesia, à prosa, enfim, às artes. Sentimental, com sensibilidade imensa, às vezes deixava transparecer sua melancolia em seus escritos. Cantou a beleza de sua terra natal, enfatizou os apelos de seu coração, deixando transparecer sua índole de pessoa altamente consciente de suas obrigações, amava seu esposo, seus filhos, suas noras, genros e irmãos. Em suas poesias e prosa se sentia a nobreza de sua alma poética, com uma simplicidade e afeto, tal qual sua alma seu coração, ao deixar desaguar seu mar de romantismo.

Dedicada, espontânea, com ideias límpidas, sem constringir a expressão num círculo de palavras do entendimento. Helenides ocupa lugar de destaque na Literatura de nossa Atenas Goiana, tanto na poesia, como na prosa.

Amou sua Morrinhos com extrema devoção. Dedicou a vida aos familiares e à cultura. Foi uma baluarte, uma guerreira na condução de seu lar e ofertou, com grande maestria, grande parte de sua juventude , ao aprimoramento intelectual e vivencial de seus nove irmãos. Devemos, muito, a Helenides e ao seu Mauro, principalmente, quando nosso pai se encantou, deixando nossa mãe com dez filhos.

Quando recebi, de suas mãos, o livro INSTANTES, lhe direcionei uma missiva em, 25.06.2002:

Prezada e querida Helenides:

Li Instantes. Vagarosamente. Degustando. Imiscuindo nas palavras, buscando no inconsciente, nas profundezas abissais da mente, a refulgência do brilho imensurável de seus escritos. Verso. Prosa. Vida pura, humanidade à flor da pele. Nos poemas, fragmentos sensatos e puros, esmagados e cheirosos como pétalas de rosas vermelhas. Nada fora olvidado...a não ser a ausência de algumas flores vermelhas em ocasiões muito especiais, que, no tempo certo, chegaram às suas mãos.

Não sei de que gostei mais, e não seria um menoscabo com a parte poética, tenho plena convicção, patentear que o "conto" foi muito bem elaborado, brotando seiva viva de aspirações incontidas, com sequenciais inusitados eivados do "fetiche" atribuído às rosas vermelhas...

Surpreendido pela edição bem postada, pelos versos nascidos da alma, pela prosa convertida em devaneios, pela alternância de conjecturas procelosas, sua escrita é como um FILTRO, a cada instante desseca o cotidiano com o fito de torná-lo mais habitável, prazeroso.

Não pretendendo ser cansativo, finalizo, com trechos de Instantes:

Rosas vermelhas, suas perfeições me encantam, fascinam, atraem e envolvem.

Sempre as contemplei com doçura, sedução e arrebatamento. Em várias ocasiões entrei sozinha numa floricultura e admirei com prazer o feitiço de suas maravilhas.

Quantas e quantas vezes desejei receber uma, apenas uma. Datas de aniversário, casamento, dias das mães, natal e mesmo ao nascer um filho. Em 1955, ao dar a luz ao meu primeiro filho, pensei que, ao chegar ao quarto, depararia pelo menos com uma rosa. Foi mais uma decepção, não apareceram as rosas vermelhas. Assim foi no segundo, no terceiro, no quarto e no quinto parto. Cheguei a ponto de sonhar, abraçar, beijar e acariciar as minhas rosas vermelhas. Acordei... que decepção... O sonho havia acabado e, com ele, as minhas rosas vermelhas sumiram.

As rosas vermelhas chegaram assim Helenides finaliza seu conto:

"Agradeço a Deus o quanto meu marido é generoso, pela presença de meus queridos filhos, mãe, noras, genros, netos e familiares. Pelo agradável, descontraído, entretido 12 de maio de 1991. Foi um dia auspicioso e diferente dos demais. Realizei o meu ardente sonho. Aprendi a lição. As rosas vermelhas chegaram, enfitaram, abrilhantaram, coloriram e me tornaram realizada, lembrada, abençoada, revigorada. Salve você, as minhas incomparáveis Rosas Vermelhas.

Por final, senhoras, senhores, acadêmicos e acadêmicas, todos devem ter notado um ramalhete de Rosas Vermelhas na mesa principal dessa solenidade. É uma homenagem, sincera, minha à minha saudosa irmã, que, evidentemente, está aqui, com seu sorriso angelical a percorrer com seus olhos sábios as faces dos que se dignaram em vir homenageá-la, em

ouvir o seu panegírico, e revitalizar todas as saudades. Parabéns pela vida exemplar. Continuamos amando você e agradecendo por tudo que fez por nossa família, pela sua família, pela Educação de nossa Terra.

Helenízio Antônio Marciano.

E SE A PETROBRAS FALIR?

Roberto Pompeu de Toledo, articulista de Veja: "Dilma, uma presidente que une a inépcia à arrogância, não tinha como continuar. Seu governo derreteu-se na mesma medida em que se derretia a economia e esgotavam-se seus recursos para deter o desastre...".

Ninguém pode negar que a Petrobras foi uma empresa gigantesca, com investidores pelo mundo, cantada em verso e prosa, e cobiçada, pelos políticos gananciosos. Enquanto a Presidente Dilma Rousseff passeia pelos EUA, aqui, nós vivemos – sem sombras de dúvidas – o "HOLOCAUSTO ECONÔMICO BRASILEIRO", e, praticamente, o povo brasileiro NÃO está sendo alertado para os problemas cruciais que deverão ser atravessados pelo desgoverno e, logicamente, pela população brasileira.

Em mais uma manobra (dentre inúmeras) ardilosa do Governo Dilma para não criar pânico, o governo não divulga que a CORTE ou a JUSTIÇA do EUA autorizou a abertura de processos grupais contra a Petrobras, que arruinou, também, os fundos de pensões americanos devido à quebra da empresa pela corrupção e má administração, não tão somente nossos fundos de pensão que sofreram enormes prejuízos, os de lá também!

O que os brasileiros (ainda) não entenderam, é que ações desse tipo tem a capacidade de quebrar uma empresa, como quebrou a ENRON, a WORLDCOM, também empresas gigantescas como a Petrobras. Um direcionamento é a CVM investigar a Petrobras, a Polícia Federal prender executivos, mas ações dessas, por envolver os valores envolvidos, tem um potencial muito devastador.

Os investidores norte-americanos alegam que a Petrobras BURLOU as regras do mercado acionário de seu país ao não divulgar – corretamente – as perdas com o esquema de corrupção na empresa, investigado

pela LAVA-JATO. Com o avanço das investigações, os preços dos papéis despencaram, provocando prejuízo para os investidores. A Petrobras tem papéis na Bolsa de Valores de Nova York. E, estima-se, que haverá uma enxurrada de processos contra a Petrobras, nos EUA. Reafirmando-se que existem investidores da Petrobras no mundo todo, especialmente nos Estados Unidos, e eles alegam terem sido "enganados" com os números que não correspondiam à realidade, já que foram possivelmente inflados pelos contratos superfaturados: Superfaturamentos da Refinaria Abreu e Lima, de Pernambuco, prejuízos na compra de Pasadena –(USA) – e o acordo com a empresa bolivariana YPFB, que permitiu a diminuição (criminosa) do potencial calorífico mínimo do gás entregue ao Brasil sem que houvesse a redução de preços.

A Petrobras encerrou 2015 com 28 ações judiciais nos Estados Unidos, além da existência de uma ação coletiva, que representa todos os demais investidores. O JULGAMENTO está marcado para começar no dia 19 de setembro de 2016. Segundo renomado escritório de advocacia, no Brasil, a administração da estatal deve ser responsabilizada pela "MÁ GESTÃO COM DOLO", mas a UNIÃO também tem parcela de culpa por ter indicado os diretores da Petrobras.

Os americanos estimam que a corrupção no Brasil gerou um rombo de US$28 bilhões o que em reais abrange perto de R$130 bilhões; alegam que os balanços foram também mentirosos e fraudulentos. Além da corrupção, a má gestão, condenou a Petrobras a um atoleiro de dívidas que chegam a R$600 bilhões. Com os processos autorizados hoje e as dívidas, as indenizações e ressarcimentos podem chegar na casa astronômica de R$1,5 trilhão de reais. Isso vai trazer, ainda mais, recessão e crise para o Brasil e mais uma vez quem vai pagar será a população, porque para quitar o rombo da PETROBRAS, o Governo terá que aumentar a arrecadação, penalizando, ainda mais, quem produz e extorquindo – ainda mais – dinheiro do trabalhador, gerando um empobrecimento para o País que vai repercutir em todos os setores da economia e da cadeia produtiva.

Diante desse horizonte cada vez mais plúmbeo, Dilma continua passeando pelo mundo e demonstrando, infelizmente, a face negra de um desgoverno que não se cansa de atolar o nosso querido País. Se Dilma insistir em vender ao mundo uma versão já rechaçada pelo Legislativo e pelo

Judiciário, que macula as instituições brasileiras e ofende a sociedade como um todo, estará não apenas prestando um DESERVIÇO ao Brasil, como usando de uma MENTIRA para auferir vantagem...

"Finaliza-se alertando nossos munícipes para que – mais e mais – procurem se protegerem economicamente; se as ações "vingarem" nos EUA, a situação – nossa – do povo brasileiro ficará muitíssimas vezes pior." Dilma, é impressionante, faz questão de apresentar-se totalmente alheia aos fatos: ignora a galáxia de corrupção na qual é figura central e não percebe que seu governo, politicamente, está parecendo um asteroide sem rumo, na iminência de desintegrar-se na atmosfera do Senado..."

Acordemos, Brasileiros... E que Deus nos proteja!

Helenízio Antônio Marciano.

E SE NO BRASIL NÃO TIVESSE CORRUPÇÃO? E SE NO BRASIL TIVÉSSEMOS BONS POLÍTICOS?

Quando se tem certeza de que o país seria muito melhor se tivéssemos honestidade em sua condução, se os que administram fossem pessoas probas, de condutas ilibadas e íntegras, tudo seria diferente. Tudo!

Você sabe quanto de dinheiro sai pelos esgotos da corrupção, por ano, no Brasil? Respondo: o valor chega a 69 bilhões de reais. O que poderia ser feito, em nosso país, com essa quantia, monstruosa, roubada de nossos bolsos? Em números e direcionamentos, simples, vejamos:

NA EDUCAÇÃO: O número de matriculados na rede pública do ensino fundamental saltaria de 34,5 milhões para 51 milhões de alunos. Um aumento de 47%, que incluiria mais de 16 milhões de jovens e crianças. E, aí, seríamos, quase uma Pátria Educadora.

NA SAÚDE: Nos hospitais públicos do SUS, a quantidade de leitos para internação, que hoje é de 367.397, poderia crescer, no mínimo, 89%, que significariam 327.012 leitos a mais para os pacientes. Nunca se esquecendo que os Hospitais estão lotados. Faltam vacinas. Existem filas, imensas, para tentarem garantirem atendimentos. Há carências de leitos de UTI. Doenças que já se pensava inexistentes brotam em diversas regiões do Brasil. Uma lástima!

NA HABITAÇÃO: O número de moradias populares cresceria consideravelmente. A perspectiva do PAC é atender famílias, sem a corrupção, outras milhares poderiam entrar nesta meta, ou seja, aumentaria 74,3%. Nunca se esquecendo de que a corrupção, também, afunda nosso País e já temos uma enormidade de pessoas que já não pagam suas prestações, transformando Minha Casa, Minha Vida, em Minha Casa, Minha Dívida.

NO SANEAMENTO: A quantidade de domicílios atendidos, segundo a estimativa atual do PAC, é de 2.500.000. O serviço poderia crescer em 103,8 %, somando mais casas com esgotos. Isso diminuiria os riscos de saúde na população e a mortalidade infantil seria minimizada muito.

O PREÇO DA CORRUPÇÃO NO BRASIL: – O valor chega a R$69 bilhões de reais por ano. As denúncias de corrupção vêm de todos os cantos do país e de todos os setores – públicos e privados. Um País sem direção, como um barco sem timoneiro em uma fortíssima tempestade em alto mar. Um imenso País que poderia ter um dos melhores níveis de vivências, está, pela corrupção, atolado em dívidas, em assaltos, em péssimas estradas, sem saúde, sem educação, sem segurança, doente por doenças infecto-contagiosas e doente pelos políticos incapazes e gananciosos. Um pecado!

E se tivéssemos bons políticos?

Quem não se envergonhou com os votos, nominais e abertos, dos políticos sentados na Câmara Federal? Como disse o ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal: "É de chorar de vergonha!" Simplesmente patético." Deputados Federais que não sabem nem concordâncias verbais, não sabem, sequer, o bom português, e, onde se encontram "deveriam" ser legisladores. Um deputado cuspiu no rosto de outro. As petistas xingaram o Presidente da Câmara, como se ele fosse o culpado dos erros do desgoverno de seu partido. O festejado político e escritor morrinhense Eurico Barbosa, disse:" Claro que a pobreza intelectual da grande maioria dos parlamentares brasileiros, de alguns lustros para cá, é fenômeno crescente e do conhecimento quase geral. A mercantilização do processo eleitoral teria de tornar inevitável a outorga de mandatos quase que exclusivamente a detentores de poder econômico e a favorecidos pelo poder político não limitado por escrúpulos morais ou éticos. Deprimente!"

A corrupção aniquila nosso País. Os políticos o envergonham mundo afora. E a Presidente, incapaz, com uma dislexia permanente, não consegue fazer uma introspecção em si mesma e se sentir incapaz para o cargo

que ocupa e renunciar ao seu nefasto mandato. Queira Deus que tudo acabe bem, o Brasil precisa melhorar, nossas crianças, nossos jovens precisam de ter caminhos visíveis e alvissareiros. Tem-se provas, incontestáveis, das dificuldades vivenciadas pelos brasileiros, a travessia para lugares mais amenos, infelizmente, não está acontecendo; a grande massa popular, com mais de 62 milhões de pessoas – de 18 a 60 anos – está endividada. Em todos os setores produtivos, a desesperança renasceu, tudo está à venda e não se encontra comprador. Os remédios subiram assustadoramente. A gasolina é a mais cara do mundo. Os impostos escorchantes e ingratos pois não retornam ao que pagam, são consumidos pela corrupção. A única luz no fim do túnel é de um trem desgovernado e manobrado por uma incapaz. Muito triste! Muito triste, mesmo!

Helenízio Antônio Marciano.

NÃO VAI TER GOLPE?

O slogan criado pelos petistas, especialmente para a Presidente da República, deve ter "bolado" pelo marqueteiro-mor João Santana. Retrata, acima de tudo, uma ignomínia e uma maldade: quantos golpes o povo brasileiro já sofreu, sofre, e poderá continuar sofrendo no Governo de Dilma Rousseff?

Com sinceridade, gostaria de estar escrevendo somente sobre pontos positivos dos governos comandados pelos petistas: não os encontrei. Dizer que o Bolsa Família é exemplar e deve continuar, para mim, é uma temeridade! O Brasil virou o país das bolsas. Pelo menos, sete estados os oferecem, além de prefeituras e do governo federal, numa volúpia assistencial que irmana ideologias e partidos. Para os governos (Federal, Estadual ou Municipal), criar novos programas de garantia de renda é tentador. Eles têm APELO ELEITORAL evidente e, com custo, alguns relativamente baixos e outros, como o Bolsa Família extremamente oneroso para os cofres federais e podem reduzir (ou mascarar) os efeitos de problemas sociais.

Bolsas ofertadas pelos Governos precisam ter foco e estimativa de duração – ao menos uma projeção para atingir o objetivo. Começo, meio e

fim. O Bolsa Família peca por não ter nenhum deles. Não há limite para o número de famílias que poderão se beneficiar, nem há projeção de quanto tempo ele deve ser mantido. E é, verdadeiramente, o maior apelo eleitoral do PT.

Já fomos golpeados, até a medula, pela má administração da Petrobras, ontem a empresa que era mais valiosa do Brasil, hoje é a empresa mais endividada do Mundo, DEVE mais de 500 bilhões de reais. No ano passado, um prejuízo de mais de 34 bilhões de reais. Imagine, uma firma que vende ouro (gasolina, etc...) e tem prejuízos de tal monta. Somente no Brasil que é – totalmente – mal administrado.

Já fomos apunhalados pela incidência do mosquito mais destruidor do planeta: aedes aegypti. Agora, as sífilis rondam os brasileiros, já são mais de 28.000 casos.

Nossos nosocômios – com raríssimas exceções – estão na UTI. Não existem remédios. Não existem leitos. Não existem médicos em quantidades suficientes.

Em cada minuto, sete pessoas são despedidas. Já somos mais de 9 milhões de desempregados.

A inflação atinge mais de dois dígitos.

Temos a maior porcentagem de impostos do mundo.

Os juros dos cheques especiais atingem a estratosférica marca de 425% ao ano.

Os juros dos cartões de créditos, acreditem, batem no patamar de 465% ao ano.

As drogas, tristemente, estão matando milhares de jovens.

Os universitários formam e não conseguem empregos.

Não temos segurança. Não temos estradas. Não temos UTIs suficientes. A energia elétrica, água, gás, gasolina, etanol, telefones celulares, cartões de crédito, cheques especiais, imposto de renda, aniquilam os ganhos dos brasileiros. Estamos cada vez mais pobres...infelizmente!

Nosso trânsito é caótico. Acidentes ceifam vidas de jovens cotidianamente.

E os acontecimentos políticos, não políticos, que nos são apresentados, diuturnamente, por nosso Governo? Um político, claro, pode criar ou enfocar a política de ângulos diferentes. O que interessa, ao povo, é se aquela

energia criativa é verdadeira ou mentirosa. Lula, mesmo nunca tendo nele votado, confesso, jamais o imaginava como o Senador Mão Santa o definia: o maior mentiroso do mundo. Dilma, em que pese o slogan NÃO VAI TER GOLPE, nos golpeia todos os dias. O Brasil virou uma terra golpeada por milhares de itens desfavoráveis e que jamais poderiam existir...Em todos os lugares se ouve falar das riquezas de Lula e seus filhos. Seria verdade que Lulinha possui tantas fazendas e milhares de cabeças de animais vacuns? Confesso que sou intrigado com tais notícias. Aguardemos os suplementos indispensáveis, vindos da Justiça, para desvendar tantos descalabros. Lula anda de jatinho particular para baixo, para cima, toda hora... e os grampos? O que vale é a essência das palavras ou se o grampo é ilegal ou legal?

Os leitores e leitoras já devem ter notado a quantidade de estabelecimentos comerciais fechados em Morrinhos? A quantidade de pessoas já demitidas? Os preços dos alimentos?

Toda essa parafernália que nos são empurradas goela adentro são golpes, ou não? A nomeação de Lula para Ministro da Casa Civil é um golpe, ou não? A nomeação de um ex-integrante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8 para Ministro da Justiça é ou não é golpe?

Como diria meu escritor predileto John Steinbeck: "Ainda tenho um pouco de vida para viver. Estou em cacos. Na verdade, estou assim há bastante tempo, como você sabe. Preciso me reconstruir e ao mesmo tempo tenho muito trabalho a fazer."

Assim, finalizo, afirmando que todos temos vida para viver e que as esperanças de um NOVO BRASIL entranhem no cerne de nossas medulas e que JESUS, nosso PROTETOR, ofereça aos políticos caminhos para soluções de nossos IMENSOS problemas, e que a vida, o mais rápido possível, se torne bela e alvissareira.

Helenízio Antônio Marciano.

REFLEXÕES

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

Todas as pessoas possuem virtudes e dons que são apenas delas, portanto esqueçam a inveja, por duas razões; a primeira porque nunca seremos o outro e a segunda porque fazemos apenas o que somos capazes.

Eva jamais devia ter experimentado a maçã oferecida por Satanás e Pandora nunca deveria ter aberto a caixa confiada a Epimeteu, na qual estavam todos os males do mundo, pois só restou ao homem a esperança.

Não há magia, não há maldição e não há destino. Somos caminheiros sós de uma vida breve. Somos como uma vela, que ilumina enquanto acesa, mas dura pouco.

Se o pai ou a mãe são poderosos, aqueles mais próximos que têm uma vida confortável, naturalmente, não se importam de onde vem o dinheiro, mas deveriam se importar, pois se tornam coniventes. Quando uma pessoa é corrupta, a família toda acaba se tornando.

Tortura nunca mais, terrorismo nunca mais, não há inocentes nestas histórias, sobram apenas estupidez e barbárie, o mundo já experimentou estes conflitos. É equivocado imaginar que suas naturezas são ideológicas, é o poder e o dinheiro que os alimenta.

Vi tudo, porque foi o que pude ver. Fiz tudo, porque foi o que consegui fazer. Certo ou errado foi minha escolha e me arrependi algumas vezes, mas foram tão poucas, que não me doem relembrar.

Meu amor é como a água, às vezes é imenso, às vezes míngua tanto, que parece ter acabado, mas é porque virou nuvens para voltar nos pingos da chuva.

O grande erro das mulheres católicas é que elas acreditam que seus segredos e pecadinhos ficariam nos confessionários;... das evangélicas é que pagando o dízimo estariam salvas;... das africanas é que um banho de água de cheiro e um descarrego estariam livres; ...das muçulmanas é que pagam com a vida; ...das espíritas é que estariam pagando erros de outras encarnações; ...das ateias, elas não se importam, não

guardam segredo e não acreditam em pecado. ...e o dos homens? Os homens não entram no céu.

Ser ignorante não é tão grave, pois significa não entender sobre algo; já burrice é quando aprende, mas ignora e persiste na ignorância.

As pessoas que mais me ensinaram foram aquelas que maiores males fizeram a mim, aprendi a não ser iguais a elas. Algumas pessoas nas quais eu acreditava foram as que mais me decepcionaram. Não tema os maus, eles são fáceis de serem identificados; tema os que parecem bons. O meu perdão não serve para nenhum deles.

Não corra riscos desnecessários, bastam aqueles circunstanciais, principalmente, não mexa com a mulher do outro, mesmo se ela estiver te dando mole; o marido, certamente, não estará e a vida é uma só.

Cheguei numa cidadezinha bem pequenininha. Tinha uma pracinha simplesinha com uma árvore frondosa e um banco debaixo dela. Parei e sentei na ponta do banco. Na outra ponta, estava um velho fazendo um cigarro de palha. Ele olhou para mim e eu olhei para ele.

Ele perguntou: – Qué pitá? Eu disse: – Quero não, não pito. Ele respondeu: – Bão tamém. Pitou calmamente, levantou e falou: – Inté. Eu repiquei: – Inté. Ele saiu de mansinho. Chegou um cachorro e deitou perto dos meus pés. Ele olhou para mim e eu olhei para ele, não falou nada, eu também não. Ficamos os dois na sombra pensando em nada. Depois de um tempo o cão levantou, abanou o rabo, eu abanei a cabeça, ele bocejou e foi embora. Gostei muito da prosa com o velho e com o cachorro.

Há pessoas inteligentes, outras espertas, outras comuns, mas suficientes para saberem que são apenas diferentes, porém iguais como as inteligentes e as espertas.

Tem gente que afirma detestar comida requentada. Pode até ser, mas 20% de todo alimento produzido no mundo se perde na cadeia de produção ou é jogado no lixo. Então, devemos fazer a comida na medida certa e quando comermos num restaurante não deixar sobras no prato, porque as perdas as quais me referi alimentariam milhões de famintos, que penam por aí.

As mulheres são capazes de descobrir que você está mentindo só no olhar, mas acreditam que creme de folha de Urtiga tira ruga e que picolé de Alface emagrece.

Quando me casei não imaginava que durasse tanto, também não tinha a mínima ideia de que o muito fosse tão pouco.

Não acreditar no "Deus" das igrejas e das religiões é uma coisa, já vilipendiar, desmerecer a crença das pessoas é outra muito diferente, "pois a fé remove montanhas". A ideia chamada "Deus" tem muitas versões e, sem dúvida, é a melhor que foi criada até então, pois é a única capaz de conter a barbárie.

Não é apenas a ausência que dói, a presença que vai se tornando invisível dói muito mais.

Ajude alguém, logo ela esquecerá. Faça o mal, ela jamais perdoará.

Mulher é um ser tão dissimulado, que para os homens ela tira a roupa, mas se veste e enfeita só para fazer inveja em outras mulheres. É por isso que cobra vive trocando de pele.

Eu estava escrevendo no computador uma declaração para a mulher... De repente, minha mulher chegou, leu e disse: – Para qual rapariga, baranga, sirigaita, puta, filha duma quenga, emendou mais um dúzia destes adjetivos carinhosos e advertiu: – Fique esperto, porque se você tiver me traindo, lhe corto o saco, viu! Fiquei mudo e quando ela saiu vociferando continuei escrevendo... mais linda do mundo, aquela com quem me casei e continuo apaixonado. Ainda bem que ela não viu o resto da frase, iria ficar mais irritada e diria que eu estaria mentindo.

Não entendo as mulheres. Ela vai ao salão de beleza e arruma os cabelos, então digo: – Você está linda. Ela toda vaidosa diz: – Faço isso para ficar bela para você, querido. Todo entusiasmado tento beijá-la e ela diz: – Não, não, vai desarrumar meu cabelo ou ela está mentindo ou gosta mais dela do que de mim.

Não espere uma mulher por mais de meia hora, deixe um recado pendurado na porta – Estou no Bar do Zé Jiló comendo torresmo e bebendo cerveja.

Saudade é o sentimento que define a minha vida. Sinto muita falta dos meus pais, dos meus filhos quando pequenos e da paixão da minha mulher. Estão virando fumaça.

Esperei demais do teu amor, pensei que ele fosse tão imenso quanto o meu. A minha tristeza não são as lágrimas que fizeste-me derramar, dor

maior foi quando elas secaram, foi quando não fizeram mais falta, eu não tinha mais por quem chorar.

O meu amor morreu em vida, ele parou no tempo, assim será eterno por tudo e por todos. Nunca abandonei quem amo, eles que me esquecem de vez em quando, mas isso não tem importância alguma, pois tanto o amor como a dor só existem para serem sentidos.

Quando eles eram pequenos eu banhava-os, alimentava-os, protegia-os e cuidava deles. Tudo que eu fazia por mais irreverente que fosse eles sorriam, se divertiam e, minha mulher estava ali compartilhando tudo, eu era um palhaço muito alegre. Eles cresceram, mudaram, hoje sou um palhaço que borrou a maquiagem. Sempre tive dúvidas do que seria melhor, começar ou terminar; agora tenha absoluta certeza que começar é muito melhor.

Não há vantagem alguma em ficar casado o tempo todo com uma única pessoa, como também não há em ter se separado e, muito menos ter tido várias companheiras. Não há receita para isso. História de vida não são retratos guardados na gaveta, são marcas na pele. É egoísta o sentimento de posse, mas desistir da luta é trocar um problema por outro e ainda deixar rastro. O importante é que "O amor não se mede, nem se repete", o amor se guarda na memória. "Quando a gente gosta é claro que a gente cuida".

Se o planeta terra se exaurir, para onde iremos? Após nossa morte, quando teremos a oportunidade de nascer, novamente?

LUIZ MAURO DE SOUSA VASCONCELLOS

Filho de Jurandyr Vasconcellos e Yvone Villela de Sousa Vasconcellos nasceu em Uberlândia em 05/09/1038 e com 1 mês de idade veio para Morrinhos onde estudou e morou até final de 1949 quando foi levado por seus pais para Belo Horizonte para estudar e morar com sua avó materna.

Lá ele se formou em Medicina em 1965, pela Faculdade de Ciências M*édicas de Minas Gerais. Em 1966 fez curso de especialização em cirurgia com o Dr. Célio Nogueira e em 1967 veio para Goiâ*nia onde se casou com Selva Rios Sócrates Vasconcellos e ficou definitivamente.

Luiz Mauro foi uma pessoa de múltiplos interesses e além do seu trabalho como médico, que ele exercia com um imenso prazer, fez curso de fotografia sendo sócio fundador do Clube da Objetiva de Goiás.

Nesta *área deixou um grande legado à cidade de Morrinhos que ele tanto amou, colocando na Internet vá*rios albuns com mais ou menos 2.000 fotos relembrando a cidade, seu povo e seus costumes, utilizando para isso o acervo do seu pai e de inúmeras pessoas amigas que passaram a lhe enviar fotos para serem restauradas e fazer parte destes albuns.

Com estas imagens na mídia social, ele acabou proporcionando o reencontro de um grande número de amigos que estavam distantes e voltaram a se encontrar.

Outra de suas características e hobbies marcantes era a leitura. Ele era um grande aficionado por literatura e era capaz de ler 3 ou 4 livros ao mesmo tempo, o que o possibilitava conversar sobre qualquer assunto.

Luiz Mauro era um esportista nato, pois nadava, andava de bicicleta e aproveitava nessas andanças para fotografar pássaros que ele estudava e observava sempre.

Fanático por futebol vibrava ao assistir todos os jogos que eram televisionados.

Ele tinha um senso de humor aguçado e até mesmo nas situações difíceis *ele conseguia fazer piadas. Muito otimista, não havia tristeza ao seu redor e tudo era alegre e engraçado.*

Cultivou um grande número de amigos que sempre soube "guardar do lado esquerdo do peito" e para quem sempre esteve disponível quando precisassem.

Ele se interessava por tudo o que existia e dessa forma, cada época, passava a observar coisas diferentes e fazia cursos para se aprofundar nos assuntos assim como fez com astronomia, com plantas, e assim por diante.

Enfim, Luiz Mauro foi uma pessoa que gostava de tudo, gostava de viver, amou a vida. Vibrou com tudo e com todos e em 08/12/2015 faleceu deixando muita saudade e, principalmente, um grande legado aos seus filhos e netos: Alegria. Integridade, Honestidade e principalmente muita gratidão por tudo que recebeu de Deus.

Nilza Diniz Silva.

DR. LUIZ MAURO VASCONCELLOS
UMA VIDA DE AMOR A MORRINHOS

Escalada pelo Senhor Presidente da AML, José Afonso Barbosa, para prestar homenagem póstuma ao Dr. Luiz Mauro Souza Vasconcellos, estou me desincumbindo da ingrata tarefa.

Para começar, Luiz Mauro Souza Vasconcellos foi meu aluno no Ginásio Senador Hermenegildo de Morais. Aluno exemplar, estudioso, cumpridor dos deveres. Mas por pouco tempo, pois logo se transferiu para Belo Horizonte, só voltando para Morrinhos nas férias.

Conheci Luiz Mauro desde seu nascimento, que não se deu em Morrinhos, mas em Uberlândia, quando sua mãe Dona Ivone para lá se dirigiu para uma cesariana. Mas ele fazia questão de dizer que era de Morrinhos e como tal assim agia.

Tínhamos em comum suas primas, sobrinhas do Dr. Jurandir, seu pai, entre elas Maria do Socorro, minha grande amiga e que veio residir em Morrinhos por vários anos. Quando Dr. Jurandir mudou-se para Goiânia, Maria do Socorro também para lá se dirigiu com a família.

Dr. Jurandir era nosso médico e continuamos a procurá-lo em Goiânia, algumas vezes. Luiz Mauro formou-se em Medicina em Belo Horizon-

te e, como se esperava foi também trabalhar em Goiânia. Alegre, solicito, recebia a todos com respeito e amizade. Tinha prazer em servir quem o procurava. Como o pai, nas horas vagas punha-se a fotografar, resultando belas paisagens e locais dignos de serem conservados para a posteridade. Muitos alunos, inclusive de Morrinhos, receberam de suas mãos fotos para complementar trabalhos de conclusão de cursos. A todos servia com a máxima boa vontade e explicações.

Quando perdi uma sobrinha querida em Goiânia eu me senti abalada. Após alguns exames foi diagnosticado que eu deveria me submeter a uma cirurgia. Maria do Socorro procurou Luiz Mauro e dele recebi uma lição. Que eu tinha sido professora de muitos alunos, mas ele havia tido uma professora, uma mestra. Que estava a minha espera para tratar de meu caso. Fui. Ele conseguiu controlar meu medo, minha angústia e durante muito tempo foi meu médico.

Quando Luiz Mauro se casou com Selva, seu casamento foi assistido por grande número de amigos, quase todos de Morrinhos.

Sua casa era alegre, convidativa, principalmente com a chegada dos filhos e da filha, ele que era filho único, passou a ver a casa cheia, entre eles harmonia e paz necessárias a uma convivência.

Luiz Mauro prometeu me fazer uma visita, acompanhado dos primos Maurício e Paulo César, mas a visita não aconteceu. Telefonou-me que meu afilhado Paulo César não pudera vir, porém logo viriam, mas esta visita não aconteceu. Infelizmente, soube que jamais se daria. Foi tomada por emoção que compareci ao seu funeral.

Que Deus o tenha na sua glória!

Nilza Diniz Silva.

DOUTOR HONORIS CAUSA

Doutor Honoris Causa título conferido à professora Nilza Diniz Silva pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Distinção que as Universidades conferem a pessoas ilustres (diz dicionário). Mas não sou pessoa

ilustre, sou uma professora que conseguiu chegar ao Mestrado, depois de muito lutar. (Agradecimentos) Gostaria de me referir a duas pessoas, que não mais existem, mas que estão sempre em meu pensamento: meu pai, José Mendes Diniz e minha irmã Zilda Diniz Fontes. Papai sempre dizia: "Quem tem a felicidade de estudar, de aprender, deve também ensinar aos outros". Zilda colocou em seu livro Morrinhos de Capela à Cidade dos Pomares: "Tivemos um lar de amor à arte e de amor à nossa Terra; crescemos ouvindo falar em trabalho e dedicação, o dar ao invés de receber. Por isso fomos em frente". Eu estava bem amparada.

Continuemos:

"Nós somos como o perfume
Da flor que não tinha vindo:
Esperança e silêncio,
Quando o mundo está dormindo."

Cecília Meireles.

Esta cantiga da poetisa Cecília Meireles retrata uma posição de submissão da mulher e o tratamento dado a ela desde muitos séculos. Traziam-na submissa, colocada em segundo plano, sem querer, sem vontade. Darcy Denófrio, também poeta, complementa: "Areia e água: a matéria / de que fabricamos nossos sonhos", afirmando que nossos sonhos são construídos com água e areia, não tem consistência, desfazendo-se ao menor sopro de brisa. Mas não podemos deixar de ter sonhos, eles fazem parte de nossa vida. A vida é um hino de amor, de sonho e de esperança. O sonho é força mágica da vida.

A propósito, ao folhearmos o fascículo do jornal O Popular, de 7 de outubro desde ano, "Pensar 2015", assinalamos as conferências em que a mulher tomaria parte; olhando o currículo de cada uma das escaladas para os trabalhos (minicursos), anotamos: Pedagoga, Psicopedagoga, Docente Universitária, Mestra em História Cultural, Educação Infantil, Graduação em Artes Cênicas, Alfabetização, Professora e Pesquisadora, Terapeuta, Mestra em Ciência da Educação, concluímos: a mulher, realmente, se pre-

parou para o trabalho docente, para exercer sua profissão bem capacitada. O mundo para ela não está dormindo e ela trabalha sentindo o perfume da flor que acompanha sua trajetória.

René Descartes, fundador do racionalismo filosófico afirmava que a fonte última de todo saber reside na capacidade intelectual do homem (e da mulher, acrescentamos). O mundo não está dormindo e a mulher transformou seu silêncio milenar em ação. Não conseguiríamos enumerar todas as conquistas que ela vem obtendo, todos os espaços que ela vem ocupando com eficiência. Modelos inovadores que enriquecem e enobrecem o mundo. A capacidade de criar é um dom que se torna mais importante à medida que é colocado em prol da humanidade.

As mãos da escritora fazem de simples pedaço de papel uma fonte de prazer para os amantes da leitura. A palavra em suas mãos adquire personalidade, significados espantosos. Provocam risos, lágrimas, emoções, prazer. Ao construírem um texto poético, elas transportam o leitor para um mundo de fantasia. As mãos da professora, da mestra, da educadora executam o trabalho de suma importância em toda comunidade. Crianças, jovens, adolescentes representam seu mundo de ação. Um mundo de risos infantis, de alegrias de adolescentes, de indagações, de revoltas, de incertezas de acertos e erros, mas um mundo onde há necessidade de um ideal, e principalmente de amor.

Trabalhei em 4 escolas em Morrinhos: Ginásio Senador Hermenegildo de Morais, Colégio das Irmãs Agostinianas, Colégio Estadual Xavier de Almeida e Colégio Sylvio de Mello. Em todas fui muito bem e tenho boas lembranças, mas o que me deixou mais marcas foi o Ginásio Senador, trazendo comigo recordações de tudo quanto ali vivi, como aluna e como professora. Lugar onde descobri minha vocação, onde aprendi a ensinar com os alunos que me respeitavam que me fizeram ver que escolhera a carreira certa, gratificante, alunos que sempre me distinguiram e distinguem até hoje.

Em nosso livro, Escola-Célula importante da Educação, colocamos a Dedicatória:

Aos companheiros de Magistério que acreditam na Educação e fazem de seu trabalho um ato de valorização da pessoa humana.

A todos os alunos de nossa longa jornada no Magistério que nos ensinaram mais do que nós a eles.

Aos mestres anônimos que, no decorrer de sua vida ajudaram a escrever a história pedagógica de nossa Terra.

Apud! Descobri que a poetiza Cecília Meireles recebeu o título Honoris Causa na Universidade de Déli das mãos do Presidente da Índia (1953). Cecília Meireles. Obra poética – Rio de Janeiro, Editora José Aguilar.

Darcy França Denófrio – Livro Amaro Mar – Prêmio Literário Nacional. Belo Horizonte – 1988.

Encerro minhas palavras com o poema Mestre, feito por mim em 1992, quando ainda lecionava.

Nilza Diniz Silva.

MESTRE (1992)

Nilza Diniz Silva.

É sublime tua missão, ó mestre,
Se um ideal te anima a viver;
De guiares com tua experiência,
De levares a Porto Seguro
Os que buscam na vida o saber.

Se o cansaço te leva ao desânimo,
Se a tristeza começa a rondar
Teu espírito,
Não esmoreças na luta inglória,
Que a vitória não pertence a ti.
Ela é algo complexo e remoto,
Cujos frutos virão no porvir.

Vê, uma criança te olha,
Um rostinho amoroso
Ao teu lado, confia em ti.
Um jovem inseguro precisa de ti;
Não o abandones.
Ajuda-o a concretizar seu ideal;
Liberta-o de dúvidas, de incertezas.
Encaminha-o tranquilo para a vida.

Terás cumprido então teu mister,
Que o mais nobre é.
Da vida não esperes recompensa,
Pois a melhor e mais verdadeira
É saber que és um elo
Importante
No processo que integra o indivíduo
Ao meio
E faz dele um gigante.

A FASE DO "ENTA"

Paulo Tárcio Martins.

O sujeito quando chega em sua vida
Na fase do "enta" (quarenta),
Começa a se preocupar
Com o que se apresenta,
Quase sempre fica querendo
Mas não sabe se aguenta,
Querer não é mais poder
Promete mas não sabe se sustenta.

Já começa a ter dúvidas
Quanto a sua "ferramenta"
Pois olha pro bicho bom
E só consigo comenta,
Ah! Eu já fui bom nisso!
E o "gelado" nem esquenta,
Fica do jeito que está
Não reage nem com pimenta.

Não se avexe, companheiro,
Pela situação que se apresenta,
Nem tudo esta acabado
Tem um lado que você "arrebenta"
Tem mais tempo pro amigos,
E pra família que você sustenta,
E se no amor tem "cobrança"
Você disfarça... você inventa.

Hoje no seu aniversário
Você para, você pensa...

Passa a mão no resto dos cabelos
A face fica séria, fica tensa,
Recorda o tempo passado
E reforça a sua crença
Que tudo vai ser como antes
Que não haverá diferença,
Pelo menos é que se espera
Que seja esta a sua sentença.

E não desanima não, um dia você me alcança...

ESTAMOS TODOS MORTOS!

Ao longo dos meus 62 anos sem muitas férias (ou quase nenhuma), tenho refletido sobre as coisas que povoam o nosso cotidiano e faço, para mim mesmo, algumas perguntas:

Por que, tantas pessoas, mesmo sendo politicamente corretas, ecologicamente corretas, socialmente corretas, financeiramente corretas, sofrem reveses em relação a outras sem nenhuma destas qualidades que descrevi acima? Por que pessoas que não bebem, não fumam, não fazem nenhuma extravagância que possam prejudicar a sua saúde, dormem cedo, praticam exercícios, adoecem e passam maus bocados também em relação a outras que são exatamente o contrário? Por que pessoas nascem com defeitos físicos e mentais, em seios familiares de boa índole e práticas ortodoxas, sacrificando não só a sua própria vida, mas como a vida de quem cuida delas e outras pessoas que praticam o mal vendendo drogas de toda natureza a jovens e adolescentes e a sua vida é nababesca? Por que pessoas matam e até sacrificam crianças em nome de uma seita (dita por eles, religiosa e ditas por nós como satânicas), às vezes nem presas vão, não sofrem represálias e vivem como pessoas exemplares em nosso meio? Por que existem pessoas que não trabalham, não desenvolvem nenhuma atividade produtiva e nem são filhos de abastados, conseguem viver "de boa" sem serem molestados pelas cobranças diárias de tantas e

tantas contas que temos que pagar para termos um mínimo de conforto? Como explicar as fatalidades que envolvem crianças, idosos e até adultos que estavam praticando boas ações tipo reclusos em orações e adorações de seus deuses ou divindades e perdem a vida de modo trágico e sob extremo sofrimento? Como encontrar explicações para a sobrecarga de problemas que alguns enfrentam, enquanto tantos outros não estão "nem aí" para a paçoca e vivem até a senilidade sem muita "noia?" E tantas e tantas outras desigualdades injustas por que passam os animais racionais e até irracionais aqui nesta nave chamada de Terra?

Não encontrando respostas satisfatórias para todas estas perguntas, fiquei divagando... E se todos nós, aqui na Terra, estivéssemos mortos e não vivos como cremos? E se esta condição que chamamos convencionalmente de VIDA fosse, na realidade, uma condição de MORTE? Afinal, muitos não dizem por aí que, VIDA mesmo teremos, após a nossa morte? Não é morrendo que vivemos para a vida eterna? E a ressureição? E a reencarnação? Não seria a VIDA que tantas religiões, seitas, dogmas e doutrinas pregam? Então, estou quase convicto que estamos todos mortos aqui neste planeta e, nessa condição de "mortos-vivos"; estamos pagando por nossos erros e falhas praticadas durante "aquela vida" que é pregada pelos templos deste plano espiritual em que "vivemos." Só assim se poderia explicar, embora superficialmente, as questões colocadas no início deste texto porque, afinal, não se diz também que pagaremos por nossos erros no inferno, no purgatório ou em umbrais de dimensões não conhecidas e não sabidas, após a nossa morte terrena? E se fosse exatamente o contrário? E se já estivéssemos "vivendo" nestes locais de expiações, pagando por estes supostos erros, aguardando somente a "quitação" de nossa conta celestial? Com a palavra todos aqueles que tenham livre arbítrio e livre trânsito, tanto no limbo desta "vida" ou no seu antônimo, ou que estejam aqui para tão somente servirem de contestação e motivos de textos para escritores sem sono na madrugada, extravasarem as suas angústias, que devem ser também moedas de troca para a quitação de seu fardo aqui nesta nave cansada de servir de "caixa de sofrimento e de injustiças" para seres viventes acertarem as suas contas com o construtor do universo.

Paulo Tárcio Martins

GOSTO DE PENSAR EM VOCÊ.

Paulo Tárcio Martins.

Gosto de pensar em você... (sempre)
Adoro sonhar situações... (com você)
Me alegro quando estou a seu lado (vivendo)
Sua voz cura meu espírito (sedento)
Seu toque inunda meu corpo (de amor)
Seu abraço me transporta (em 3ª dimensão)
Seu beijo me leva a outro mundo (onde sempre estou)

Talvez eu seja para você um pouco de Nelson Rodrigues:

"Um anjo... pornográfico"

GUERREIRO DO AMOR

Paulo Tárcio Martins.

Sou um guerreiro diferente...
O meu escudo é o amor...
O meu texto, a coerência,
A minha espada é uma flor.

A minha guerra é pela paz,
E a minha alegria é vencer,
A minha vitória é diária,
Quando vejo o sol nascer.

Não vivo para ofender
Não nasci para brigar,
Eu durmo para descobrir
Uma boa maneira de acordar.

Não tenho medo da morte,
Não acredito em falta de sorte,
O mal não pode ser mais forte
Do que um guerreiro do norte.

Fui, sou e serei
Por quanto tempo, não sei,
Um guerreiro defensor
Dos que acreditam no amor...

NA DÚVIDA... SEJA BOM!

É muito difícil quando se chega a ponto de desejar que a noite não se acabe, que o dia não chegue e seja preciso se levantar...

É muito difícil quando se passa o dia pedindo que ele acabe logo para a noite cair e tudo recomeçar...

É muito difícil quando se sente uma certa satisfação que mais um dia, mais uma semana, mais um mês ou um ano se passou... e não se da importância aos aniversários de nossa vida aqui na terra... que se sinta que não se foi importante para o contexto social, que nossa luta foi em vão, que prevaleceram os maus, que triunfaram os desonestos, que venceram os que, por suas atitudes, deveriam perder...

Afinal, o que é isso? Sina? Destino? Sorte? Azar? Karma? Esta explicação existe, tenho certeza, e é a busca dela que me faz levantar todos os dias e não ficar deitado esperando algo inimaginável, ir à luta e, pelo menos, procurar as respostas ou então simplesmente lamentar que o ano passou tão depressa...

É esta busca que toma todo o meu tempo e me faz esquecer as desigualdades da vida e me ajuda a viver, pois toda vez que a Morte me procura eu não posso atendê-la por estar muito ocupado e aí eu vou sobrando... vou ficando... vou vivendo...

Às vezes, lendo alguma coisa e, aproveitando o refrão do momento, ler também é um exercício, encontro sempre alguma coisa que me ajuda a entender e me conforta em algumas respostas.

Conta-se uma lenda que um dia uma "boa" pessoa recebeu a visita da Morte e, como ninguém escapa deste "destino" ou "azar", foi levada para o "outro lado "e foi parar no Céu"".

Lá chegando, constatou-se que seu nome não figurava na lista de "reservas" e então esta "boa" pessoa foi enviada ao Inferno e, lá chegando, foi recebida sem ressalvas e sem delongas, pois no Inferno a coisa é desburocratizada e sempre tem vagas em suas penitenciárias, semelhantes às do Brasil.

Esta "boa" pessoa chegou ao Inferno, se acomodou onde quis, como quis e acostumada com a dureza aqui da Terra, logo se habituou e começou a trabalhar com seus companheiros de infortúnio: apaziguou os brigões, contou anedotas para os sisudos e carrancudos, começou a ensinar profissões aos ociosos e, enfim, procurou ocupar o seu tempo com ensinamentos e trabalhos que ajudassem a não ver o dia passar.

O Capeta quando soube do que estava acontecendo, naturalmente não gostou nem um pouquinho e foi até o Céu para formalizar uma reclamação a Deus, pois o que estava acontecendo só poderia ser armação Divina ou plano para desestabilizá-lo ou desmoralizá-lo junto ao Tribunal do Mal. (Isto é bem próprio do Capeta mesmo, não é?).

Diante da reclamação, fizeram uma vistoria na ficha daquela "boa" pessoa e descobriram um lamentável engano e trataram de remover o mais rápido possível aquela boa alma para o seu devido lugar. Mas, a esta altura, muitas outras almas já haviam se convertido ao bem e não foi somente "aquela alma" que subiu aos Céus e sim todas aquelas que foram "trabalhadas" durante a estadia daquela "boa" pessoa entre os pecadores.

Moral da história: Quando se é bom, até o Capeta te ajuda a ir para o céu...

Paulo Tárcio Martins

PRA PODER FALAR DE AMOR...

Paulo Tárcio Martins.

Me pediram para falar de amor...
Combatendo a minha amargura.
Como posso falar de amor,
Se quando não é alegria, é loucura.

Eu quero falar de amor...
Qual é a receita ideal?
O amor é alimento puro,
Só do bem ou também do mal?

Quem muito ama... muito sofre
Quem não ama... sofre mais ainda.
O que fazer com o amor então, minha linda?

Amor... Ah, esse ser indomável!
Para alguns é conforto e alento,
Para outros é tristeza e sofrimento,
É saúde ou doença incurável?

Falar de amor... sim, por que não?
Pelo menos devo tentar.
Falar de amor é melhor do que calar...

Pra poder falar de amor,
Preciso de alegria no coração.
Então me ajude a ser alegre, meu irmão!

Pra poder falar de amor
É preciso praticar.
Eu quero falar de amor,
Você me ajuda a ensaiar?

TEMPO... ESSA MÁQUINA DE FAZER MONSTROS

O tempo não para! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo... Mário Quintana

"Porque o tempo é tão implacável, roubando-nos as oportunidades se não somos suficientemente rápidos para agarrá-las imediatamente?" Liv Ulmann.

Assim como o título deste texto, que também tem um autor – só que eu não sei quem é – as citações acima tentam nos mostrar que o tempo, este ser implacável e sem piedade, nos castiga ou nos força a dobrar a espinha e os joelhos ante a sua ação, às suas determinações e imposições, como se fosse o nosso senhor, nosso feitor ou nosso capitão do mato em missão de sucesso.

O tempo não respeita, não contempla e nem privilegia ninguém... E, neste ponto, temos que aceitar que ele é justo e honesto.

Mas o tempo não somente torna as pessoas mais velhas a cada dia, mais caquéticas ou alquebradas, mas também fabrica ou contribui para a evolução ou degradação das pessoas.

Serve a todos os senhores... Quando designa coisas ambíguas tais como: "O fulano é um monstro no futebol!" querendo dizer que o atleta é o melhor, é diferente e criativo nesta ou em qualquer outra profissão.

"O beltrano é um monstro! Não devia ter feito isso!" quando se quer dizer que a pessoa é má ou agiu com maldade, crueldade e desumanidade.(Exemplo: o cárcere privado das três mulheres que aquele "monstro" lá dos Estados Unidos manteve por muitos anos, escravizando-as de todas as formas).

"Você viu em que criatura monstruosa se tornou o senhor tal?"

Então podemos concluir que o tempo é realmente uma máquina de fazer monstros, seja ele do bem ou do mal. Até o símbolo da inflação é caracterizado por um monstro, estão lembrados?

Pessoas lindíssimas, durante a maior parte da vida, podem se tornar um "jenipapo de gaveta" ou em uma uva-passa, no final da vida.

E não me venham querer enganar que a chamada 3ª idade é a "melhor idade!".

Melhor idade como? Pra quê? Desde quando a era do Condor (com dor aqui, com dor ali, com dor acolá) é a melhor idade? É a melhor idade para se aparecerem doenças, limitações diversas, incontinências, não pode isso, não pode aquilo, aquilo pode mas é bem pouquinho e por aí vai. Já tomou seus comprimidos para diabetes hoje? E os para pressão alta? E para a circulação? Seus pés amanheceram inchados de novo? Como está sua visão e a sua audição hoje? Já escovou suas dentaduras? Arrume esses óculos direito na cara! Vai sair? Feche a braguilha! Tá de fraldão?

Não esqueça a sua bengala e o guarda chuva porque você não pode tomar friagem e nem muito sol, viu?

Isso é a melhor idade? Então não quero chegar lá! Quero morrer na idade intermediária ou na idade ruim mesmo. Na melhor idade... nunca!

Sai de perto de mim, tempo!

Paulo Tárcio Martins

UM AMOR DE VERDADE

Paulo Tárcio Martins.

Eu vivia por aí, sem nada saber, sem ainda existir,
Então resolvi nascer e em minha mãe esperei.
Nascendo vivi, sem muito querer, sem nada pedir,
Então resolvi brincar e amigos procurei.

Brincando contente, no meio de gente, sem hora a contar,
Então resolvi namorar e a amada eu achei,
Namoro sofrido, encontro escondido, mas eu amei.
Então aconteceu, nosso amor morreu sem história a narrar.

Novamente sem rumo, na vida sem prumo, triste fiquei,
Sem amor, sem amigos, brigando comigo, sozinho chorei.
No choro revivi um sonho sem ti e então retornei,
Ao começo do meio mas sem o recheio que imaginei.

No mundo jogado, sem caminho traçado, resolvi me casar,
Casado eu pensava que tudo estava para recomeçar.
De casa em casa, comigo eu lutava, para me encontrar,
Mas no forte da luta, no calor da disputa, voltava a chorar.

Na mente me veio, sem muito receio: Filhos? Vou ter!
Quem sabe criando e a vida aumentando, eu volte a viver.
Destino bendito, que filhos bonitos, eu vi nascer,
Que coisa gostosa, que vidas formosas, eu pude fazer.

A vida correu e também passou, foi lá e voltou e me encontrou
Parado e sem jeito com muitos defeitos, e me questionou,
Se fico na minha, correndo ou andando, se sigo em frente,
Zangado ou contente, tristonho ou feliz.
Oh! vida danada, qual fera acuada, qual água parada em um chafariz.

Mas nada no mundo, na vida ou na morte, azarado ou com sorte,
fica onde está,
Sempre muda o lugar e apronta das suas, nas praças , nas ruas, no
sul ou no norte,
Eis que, para mim, sem menos nem mais, surgiu uma paz, cheia de luz,
Que me houve com calma e leveza, com toda certeza, de, agora, acertar,
É um amor sem cobrança, tempestade tão mansa que chegou devagar.
Com uma bravura e uma candura no modo de olhar,
Que me cativou, que me desmontou para consertar,
É um amor que reluz, me acalma e seduz, seja bem vindo Jesus...

SORRISOS CIBERNÉTICOS

Um dia destes, remexendo em alguns guardados antigos, deparei-me com uma coleção de gibis que eu tenho, especificamente revistas dos personagens de Walt Disney do tipo Mickey, Pateta, Pato Donald e outras do mesmo autor.

Folheando algumas, notei nos diálogos entre os personagens os diversos tipos de risadas dos mesmos e notei a diferença para as risadas ou gargalhadas de hoje, notadamente os sorrisos cibernéticos comumente usados em conversas de sites de relacionamento ou bate papo.

Por exemplo: o personagem Pateta sorria assim: IAC, IAC, IAC, IAC... Já o João Bafo de Onça emitia sua gargalhada com os seguintes caracteres: HUA, HUA, HUA, HUA... Outros personagens sorriam mais convencionalmente para a época: AH, AH, AH, AH, AH... E os personagens femininos com suas risadas contidas e discretas: IH, IH, IH, IH, IH... E os "espertalhões" e suas risadas sarcásticas: EH, EH, EH, EH, EH...

Bons tempos aqueles...! Muitas vezes fui Durango Kid, Tarzan, Zorro e, às vezes, até o Tonto... Já me identifiquei com o Urtigão, já fui o Professor Pardal numa fase inventiva; já incorporei o Gastão numa época de muita sorte, mas o que eu queria mesmo era ser o Tio Patinhas com toda a sua fortuna e tomar banho em uma piscina de dinheiro, mas só consegui uma moedinha nº 1.

Hoje, sinceramente não sei o que eu quero ser... Tento ser um internauta e sorrir com uma gostosa gargalhada tipo KKKKKKKKKKKKK ou simplesmente emitir um sorriso mais contido, tipo RSRSRSRSRSRSRS ou até mesmo sorrir baixinho com um rsrsrsrrsrsr.

Tento escrever para os meus contatos de e-mail aquelas abreviaturas hotmailianas e facebokianas, mas acho que eles podem não entender ou achar até mesmo ridículo um leitor de gibis antigos se expressar daquele jeito e acabo escrevendo do meu jeito careta mesmo, sendo eu mesmo, botando para fora o jeito Urtigão, de Pateta, de Durango Kid, Tonto de ser, que reside em mim e no meu HD de memória.

Muitos dos jovens de hoje e até pessoas mais maduras (ditas "melhor Idade") podem não entender bulhufas do que estou contando, mas eu me sinto um ser privilegiado... Eu tive a oportunidade de participar da transição do antigo para o moderno, para o atual. Eu já preenchi muita nota fiscal a mão; daquelas que a gente tinha que colocar o carbono em todas as suas 7 (sete) vias e escrever com força senão não saía na última via.

Eu já montei muito papel estêncil para rodar algum texto no mimeógrafo. Já fui um bom datilógrafo, já me comuniquei via telex (um aparelho

que escrevia por meio de pequenos furos em uma fita de papel e transmitia via telefone.) Já me espantei com o fax colorido, já me deliciei falando em um telefone convencional, mas SEM FIO!

Hoje tudo isso é simplesmente história... Na era da informática, que não encontra limites e está sempre surpreendendo e evoluindo, tudo isso é uma piada! Mas eu guardo tudo isso no meu CD, no meu DVD ou no meu PEN DRIVE cerebral, fiz um BACKUP de todas estas e outras antiguidades e tenho orgulho de todas elas.

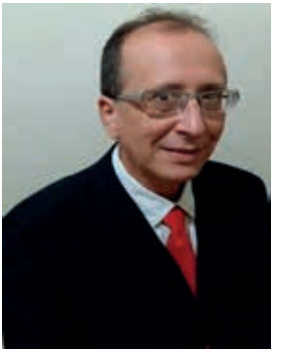
Dificilmente alguém que não conheceu tudo isso poderá imaginar o quanto foi bom vivenciar toda esta parafernália e poder comparar e conviver com os tempos modernos de hoje. E olha que todos estes acontecimentos não são muito antigos assim não! Neste dia 18 de fevereiro p.p. eu completei 62 anos de existência... Parece que foi ontem que eu tirei uma fotografia dos meus filhos com aquela máquina Kodak quadradona e mandei revelar em Goiânia porque no interior não tinha material para fazer fotografia colorida!

Tudo isso é uma blz!

Desejo a todos a alegria de ontem, através de uma IAC,IAC, HUA,HUA, IH,IH, AH,AH, EH,EH e muitas risadas de hoje KK,KK,RS,RS,RS,RS,RS,RS, rs, rs, rs, rs, rs...

Paulo Tárcio Martins

BIOGRAFIA DO ACADÊMICO:
JOÃO ORLANDO LUIZ DE OLIVEIRA – CADEIRA Nº 23



João Orlando Luiz de Oliveira nasceu em Joviânia – Goiás em 28/10/1958. Filho de João Luiz de Oliveira e Idrolina Luiz de Oliveira. É casado com Selma Antunes de Sousa Oliveira desde 31/05/1986. Pai de três filhas biológicas: Sarah, Marcella e Carolinne. Também, pai de coração de dois genros maravilhosos: Hallison Carvalho e Cid Fleury.

João Orlando viveu na Fazenda Bebedouro, perto do distrito de Guarilândia, durante toda a sua infância. Logo que completou idade escolar migrou para Goiânia junto com seus dois irmãos, onde cursou Ensino Fundamental e Médio, sendo este Técnico em Eletromecânica. Trabalhou durante vários anos como eletromecânico, desbravando o sul de Minas Gerais, montando silos. Com saudades de casa, onde viveu sua infância, e também dos pais, na década de 80 retorna a Joviânia – Goiás, onde passou a atuar na agropecuária e logo a seguir ingressou no Banco do Estado de Goiás e na Educação, ambos por meio de concurso público. Conciliou as duas funções durante quinze anos, até o Banco do Estado de Goiás encerrar suas atividades. No ano de 1999, dedicando-se somente à Educação, sentiu necessidade de deixar de ser apenas técnico e se tornar licenciado. Isso o motivou a mudar-se com sua família para a cidade de Morrinhos – Goiás. Ingressou no Colégio Equilíbrio de Morrinhos onde atua até os dias de hoje. Capacitou-se pela Universidade do Estado de Goiás em duas áreas distintas: História e Geografia. Especializou-se em Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Salgado de Oliveira e em Filosofia Antiga e Medieval pela Universidade Federal de Uberlândia.

Desde então, não parou mais. Tomou gosto pela metodologia científica que aprendeu com a grande Mestra Maria das Graças Ferreira, na UEG. Transformou seus dois trabalhos de conclusão de curso em livros, visando

beneficiar a comunidade com suas pesquisas. Em história tendo como parceiro o Acadêmico Wander Oliveira Melo publicou Morrinhos: Economia e Política 1870 – 1970.

Em geografia publicou A Modernização Agrícola do Sul Goiano: Início do processo gerador de exclusão social em Morrinhos. Escreveu vários artigos para periódicos e jornais. Participou ativamente do informativo Voz da Paróquia. Deu sua contribuição como escritor e editor do jornal da ASTENDA.

No momento, está com duas produções "quentinhas" para sair do forno. Um na linha histórica. Já a outra, será nova na trajetória do acadêmico que ousou se embrenhar pelas veias literárias.

UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO

João Orlando Luiz de Oliveira.

Quando eu ainda estava lá, na barriga da minha mãe, isso foi num tempo bem antigo, onde as pessoas acreditavam em cegonhas... Coelhinhos da páscoa e até em assombração... Era naquele período em que as mulheres não tinham muita autonomia, eram submissas. Primeiro aos pais, depois aos maridos...

Naquele tempo também era muito comum acreditar em fantasmas, feiticeiras, benzedeiras e até em tarados; imagina! Sabe aqueles homens que ataca mulheres indefesas e depois ainda conta o acontecido nas vendas da vizinhança, fazendo com que suas vítimas adquiram má fama? E naquele tempo uma mulher mal falada, coitada!...

Lá pelas nossas bandas tinha um. De forma bem miúda, ouvíamos contar que aumentara suas vítimas. Bem recente, soubemos de uma mulher chamada Benuti, lá pelas bandas do Corguinho. Nunca presenciamos a nenhum ataque do tarado, mas tínhamos certeza de que ele agia por ali. O povo falava, e falava muito. E quando o povo fala, já sabe. Dizem até que "a voz do povo é a voz de Deus." Os maridos ficavam em polvorosa.

Comemorávamos a chegada da primavera, um entardecer de sexta-feira ensolarada, belíssimas flores despontavam no topo das árvores, roxo, rosa, amarelo... Ainda sinto o perfume...

Eu estava lá, na barriga da minha mãe... Mas eu me lembro direitinho... Mamãe tinha ido à cidade buscar meu irmão, o Joãozinho, que estudava por lá durante a semana. Montados num belíssimo alazão chamado Turbal, descíamos a serra, Joãozinho ia cantarolando: eu vou, eu vou, pra casa agora eu...

— Mãeeê, cê viu?

— Que, Joãozinho?

— Tá mexendo, mãe... vai pegar a gente...

— Deve ser um tatuzinho, tem muito por aqui...

— Daquele tamanho, mãe?...

Mamãe reparou bem, foi se aproximando devagar...

Foi aí que percebeu aquele vulto, e não é que era um homem que saía da moita e lhe sorria? Não sabíamos o seu nome, mamãe já o havia visto em alguma ocasião de festa de folia lá pelas nossas redondezas. Sabia que o povo todo o conhecia como o tarado da vila. Sabe aquele sorriso de um dente sim, dois não?... Era muito feio, magro demais, o cabelo parecia sabugo de milho. O alazão se assustou, quis estacar, quase morri de medo, mesmo estando protegidinho pela minha mãe; era pavoroso.

E então aconteceu. De repente, o tarado da vila começou a se aproximar, sorrindo. O Turbal muito assustado com aquela aparição repentina enfia o pé no buraco de um tatuzinho e cai. De imediato, mamãe percebe a perna quebrada; assustada, ela tenta fazê-lo reagir, mas não consegue. E o tarado da vila se aproximando cada vez mais em nossa direção. Àquela altura não havia mais esperança, ninguém poderia nos ajudar naquela estrada deserta. E o homem sem dúvida descarregaria em minha mãe seu desavergonhado desejo.

Mamãe, coitadinha, não sabia se cuidava de mim e do Joãozinho, ou se defendia do tarado. Foi nesse momento que ela enfiou a mão naquela bolsa gigante, sabe aquelas bolsas de mulher que cabe tudo dentro? Pois é, era uma dessas... Mamãe retira de lá um belo trinta e oito, daqueles branquinhos que reluzia com os raios do sol.

Nem sabia atirar, mas sempre estava acompanhada do seu bichinho de estimação. Era bonito de se ver, o tarado correndo na frente e mamãe comigo na barriga descendo aquela serra atirando e gritando: pega tarado! Pega tarado!... Lá pelas nossas bandas até hoje se ouve contar que por lá havia um tarado, mas também havia uma mulher à frente de seu tempo...

RESPINGOS HISTÓRICOS

Sebastião Bento da Silva

Muitas cidades brasileiras possuem o seu histórico cultural e neste contexto o folclore figura-se como um leque de manifestações das mais diversas e interessantes. Parece que os habitantes de tais cidades compreenderam o lema: "quem não se identifica como seu passado cultural não é digno do próprio futuro".

Tudo o que aprendemos com os antigos nos servem como diretrizes em nossa caminhada histórica, que devemos legar às futuras gerações.

Ninguém precisa ser saudosista para valorizar a própria identidade cultural. Além de que, a experiência dos antigos sempre que nos ensina a viver como bons cidadãos.

Cada região do nosso Estado de Goiás cultiva uma tradição apreciada pelo seu povo desde os tempos mais antigos. A valorização destas expressões culturais hoje está em alta em todo o País.

Morrinhos possui em sua história uma série de manifestações tradicionais, como costume folclórico de sua gente.

E todo mundo concorda que devem ser resgatados tais valores culturais do nosso povo, mas para isso, é preciso contar com pessoas de experiência nas respectivas áreas da nossa cultura e com comprometimento com a tradição local.

Até há bem pouco tempo, não se podia falar em Orquestra de Violeiros; hoje este nosso conjunto musical (Orquestra de Violeiros Chico Flor) recebe apoio unânime, tanto da população como dos próprios gestores públicos.

A mesma coisa poderia acontecer com a nossa Dança da Catira e a nossa Dança do Lenço, que poderiam se transformar em atração cultural de nível nacional, como acontece com as cavalgadas de Pirenópolis e com as congadas de Catalão.

O resgate cultural de uma comunidade, a par de ser algo que engrandece o sentimento de seus cidadãos, ainda é vantajoso para o lado finan-

ceiro, pela atração de turistas do mundo inteiro, que trazem o seu dinheiro para fortalecer a economia local.

O ideal seria que os setores da Educação e Cultura criassem escolas dirigidas por pessoais com larga experiência e conhecimento da realidade tradicional. Porque não resolve trazer de fora pessoas especializadas na área do folclore, que não conheçam a nossa realidade. Sob pena de descaracterizar ainda mais a nossa tradição, a fim de dar lugar a costumes estranhos à nossa realidade.

Um dos fatores que mais contribui para o engrandecimento de um povo é sem sombra de dúvidas, a sua própria identidade cultural.

Recentemente, a Sociedade de Arte Dramática de Morrinhos demonstrou estar comprometida com o resgate dos valores culturais em nossa cidade, sem nenhum preconceito. Em uma noite memorável no Teatro Juquinha Diniz, fez uma apresentação teatral onde foram lembrados nomes de muitas pessoas que tudo fizeram pela nossa história cultural, partindo dos anos 60.

Chico Flor foi homenageado com uma encenação de seu programa radiofônico Moquiço do Chico e, na oportunidade a Orquestra de Violeiros que leva o seu nome, cantou a sua linda melodia Morena Orgulhosa, que arrancou entusiásticos aplausos do público presente.

(Sebastião Bento da Silva é pesquisador da cultura tradicional ligada à música raiz)

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 2 - 2016 - Anual

SEGUNDA PARTE

ESCRITORES MORRINHENSES

JOSÉ ELIAS PEREIRA:
MINEIRO DE FORMAÇÃO – MORRINHENSE DE CORAÇÃO

Num pequeno torrão montanhoso, lá no município de João Pinheiro, Noroeste de Minas – Minas das Gerais – no pé de uma serra, no início do século XX, em meio ao cerrado, em meio a veredas, portentosos buritis e tropeiros a pisotearem aquelas terras vermelhas da cultura do solo rico, tão decantados por Guimarães Rosa, nascia Zé – Zé do João Elias – Zé Elias – meu pai, José Elias Pereira.

Menino franzino e expedito, nasceu ali, no dia 13 de fevereiro de 1926, a correr por aquele cerrado misturado com a caatinga do Noroeste de Minas, abrindo porteiras para ganhar um níquel – nasceu na riqueza de menino pobre, do sertão diferente – do sertão verdejante abraçado por montes, montanhas e o céu azul!

Cresceu no pagode da roça, ao som da viola do irmão mais velho, Catarino – folião afamado por toda região e vendo seu pai, devoto cristão, com pés nus, atravessar fogueiras na fé inquebrantável do sertanejo corajoso e temente – temente a Deus. Temente a Nossa Senhora – temente à mãe querida que sempre lhe protegeu, no embalo materno do menino que aos 6 anos, ficara órfão da mãe Ana.

Dia doloroso – um parto custoso levou a vida da mãe Ana. Aninha. Ana Luiza de Paiva – vizinhos de roça, a correr naquela tarde já meio escura, e Zé com a mãe já sobre a mesa de madeira tosca, coberta por fino tecido que mostrava, naquele semblante sem vida, os vincos da dor e da força da mulher de vida extremada – da mulher forte, mãe de mais 8 filhos – mostrava, por derradeiras horas, a mãe que viveu na rusticidade do sertão das Gerais, doando carinho no desamparo dos filhos... Foi-se, a mãe Aninha, tão querida, aos 33 anos, seguindo Cristo – tão cedo e já tão judiada pela vida, essa moça de pele queimada pelo Sol das Minas – das Montanhas Gerais.

Foi crescendo Zé, carreando boi – viajando até São Pedro da Ponte Firme, levando, em carro chiador de bois carreiros, rapaduras pra vendinha do Firmino. De lá, seguia até Lagoa Grande, lá na beira do Rio da Prata – foi vivendo Zeilias, no afago da vida difícil de filho de agregado – o pai, nascido rústico e sertanejo, causava estranheza por saber ler e escrever – coisa difícil por aquelas bandas, de gente nascida lá nos confins do século XIX – João Elias, sozinho de esposa, vencida pela morte prematura, lutava para cuidar de tantos filhos.

Em 1939 surgia, na mesma porteira que o fazia correr para abrir por um níquel, naquela passagem quase obrigatória rumo a Paracatu e João Pinheiro, dentro de um carrão preto, a família salvadora – a família que, por dedo, mão e bênção de Deus e de Nossa Senhora, encantou-se por aquele menino franzino e educado, com pele queimada pelo Sol forte de dias árduos.

Zé foi levado, por essa família, com a permissão e a esperança do pai em dias melhores para o filho, (pai que não veria mais, já que no ano seguinte, em 1940, faleceria em Ibiá, onde morava sua filha mais velha), para o que seria o divisor de águas em sua vida. Saíra da pobreza quase extrema, para morar com uma família que estendera a mão a um menino desconhecido – coisas de Nosso Senhor, que não nos abandona, e tem seu tempo e hora.

Emocionante quando o carro entrou em Uberaba, ainda chamada de – "terra do polvilho podre" – carros passando, pessoas em profusão se esbarrando umas nas outras nas ruas cheias de comércio – lojas e prédios numa visão arrebatadora para um menino de 13 anos, acostumado a carros de bois e à rusticidade das veredas e do cerrado de João Pinheiro.

Ali, na Uberaba de 1939, Zé conheceria pela primeira vez – cama, chuveiro, e calçado. Conheceria prato de fina porcelana, garfo, faca e colher – passava a ter a grande e primeira oportunidade de sua vida!

Aprenderia com seu benfeitor, Sr. Afonso – Gerente do Banco do Brasil de Uberaba, e Dona Oscarina, sua esposa, a educação do lar – ali, aprenderia a pôr uma mesa para o almoço e jantar – aprenderia as etiquetas sociais tão valorizadas por aquela tradicional família mineira.

Aprenderia a ler e a escrever, condição que o faria escritor mais tarde – aprenderia a lidar com as letras e a colocar as palavras com esmero e

com jeitinho carinhoso – seria um poeta sem rima – um prosador natural, sem as sofisticações de um intelectual versado, mas com a capacidade de contar o dia a dia como ninguém. Mais tarde, se matricularia na Escola do Comércio do Triângulo, de propriedade do grande escritor de fama internacional, Mário Palmerio – foi aluno de Mário, por quem nutria profunda admiração.

Veria, naquela cidade encantada, a roupa que lhe cobriria o corpo, já pronta, como por encanto, sem ser do fiador e do tear rústico da roça que tecia o algodão.

Veria, assustado e encantado, pela primeira vez, o cinema – que coisa fantástica para um menino sertanejo de 13 anos – pessoas, em uma tela gigante, a andar de carros e a dar tiros em Westerns cheios de duelos e paixões avassaladoras – era a visão de um outro mundo, a lhe recobrir as retinas – era um mundo novo, aberto e sem fronteiras – era o crescimento iminente de quem tinha a sede do saber e do entender.

Trabalhou em loja do sobrinho de Sr. Afonso – "A Insinuante" – uma camisaria chique em frente ao sobrado da família benfeitora, na sofisticada Rua Artur Machado, no centro de Uberaba – ali vendia-se, além de camisas, finas gravatas. Trabalharia ali, por dois anos. E, por um ano, foi ascensorista no principal hotel da cidade.

Logo seguiria sua vocação, talvez tomada do exemplo do Sr. Afonso – conseguira uma colocação como entregador de avisos do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerias, onde também limpava e encerava o chão, com todo orgulho.

Logo surgiria outra oportunidade. Prestaria concurso para escriturário no Banco de Minas Gerais, onde fora aprovado com distinção – começava ali outra etapa evolutiva. Seria transferido para diversas cidades mineiras, uma de importância significativa para ele – Patos de Minas Gerais, onde já morava parte de sua família de sangue, com quem nunca perdeu contato.

Em dezembro de 1957, aceitou o cargo de contador da Agência do Banco de Minas Gerais, em Morrinhos. Chegou à Atenas de Goiás, em uma manhã quente, no campo de pouso da cidade, cujo agente aéreo era o Sr. Darcy Chaves. Seria a primeira pessoa que conheceria em Morrinhos, de quem se tornaria grande amigo e, mais tarde, irmão de maçonaria.

O gerente do Banco de Minas Gerais em Morrinhos, à época, era o Sr. Eigo Campolina, mineiro como Zeilias, e que se casara com a Sra. América Mendonça, legítima morrinhense. Sr. Eigo, logo fora transferido para Belo Horizonte, e Zéilias assumiria a Gerência.

Em 1960, casa-se com a morrinhense Haydée Carneiro, e desse casamento, nascem dois filhos – este modesto escrivinhador e Marluce Carneiro Pereira.

Em 1969, seria transferido de Morrinhos, para a cidade de Anápolis, e em julho de 1973, para a nossa bela e jovem capital, Goiânia.

Em dezembro 1974, já como Gerente da Caixa Econômica Estadual de Goiás (Caixego), voltaria a Morrinhos.

Aqui, em 1991, após 42 anos de vida bancária, se aposentaria.

Em 2015, no dia 9 de abril, numa manhã triste e trágica para nossa família, aos 89 anos, o menino pobre que nasceu na Fazenda Gameleira, em João Pinheiro, e que chegaria a Gerente de Banco, faria sua última transferência – sua última viagem, até, claro, sua volta em uma nova e construtiva reencarnação.

Teve uma vida longa e útil, de qualidade superior.

Viveu e exercitou a honestidade, a probidade e a integridade, com maestria.

Foi um justo numa terra de expiação e soube ser grande dentro do seu pequeno mundo.

Carlucio Carneiro Pereira
Morrinhos – Goiás

HISTÓRIAS DOS JORNAIS EM MORRINHOS
JORNAIS MORRINHENSES: NO PASSADO, A HISTÓRIA; NA PRESERVAÇÃO, O FUTURO.

Enio Antônio da Silva
Diretor de O LIBERAL

Pretendemos, através deste trabalho, informar sobre a organização da coleção de jornais Morrinhenses do acervo do Arquivo Histórico de Morrinhos.

Constitui-se em breve histórico da imprensa.

HISTÓRICO

As notícias chegavam à cidade de Morrinhos provenientes de viajantes montados às tropas, (equinos e muares) que raramente traziam os jornais da Capital Federal (Rio de Janeiro). Ou então contada pelos viajantes que por ali passavam. Eles também se encarregavam de transmitir os principais fatos ocorridos em Morrinhos.

Em agosto de 1933, o então Prefeito **Fernando Barbosa**, homem conhecedor das letras proveniente de formação escolar em Belo Horizonte – MG, que percebeu na comunidade a ânsia por maiores informações e assim, com sua visão de futuro, convidou alguns companheiros para serem redatores e convidou para ser Gerente **Bastos Junior**, assim fundando o primeiro Jornal de Morrinhos, um Semanário Noticioso publicado aos domingos com o nome de **MORRINHOS**, que durou por um tempo. Findando a década de 40, em agosto de 1949 reuniram alguns amigos e fundaram um Novo Jornal tamanho oficial com o nome de **O LIBERAL**; era de propriedade de **SILVA, COSTA & CIA**. Tinha como DIRETOR: **CELESTINO FILHO** e como GERENTE: **ALVES COSTA**. A sua sede era na Rua Barão do Rio Branco nº 34 Morrinhos – GO. Assim, nasceu o segundo jornal da história de Morrinhos que noticiou os maiores eventos acontecido na então conhecida ATENAS DE GOIÁS por um longo período. Em 1959, a "Editora Renovação LTDA", fundou o terceiro jornal de Morrinhos,

em forma de tabloide, o quinzenal com o nome de "**O REFORMADOR**" que tinha como seu Diretor Responsável: **S. Roberto Diniz Borges**, Diretor Gerente: **Dr. Simão Fernandes da Cunha**, Redator chefe: **Acary Barbosa**, Departamento de Publicidade: **JAIR DE FREITAS**, Departamento Técnico: **Dr. Miguel Frauzino**. No espaço de tempo em que **O LIBERAL** ficou desativado, já nos anos 60, foi criado o **JORNAL DO SUL** pelos amigos: **Celestino Filho**, que foi seu diretor, **Antônio Eleutério Filho**, Diretor Comercial, **Manoel Pacheco de Oliveira**, Diretor Gerente e **José Rodrigues Ferreira**, o seu Redator Chefe. Assim surgindo o quarto jornal da história de Morrinhos.

Desativado por um tempo, **O Liberal** voltou em agosto 1989 com o retorno de **FERNANDINO BARBOSA**, o filho do **Cel. FERNANDO BARBOSA** criador do primeiro jornal da cidade o "**Semanário Morrinhos**". Assim, com sua vasta experiência, e conhecimento de Goiás, Brasil e Mundo, o Professor **FERNANDINO BARBOSA**, reeditou **O LIBERAL**, sob a responsabilidade da Empresa Projornal – Empreendimentos Culturais e Jornalismo LTDA. Com sede à Rua Pará nº 64, Centro Morrinhos – GO (A moeda do país ainda era Cruzado Novo). **O LIBERAL** contou a nossa história e da nossa região até o mês de agosto de 2008, quando ocorreu a morte de seu Diretor o Professor **FERNANDINO BARBOSA**; chocados com o ocorrido pela perca do esposo, pai, amigo e ainda o titular do time inteiro do mais tradicional veículo de imprensa escrita da região, e com um enorme peso nos ombros de ter que paralisar as atividades de **O LIBERAL**, a minha amiga, conselheira e porque não dizer madrezita, **TEREZINHA FERREIRA** (viúva) procurou-me para vender o jornal; dizia que o meu professor que gostava muito de mim e me admirava como "bela persona, como ele dizia" por certo ficaria contente de onde ele estivesse. Fiquei atordoado, dividido e sem saber até o que responder a ela; pedi um tempo, este tempo passou, mas não saía da minha cabeça se estaria fugindo ou com medo de enfrentar uma situação até então inusitada, nunca pensei ter um jornal. Mas, como o destino e os minutos futuros pertencem ao nosso Pai Maior, recebi solicitações para que não deixasse "o maior e mais antigo portal de notícias da região sul do Estado de Goiás" ficasse parado. Então, com muita humildade, solicito a humanidade de cima e de baixo que

me ajude a fazer um jornalismo moral e ético como a nossa comunidade merece. Empenhamos muito para resgatar a nossa História, portanto precisamos da ajuda de toda nossa comunidade.

Em tempo, quero lembrá-los:

Outras experiências jornalísticas seguiram-se, surgindo novos títulos. Entre eles, "**O Jornal de Morrinhos**" editado por Jorivê Siqueira; "**O repórter**", que veio à lume em 2005, que mais tarde mudou seu nome para "**Jornal do Peninha**", tendo como seu Diretor o próprio Peninha.

Surge também "**A Folha de Goiás**" em 2007, sendo seu Diretor Rodney Di Morais. Existe também o jornal "**É Notícia**" dirigido por Wellington Dias; o jornal "**Correio Sul Goiano**" dirigido por Leonardo Costa; o jornal "**Centro Sul**", embora originado do Município de Rio Quente, o seu proprietário, Osmar de Oliveira, reside em Morrinhos.

NOVO FORMATO PARA O JORNAL "O LIBERAL"

Ao assumir um caráter diferenciado dos demais jornais, O sistema PROJORNAL-EMPREENDIMENTOS CULTURAIS E JORNALISMO LTDA (O LIBERAL) trabalha a mídia institucional, ou seja, reforça atributos intangíveis, como: qualidade, responsabilidade social, empreendedorismo, etc.

Qualquer empresa que vincule sua imagem a um veículo de comunicação que tem o compromisso com a sociedade, com a formação do cidadão e, acima de tudo, com qualidade em seus conteúdos jornalísticos, terá bons resultados.

Com o objetivo de preservar conteúdos exibidos nas matérias veiculadas em seu conteúdo, O sistema PROJORNAL-EMPREENDIMENTOS CULTURAIS E JORNALISMO LTDA determina algumas regras para a divulgação que impedem a exibição de:

- Mensagens com fins escusos ou que divulguem ideias que incentivem preconceitos de raça, classe ou religião.
- Mensagens que exibam ou estimulem o apelo erótico, o constrangimento público e a violência contra a humanidade.
- Mensagens que estimulem o consumo de bebidas alcoólicas, ci-

garros e uso de drogas e porte de armas.

- Mensagens de qualquer produto que não tenha registro e aprovação nos órgãos públicos municipais, estaduais e federais e remédios que necessitem de receita médica.
- Mensagens comerciais que se baseiem no apelo explícito para que crianças comprem determinado produto ou serviço.

A Empresa Projornal Empreendimentos Culturais e Jornalismo Ltda se reserva ao direito de analisar os conteúdos veiculados em sua grade.

Atualmente, a empresa tem três segmentos de Captação de Recursos: Apoio Cultural, Mídia Avulsa e Institucional Federal, Estadual e Municipal.

1. **Apoio Cultural:** Recebemos apoio cultural de pessoas físicas ou jurídicas de Direito Público ou Privado, com ou sem fins lucrativos.
2. **Mídia Avulsa:** Oferecemos ainda a oportunidade para empresas e órgãos financiadores de divulgar a sua marca nos intervalos de matérias veiculadas em cada página. Nesta modalidade, ocorre o vínculo da sua marca a uma programação que alavanquem o seus produtos e serviços de uma forma especial que todo leitor as vejam. Seguindo a linha do compromisso social da programação, a política de inter programação também privilegia a formação do cidadão.

Esses são os alicerces que compõem os fundamentos do padrão de comportamento filosófico de O LIBERAL.

O TEMPO NÃO PARA, PARECE QUE FOI ONTEM.

Em agosto de 1949, o Brasil era assim: governado pelo Presidente (DUTRA) Eurico Gaspar Dutra, a Capital do Brasil era no Rio de Janeiro, o regime de governo já era Republicano, ecologia nem era lembrada.

O Estado de Goyaz (Goiás) era Governado por Jerônimo Coimbra Bueno, a capital de Goiás já estava em Goiânia. Morrinhos era uma cidade

com uma pequena população urbana e a maioria de seus munícipes morava na zona rural, o comércio em quase sua totalidade era localizado na Rua Barão do Rio Branco e a maioria das residências eram casarões com baldrames de madeira edificados em grandes lotes e quase todos com uma enorme variedade de árvores frutíferas de onde originou o nome de Cidade dos Pomares.

No mês de agosto, quando começavam as ventanias e cortinas de fumaça das queimadas das coivaras que os lavradores juntavam para preparar as lavouras, aqui na cidade outros trabalhadores criavam um meio de comunicação para noticiar nossas riquezas e nossa cultura. Então, nascia O LIBERAL e noticiava os fatos tais como: "**Reverendíssimo Padre Primo Scussolino avalia o sucesso da Festa da Padroeira da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo ocorrido nos dias 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14,15 e 16 de julho. A quase um mês do ocorrido festejo podemos dizer que foram dias de grande júbilo em todas as celebrações onde a comunidade participou ativamente**".

Hoje, o mundo está completamente integrado com a globalização, e O LIBERAL, com 64 anos, acompanha este processo de interação. Veja em projornal.liberal.com e daqui a 36 anos em seu centenário, provavelmente estaremos usando o ectoplasma, o ectossoma e, possivelmente, estaremos comunicando através de matéria menos densa, talvez pela frequência do pensamento, vamos esperar...

Enio Antônio da Silva
Diretor de O LIBERAL

A SEMENTE DA CULTURA EM MORRINHOS

A cultura em Morrinhos foi plantada nos idos de 1916, quando José Mendes Diniz, chegou em terras pomarinas para trabalhar e adaptou-se muito bem à nossa terra. Aqui, decidiu criar sua família. Nessa época em que veio residir em Morrinhos, muito comunicativo, logo se interessou pela vida de toda a cidade, buscando conhecer as suas tradições e seus costumes. Trouxe na bagagem a dedicação, a honestidade e honradez, herdada de seu pai e no sangue o apreço e a paixão pela arte cênica.

Em 1912, residiu na cidade de Ituverava e teve a oportunidade de ensaiar duas peças teatrais.

Em 1918, juntamente com alguns companheiros, fundou a primeira Sociedade Dramática e Literária, e fez funcionar o Teatro Recreio Dramático; várias peças foram ensaiadas e levadas à apreciação e entretenimento do povo morrinhense; ele era o presidente, diretor e ator.

A história, a cultura e arte de um povo são contadas por várias gerações. Juquinha Diniz preocupava com a cultura, a educação e a caridade. Tudo isso fez acontecer, e hoje através de "casos e causos" as pessoas conhecem a história da cultura de nossa Morrinhos. Um povo que cultiva a cultura, por certo também terá responsabilidade com as ações sociais, e essas ações serão resultado de um povo culto que, por certo, cuidará também da caridade aos menos favorecidos.

Nos idos de 1918 a 1919, foi erguido na Praça do Coreto o primeiro Teatro, mas devido a contratempos o teatro não resistiu à ação do tempo.

Depois que Juquinha Diniz deixou a presidência da 1ª Sociedade Dramática de Morrinhos, por motivos de trabalho, ocorreu uma nova eleição e o presidente eleito não teve muito êxito frente à instituição, vindo a desfazer o grupo.

As filhas de Juquinha Diniz, Zilda Diniz Fontes e Nilza Diniz Silva herdaram do pai o gosto pela arte cênica. E em 1964, Zilda Diniz, juntamente com Nilza e outra amiga promoveram o primeiro encontro com a arte em Morrinhos. O sucesso foi grande, envolvendo varias pessoas, que fizeram com que a festa tivesse o brilho merecido e a cada ano era envolvi-

do mais pessoas, e a Festa de Arte nasceu para a felicidade dos amantes da cultura e arte.

Morrinhos recebera o codinome de "Atenas de Goiás". Morrinhos sempre foi muito bem representada, pela arte cultura e política no cenário Nacional e Estadual. Morrinhenses estão espalhados por todo o Brasil, e, por que não, pelo mundo! Em cada canto que reside um Morrinhense, em qualquer parte que esteja um Morrinhense, eles têm histórias que agradam aos ouvintes.

No ano de 1967, foi criada pelas irmãs Diniz e outras pessoas adeptas da Cultura e Arte a Nova e atual Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos, que brotou das entranhas da família Diniz; várias pessoas que amavam a arte foram convidadas para associarem a essa instituição. Hoje o quadro já encontra bastante renovado, mas ainda temos confrades da época da Fundação, como as irmãs Canêdo, Helenês Cândido, Sonia Sampaio e a própria Nilza Diniz, que muito nos honram de poder compartilhar de tanta experiência e dedicação.

O Coral Cidade dos Pomares é vinculado à Sociedade Dramática, o qual foi fundado nos idos de 1990. Resgata as músicas de compositores e músicos Morrinhenses. Por muito tempo, a única instituição voltada à cultura e à arte, foi a SDLM.

Portanto, nós temos muito orgulho de fazer parte de uma instituição com quase meio século de existência, que cuida da cultura, que tem a arte nas veias. Sempre pude acompanhar o trabalho de Zilda e Nilza, pois quando criança, adolescente e jovem, demos nossa contribuição nas peças teatrais, no coral e tantas outras ações que envolviam a cultura. Sentimos muito honrados de fazer parte dessa família cultural e, se depender de nós, nunca vamos deixar que a Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos fique no esquecimento, ou somente no papel ou na lembrança das pessoas. Faremos de tudo, como filha de Morrinhos, para que a cultura vá ao encontro do povo. E que o povo tenha conhecimento de como tudo aconteceu.

A festa de arte é promovida pela Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos e apresenta à comunidade tudo que existe de cultura e arte; apresenta o povo, descobre talentos, incentiva a poesia, a leitura, a composição de contos e prosas e, assim, vai rompendo as barreiras na promo-

ção do homem de bem no contexto da arte. E assim o nome da família Diniz é perpetuado e respeitado em toda a história da arte e cultura de Morrinhos. Minha Reverência à iniciativa da família, na pessoa do genitor José Mendes Diniz.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
Formada em Geografia, pela Universidade Estadual de Goiás e Telemarketing pela Faculdade Anhanguera,
Membro da Sociedade dramática e Literária de Morrinhos.

JOÃO VILELA 60 ANOS

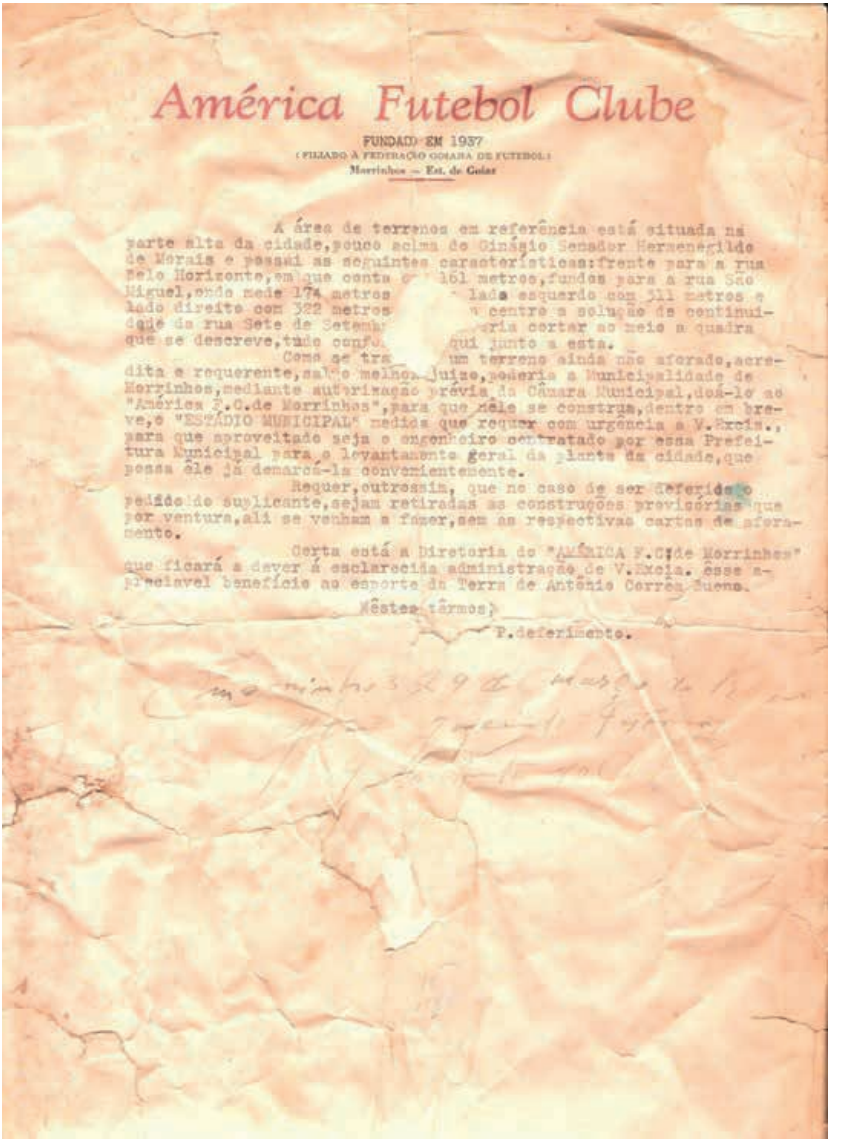
Fábio Egito
Fernando José de Melo

Nasceu de um sonho do craque morrinhense dos anos 50, o "Loló", o projeto da construção de um estádio em sua terra natal para o seu clube de coração o América. Em 1953, deu se inicio à obra com previsão de inauguração em abril de 1954; porém, as dificuldades financeiras atrasaram e muito a obra que no dia 22 de julho de 1953 tinha, apenas, os muros prontos. A ideia era de fazê-lo com a capacidade para 25 mil lugares; diante das dificuldades, limitou a apenas mil lugares, concluindo-se a obra e inaugurando o Estádio em **oito de julho de 1956**, com um jogo inaugural. O Estádio recebeu o nome de João Vilela, sapateiro que cuidava das chuteiras dos craques do Leão do Sul; à época, por pesquisa feita, mostrou-se muito querido e foi homenageado com seu nome ao estádio. Na partida, o América ficou 2 a 2 com o Uberaba.

Para comemorar essa data, buscamos nos registros históricos da cidade informações sobre a construção do Estádio João Vilela e sobre o América Futebol Clube de Morrinhos.

Sobre a construção do Estádio João Vilela, conseguimos localizar no Museu Histórico de Morrinhos – Antônio Corrêa Bueno uma carta do Presidente do América daquela época, datada de 29 março de 1952, onde solicitava à Prefeitura Municipal doação de um terreno para a construção do Estádio.

Abaixo, segue foto da carta original com papel timbrado do América Futebol Clube, onde se pode notar também o ano de fundação do time e sua filiação à Federação Goiana de Futebol.



América Futebol Clube

FUNDADO EM 1937
(FILIADO À FEDERAÇÃO GOIANA DE FUTEBOL)
Morrinhos — Est. de Goiaz

A área de terrenos em referência está situada na parte alta da cidade,pouco acima do Ginásio Senador Hermenegildo de Morais e possui as seguintes características:frente para a rua Belo Horizonte,em que conta c[illegible] 161 metros,fundos para a rua São Miguel,onde mede 174 metros [illegible] lado esquerdo com 311 metros e lado direito com 322 metros [illegible] o centro a solução de continuidade da rua Sete de Setemb[illegible] seria cortar ao meio a quadra que se descreve,tudo confo[illegible] qui junto a esta.

Como se tra[illegible] um terreno ainda não aforado,acredita o requerente,salvo melhor juizo,poderia a Municipalidade de Morrinhos,mediante autorização prévia da Câmara Municipal,doá-lo ao "América F.C.de Morrinhos",para que nele se construa,dentro em breve,o "ESTÁDIO MUNICIPAL" medida que requer com urgencia a V.Excia., para que aproveitado seja o engenheiro contratado por essa Prefeitura Municipal para o levantamento geral da planta da cidade,que possa ele já demarcá-la convenientemente.

Requer,outrossim, que no caso de ser deferido o pedido do suplicante,sejam retiradas as construções provisórias que por ventura,ali se venham a fazer,sem as respectivas cartas de aforamento.

Certa está a Diretoria do "AMÉRICA F.C.de Morrinhos" que ficará a dever à esclarecida administração de V.Excia. êsse apreciavel benefício ao esporte da Terra de Antônio Corrêa Bueno.

Nêstes têrmos,

P.deferimento.

Figura 01: Carta solicitando a Câmara Municipal de Morrinhos doação de terreno para o América Futebol Clube para a construção do Estádio Municipal.

Fonte: Museu Histórico de Morrinhos – Antônio Corrêa Bueno

Logo abaixo segue a transcrição da carta mencionada anteriormente, dando maior clareza ao texto citado no corpo da carta.

América Futebol Clube
FUNDADO EM 1937
(Filiado à Federação Goiana de Futebol)
Morrinhos – Est. De Goiaz

A área de terreno em referência está situada na parte alta da cidade, pouco acima do Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes e possui as seguintes características: frente para a Rua Belo Horizonte, em que conta com 161 metros, fundos para a Rua São Miguel, onde mede 174 metros e o lado esquerdo com 311 metros e o lado direito com 322 metros tendo o centro a solução de continuidade da Rua 7 de Setembro e teria que cortar ao meio a quadra que se descreve, tudo conforme aqui junto a esta. Como se trata de um terreno ainda não aforado acredita o requerente, salvo melhor juízo, poderia a municipalidade de Morrinhos, mediante autorização prévia da Câmara Municipal, doá-lo ao "América Futebol Clube de Morrinhos", para que nele se construa, dentro em breve, o Estádio Municipal, medida que requer com urgência a V. Ex. para que aproveitado seja o engenheiro contratado por essa Prefeitura Municipal para o levantamento geral da planta da cidade, que possa ele já demarcá-lo convenientemente. Requer, ainda, que no caso de ser deferido o pedido do suplicante, sejam retiradas as construções provisórias que por ventura, ali se venham a fazer, sem as respectivas cartas de aforamento. Certa está a diretoria do "América Futebol Clube de Morrinhos", que ficará a dever a esclarecida administração de V. Ex. esse apreciável benefício ao esporte da Terra de Antônio Corrêa Bueno.

Nestes termos,
P. deferimento.

João Jacinto Pereira,
Presidente do A. F. C.

A escrita a mão logo abaixo do texto menciona a seguinte data:
Morrinhos 29 de março de 1952.
Assinado por: **João Jacinto Pereira, Presidente do A. F. C.**

Na figura abaixo podemos ver foto do dia da inauguração com uma placa ao fundo com as iniciais do estádio.

Figura 02: Mostra o dia da Inauguração do Estádio João Vilela.
Fonte: Museu Histórico de Morrinhos – Antônio Corrêa Bueno

Logo após a solenidade de inauguração, ocorreu o jogo inaugural e o time escolhido foi o Uberaba Sport Clube; só não foi possível saber o resultado dessa partida. Na figura abaixo temos mais detalhes desse jogo.

Figura 03: No dia da Inauguração do Estádio João Villela, Romeu Romano era um dos jogadores do Uberaba Sport Clube, que foi o time chamado para o jogo inaugural contra o América de Morrinhos.
Fonte: Museu Histórico de Morrinhos – Antônio Corrêa Bueno

Naquela época a inauguração do Estádio e o jogo contra o Uberaba foi manchete divulgada no jornal O Popular, trazendo o seguinte titulo na reportagem: *"O Estádio João Vilela Será Inaugurado no Próximo Dia 8 – O América de Morrinhos jogará com o Uberaba, inaugurando a melhor praça de esportes do Estado – O acontecimento"*

O Estádio «João Vilela»
Será Inaugurado no Próximo Dia 8
O América, de Morrinhos, jogará com o Uberaba, inaugurando a melhor praça de esportes do Estado — O acontecimento —
e, no Estádio Oficial
INÍCIO AS 8 HORAS DA MANHÃ —
EDILIDADE:
Apreciados Vários
OS TRABALHOS SE LIMITARAM A DISCU
— CRIAÇÃO DO GINÁSIO MUNICIPAL DE
Dr. David Izeckson
OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA
POMADA
MINANCORA
FARMACIA

Figura 04: Recorte jornal O Popular, trazendo a reportagem sobre a inauguração do Estádio João Vilela.
Fonte: Fábio Egito.

Com a inauguração do Estádio João Vilela, foi possível ao América de Morrinhos, disputar vários campeonatos, recebendo times de outras cidades e Estados, divulgando os jogadores e a cidade como também proporcionando à população morrinhense partidas emocionantes de futebol.

O João Vilela foi maior patrimônio do América até o final do anos 70, quando precisou de reforma em partes dos muros que já não estavam em pé; como o América não estava em atividade, o então presidente Edson de Bastos o doou à prefeitura para que mesma ampliasse e reformasse a praça. Logo depois, a Fundação Estadual do Esporte possibilitou a substituição da arquibancada de

madeira pela de concreto que ampliava de 1 mil para 3 mil lugares, inaugurada pela então governador Ary Valadão, e elevado o Estádio para Centro Olímpico, pois recebia ainda a pista de atletismo e piscina olímpica e a quadra poliesportiva. E em 1988, foi construída e inaugurada arquibancada leste, ampliando a capacidade para seis mil lugares; no mesmo ano, a arquibancada oeste recebeu cobertura. No dia 13 de fevereiro de 1993, a tão sonhada iluminação foi inaugurada com a partida entre América 0, Caldas Esporte 1. Em um domingo, mais precisamente, em 10 de abril de 1994 – o João Vilela recebeu a Seleção Brasileira resultado, América 1, Brasil Sub-20, 1. Palco só do futebol? Não! Em outubro de 2010, recebeu a gravação do DVD da banda Nachiville liderada pelo Morrinhense Eduardo Melo. E em 2014, recebeu mais uma grande reforma: com melhorias nos vestiários, recuperação do gramado, criação do espaço para cadeirantes, ajardinamento da entrada principal no lugar do barranco que lá existia, aumento de cadeiras na tribuna e a construção do poço artesiano para irrigação do gramado. Nessa reforma, também foi adquirido o sistema de irrigação através de aspersores. Em 60 anos, foi o campo do América no título de campeão goiano em 1957, do título do América de campeão goiano da segunda divisão 1987, do Piracanjuba campeão em 1991 e do Morrinhos Futebol Clube campeão também da segunda divisão em 2009.

Os maiores públicos foram registrados nos seguintes jogos:

Do América

América 0, Goiatuba 1, em 1989 quando registrou 4 mil, 337 torcedores. América 1, Goiás 0, em 1988 com 3 mil e 98 torcedores e 2 mil, 810 torcedores, em outro América e Goiás, em 1991.

MORRINHOS

Morrinhos 1, Vila Nova, 2, em 2011, com 4 mil, 234 torcedores; Morrinhos 0, Vila Nova 4, com 4 mil, 255, em 2012 e Morrinhos 1, Atlético 2, em 2012, também com 4 mil, 255.

POESIA EM DÉCIMA

Frutuoso José de Santana.
(1892 – 1965)

Mote para ser glosado:

"Ninguém se julgue feliz
Ainda tendo um bom estado.
Querendo, a tirana sorte
Faz do feliz, desgraçado."

Bem me lembro de Pompeu,
Do muito que triunfou,
Das batalhas que ganhou,
Das campanhas que venceu,
E ao mesmo tempo perdeu.
Dai o infortúnio quis
Mostrá-lo com seus ardis:
Não vale ser vaidoso;
Cá neste mundo enganoso
Ninguém se julgue feliz.

Holofernes conquistou
Venceu cidades em campanhas
E depois dessas façanhas
Judite o degolou.
Belizário se achou.

Lá no seu trono sentado.
Depois de se ver privado
Mostrou um exemplo duro:
Que ninguém vive seguro,
Ainda tendo um bom estado.

Dario, o forte guerreiro,
O homem conquistador
Aquele que em seu valor
Não teve, outro companheiro,
Por Alexandre prisioneiro
Dizia no seu transporte:
O que for mais assubido
Há de se ver abatido,
Nos retrocessos da vida,
Querendo a tirana sorte.

Agora vou discorrendo
Os tempos da Antiguidade.
Quantos que da nossa idade
Mil mudanças estamos vendo.
E quantos nós conhecemos
Nascidos em bom estado
Hoje se veem privados
Por lhe faltar a coluna.
O tempo, a sorte, o infortúnio,
Faz do feliz, desgraçado.

O DESTINO PERSISTIA

O tempo passou, muitos anos já se foram.
Seguimos caminhos diferentes
E mesmo longe o seu amor
Confortava-me em momentos de solidão.
Nas noites tristes e sozinhas
Buscava no pensamento
O pouco tempo que passamos juntos
E me perguntava:
Por onde anda o meu amor?
E a solidão da noite nada respondia!
Bem que queria, mas não havia como lhe falar.
Muito menos lhe encontrar
A vida que vivia não me permitia.
Mas o destino persistia,
Até que um dia, numa noite fria.
Uma mensagem eu recebia
E, com minha foto, respondia
Renascia naquele dia
Todos os sentimentos que por anos não sentia.

Janice Elias Leonel de Melo.

A FELICIDADE DE RECOMEÇAR

Não é fácil recomeçar!
Devagar a felicidade tem de cultivar.
Cultivar o carinho no jardim da emoção.
Os sentimentos aos poucos florescem no coração.
A luz rompe à tristeza e à solidão,
Apesar da distância conseguimos dar as mãos.
Você me entende, me compreende,
Sem aos menos pedir, posso desabafar.
Posso contar com você a cada momento.
A confiança que temos não se vai com o vento.
Sinto-me protegida, como sempre desejei,
A paz que busco, ao seu lado encontrei.
O que nós une é tão forte que nem o tempo foi capaz de apagar,
A felicidade de o reencontrar me fez ter esperança para recomeçar.
Lentamente a vida volta a brilhar, aos poucos estou a me apaixonar.
Você é a pessoa que escolhi para amar.

Janice Elias Leonel de Melo.

MEU PRIMEIRO HAIKAI

João Gabriel Leonel de Sousa.

BORDA DE UMA FOLHA ARRANCADA

Qual o intertexto de um facilitador?
Ou melhor, quão poeta ele precisa ser?
Requisitos?
Serenidade?
Usar cânones?
Ser um douto?
A mistura daria uma figura angelical
Cujo voaria com suas flechas
Mirando corações carentes, esperançosos
Olhares vidrados
Caminhos difíceis
Árdua escuridão
Perto e longe
Tonteiras
Viagens
Devaneios
Lágrimas
No fim a compreensão
Toda aquela chuva de flechas
Não foi em vão
[...].

Joaquim Domingos Neto.

O BILHETE ENCONTRADO SOBRE A CAMA

Conheci um poeta que falava com a alma.
A paixão que ele usava me encantou.
Gago na escrita, mas simples de expressar.
Olhos verdes, um pouco calvo, fácil de identificar,
O que escrevia era entendido,
Que nem um simples olhar de uma cidade vizinha.
Ele era de lá.
Uma champanhe que explodia para dentro.
Sinto-me uma garrafa ao receber o golpe,
Mas sem taças como brindar?
O que sobrou foi a espuma amarga,
A raiva que um dia não aconteceu.
Os beijos do poeta que ficaram na menção,
Aquelas flores carregadas que ficaram na calçada.
Enquanto ele existir o peso da arte nas costas vai permanecer,
Nunca morrerá não se nasce, mas se aflora, se apaixona.
Oh, viajado meu querido curador que arte é essa?
O poeta medicinal difícil de comunicar, vida curta, o tempo mais ainda,
Principalmente para mim. Onde está agora?
Esqueceu o bilhete na cama,
A dormência da exclusão é muito fria,
Conceituando, um novo significado para o amor.

Joaquim Domingos Neto.

OITENTA ANOS DE HISTÓRIA

Com apenas 10 anos
Aqui cheguei para estudar
E neste momento especial
Quero te parabenizar
E os seus oitenta anos comemorar.

Ensinar não é fácil!
Os professores ensinam,
Mostram o caminho,
Estimulam o aprendizado,
Mas aprender não é fácil.

Ensinar não é fácil!
Há alunos de todo jeito:
Preguiçosos, estudiosos,
Bagunceiros, comportados, organizados.
Haja paciência, ensinar não é fácil.

Minha segunda família são todos que aqui trabalham,
Você é o meu segundo lar
É grande referência no ensino em Goiás,
Oitenta anos irá completar.
Feliz Aniversário Ginásio Senador Hermenegildo de Morais.

Júlia Sussai Rosa. Série: 6º D

HOMENAGEM PÓSTUMA AO MS. ROBISON JOSÉ DA SILVA

É interessante pensar nas surpresas que a vida volta e meia nos insiste em preparar, nos fazendo lembrar de que ninguém é eterno nessa terra, e de que cedo ou tarde partiremos daqui.

Essas singelas linhas se destinam a tratar de alguém que de uma forma tão singular e meteórica deixou aqui sua passagem, marcada por grandes lutas e conquistas. Ao professor mestre Robison José da Silva a nossa homenagem, nessa hora.

Um menino que cresceu no campo em meio à dificuldade da vida simples e muito humilde, que viu na sua condição de vida um motivo pra lutar e crescer, ir além e conquistar.

Fez dos estudos a pedra chave de propulsão às conquistas, tornando-se intérprete de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, e conhecedor de diversas técnicas e teorias relativas à área da Inclusão Social, sua real paixão, pois lutava sempre para tentar garantir o direito de quem quer que fosse independente de sua debilidade física, mental e psicológica. Por ser ilimitado na busca de aprender, chega à marcante conquista de se tornar mestre em estudos da linguagem.

Como educador nato, deixa saudade aqueles que tiveram a oportunidade de terem sido seus alunos e poderem ter vivenciado com um profissional amante do que fazia e que transmitia tão bem os seus ensinamentos; um instigador, um incentivador, um questionador da realidade.

Escritor imortalizado pela Academia Morrinhense de Letras, seu maior orgulho, deixando o registro eterno de suas premiadas publicações, e sua maneira singular de compreender e descrever a realidade.

Aos amigos, deixa a memória de alguém alegre, companheiro, ajudador, agradável de presença, sempre preocupado com todos, sempre aconselhando e respeitando cada um, mas também muito sincero e crítico. Aos colegas de profissão, deixa além desses adjetivos outrora mencionados, ainda a figura de alguém capaz de observar as situações; alguém que falava o que pensava e sempre defendia o seu ponto de vista, e que normalmente tinha argumentos claros e precisos para levar suas opiniões adiante.

Sinto até dificuldade em palavras para expressar a lacuna que esse célebre homem deixa a seus familiares, pois foi um SER HUMANO tão sublime na arte de amar, que deixa aos seus, a figura inesquecível de um filho exemplar, de um superpai, de um fiel irmão e de um esposo companheiro; a lembrança de alguém que, apesar de viver o trabalho, esforçava-se para estar sempre presente ao seu convívio familiar e fazer dele o melhor ambiente possível. Alguém que se esforçou a vida toda para vencer seus limites e fraquezas, e que venceu de alguma forma se tornando inesquecível em toda a sua essência, por buscar no seu DEUS, todos os dias, o refúgio e a força para vencer e prosseguir.

E, a partir de hoje, o COMETA Robison, deixa-nos por um momento para poder alcançar mesmo que, precocemente, o seu maior alvo... OS BRAÇOS DO PAI CELESTE e desfrutar a colheita de todas as sementes por ele plantadas durante sua breve e marcante passagem por esta terra; a nós que ficamos, só nos resta a saudade e a certeza de que tudo acontece como tem que ser, e a consciência tranquila de ter lutado pela vida até o final, mas também o reconhecimento da existência de um Deus soberano conhecedor de tudo e de todos, que nunca falha e nem erra nos seus planos, que apesar de fazer em nós a ferida, ainda é capaz de curar sem deixar sinal; dando o consolo de ter vivido intensamente uma história linda e real. Para mim, que redijo essas breves linhas, fica a impressão de que ainda está faltando algo... que há uma lacuna, algo não mencionado... mas palavras jamais seriam capazes de abarcar na plenitude, histórias e compreensões acerca de pessoas como o Robison; por isso, despeço-me por aqui deixando apenas pequenos fragmentos desse lindo e raro mosaico registrado civilmente como Robison José da Silva.

Nayá Flávia Alves Amador e Silva.

A ESCOLA NA PÓS-MODERNIDADE: EM BUSCA DE UM ENSINO QUE DEFORME

Prof. Ms. Thyago Madeira França[1]

Palavras iniciais

> O sonho de mudar a cara da escola. O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente (FREIRE, 1991, p. 74).

Durval Muniz de Albuquerque Júnior é de profissão historiador, entretanto uma excelente referência para construirmos reflexões acerca do papel da escola e do professor em tempos de pós-modernidade. Nesse sentido, o presente texto se materializa como um ensaio que se ancora no artigo "Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade" de autoria do referido autor, de modo a fazer emergir um olhar crítico para o inquestionável momento de crise vivido pela instituição escola pública no Brasil.

No artigo em questão, Albuquerque Júnior (2010) constrói uma reflexão sobre como a pós-modernidade, de certa forma, deixa a sociedade das disciplinas, proposta por Michel Foucault (1926-1984), e faz emergir uma sociedade do controle e do monitoramento. Disso é indispensável pensarmos qual é o real papel da escola e do professor na pós-modernidade.

Por um ensino que deforme

Diferentemente do manicômio ou da prisão, instituições que também surgem na modernidade e são objetos de debates nas obras "Vigiar e Punir" (1975) e "O Nascimento da Clínica" (1963) de Foucault, ainda não se imagina uma sociedade sem escola. A escola, então, é naturalizada, como se sempre estivesse existido e não fosse uma "criação social e histó-

1 Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Morrinhos, além de doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

rica recente, como se não fosse pensável o seu desaparecimento". (ALBUQUERQUER JUNIOR, 2010, p.2).

No entanto, ainda que a instituição escola não seja discorrida como passível de supressão, é inquestionável e notório o seu momento de crise. Com isso, o desprestígio social do professor (e é importante reforçarmos que esse desprestígio está além do financeiro!) reflete como um indício de que a instituição escolar já não representa mais a importância de antes, ou seja, afirmamos que a escola é necessária para a formação dos nossos alunos, entretanto faltam-nos argumentos para convencê-los disso.

Sobre essa questão, Albuquerque Júnior (2010, p.2) afirma que esse "desprestígio social do professor não se materializa, apenas, na redução progressiva de sua remuneração, em todos os níveis de ensino, mas no próprio desprestígio da profissão, na perda de status, de valor simbólico da profissão na vida social". Diante dessa situação de caos e de um constante discurso de reformas propostas por quaisquer governos e partidos, é importante debatermos sobre qual é o papel da profissão docente nesse cenário, e ainda se é possível ser professor e ensinar nessa sociedade pós-moderna.

A escola moderna surge como uma instituição de formação do cidadão burguês, a partir dos princípios da razão e dos ideais iluministas, como um lugar que deveria preparar cidadãos e explorar suas potencialidades para torná-los superiores e conscientes de si. Desse contexto, emerge uma instituição destinada a disciplinar e treinar sujeitos, bem como a (re) produzir conhecimentos e subjetividades em linha de produção, sempre adequados à ordem social burguesa.

Entretanto, a escola de idealização burguesa entra em conflito com várias transformações sociais sofridas e só começa a se massificar a partir da década de 1950 no Brasil. Se antes a escola era um privilégio de classe – e porque não dizer de "raça" e de gênero – e a família tinha funções claras na formação cultural, intelectual e moral da criança – após essas transformações sociais, a instituição escolar se populariza e passa a ser acessível às mulheres, aos negros, aos moradores da zona rural, enfim, a uma quantidade consideravelmente maior de alunos que antes não tinham acesso à escola. E não nos esqueçamos da sabida substituição de muitas atribuições reservadas antes aos pais, que agora estão sob a égide do aparato escolar

e do professor, o qual recebe alunos cada vez mais precoces e de todas as camadas populares.

De tal modo, o que chamamos de crise da escola pública começa a se configurar quando, em busca de ampliar para todo o seu acesso, populariza-se e as crianças das classes sociais desprestigiadas conquistam o direito de estudar. Por conta disso, a escola, aparelho ideológico de idealização burguesa, passa a ter como variáveis a serem consideradas os distintos valores, ideologias, costumes, comportamentos e experiências inerentes às diferentes classes sociais. Em decorrência disso, os conflitos inerentes a essa diversidade ideológica passam a representar o cotidiano escolar.

Logo, a instituição que sempre fora pautada na noção de disciplina, adentra numa crise da própria disciplina e, agora, as normas e regras não funcionam mais. Aquele pontual aluno indisciplinado que sentava no "fundão" e causava inúmeros problemas ao longo do ano letivo agora se materializa como um perfil normatizado, ele não é mais uma anomalia que deve ser extirpada. Nessa seara, se antes o malcomportado era punido com as regras do aparato escolar, hoje a escola se vê descredibilizada e tomada por uma inconsolável desordem que atinge os preceitos, os seus códigos e sua hierarquia.

Muito se fala da perda de qualidade na educação, entretanto pouco se discute que esse processo é decorrente do fato de o aparato público de ensino não ser mais exclusivo às classes dominantes. Hoje, isso pode ser percebido também nas universidades brasileiras. Em decorrência de políticas públicas de incentivo ao ensino superior, jovens das classes populares agora reconhecem como possível inserir-se no lugar social da universidade, antes símbolo exclusivo de distinção da juventude burguesa. Portanto, é natural que disso decorra uma "piora" numérica na qualidade desse ensino, uma vez que temos nos bancos das universidades um número imenso de alunos com uma formação básica deficitária.

Além disso, essa formação deficitária é chancelada por um círculo vicioso que emerge da descredibilização do papel do professor na sociedade pós-moderna. Quem é aluno que ocupa a maioria das vagas dos cursos de licenciatura hoje? Muitas vezes sem formação para almejar uma vaga nos cursos universitários tidos como de maior prestígio, como medicina, direito,

odontologia, as engenharias, o aluno pobre da escola pública vê nas licenciaturas um dos únicos caminhos para ingressar no ensino superior e trazer um diploma para a casa. De tal modo, em diálogo com o desprestígio que hoje a profissão docente reflete, serão os alunos com menor formação escolar, aqueles que saíram com deficiências de formação da escola pública, que se matricularão nos cursos que formam professores para atuarem na educação básica.

Além desses fatores relacionados à crise do modelo burguês de escola e à subsequente popularização do seu acesso, não podemos desconsiderar que a sociedade de hoje provê um infinito número de possibilidades de acesso à informação, por meio de tecnologias, de redes e de mídias, as quais, ao serem postas em competição ou grau de relevância, contribuem para que o espaço escolar seja desinteressante e não seduza os alunos. É relevante ressaltarmos que não entendemos a internet e as mídias sociais como inimigas da escola. Pelo contrário, a questão é que praticamente toda as relações sociais estabelecidas pelo jovem aluno de hoje são permeadas por um mundo digital. Paradoxalmente, a escola ainda assevera sua composição institucional semelhante à escola do século XIX.

Por conta disso, o professor da pós-modernidade não está mais no centro do processo de ensino-aprendizagem e o aluno passa ser o sujeito central desse próprio processo, justamente por ter à disposição uma infinidade de formas de aquisição dos saberes, bem como não depender tanto mais da escola para ter acesso ao conhecimento e construir relações sociais. Dessa forma, numa sociedade da mercadoria, do espetáculo, bem como do status sinalizado por símbolos externos de riqueza, o professor, demasiadamente proletarizado, vai destoar, inevitavelmente, de sua clientela.

Idealizemos o costumeiro professor que apenas oferece a seus alunos a gramática e a literatura recortada dos manuais didáticos, bem como conteúdos que deveriam seduzir porque "caem" no vestibular. Como essa prática de ensino pode competir com o sedutor mundo intersemiótico das mídias das digitais?

Nesse mesmo raciocínio, Albuquerque Júnior (2010, p.6) diz:

> O espaço escolar tradicional foi, cada vez mais, um espaço desinvestido de significação, de desejo, de sedução para os alunos e, mesmo,

> para professores, muitos desmotivados e quase sempre encarando o ensino como uma mera obrigação, um trabalho assalariado como outro qualquer: alienado, tedioso, repetitivo, massificado, pouco criativo, uma tarefa que dela se tenta livrar o mais rápido possível.

Logo, a falta de investimentos, que vai além da questão financeira, faz com que a escola se comporte como um depósito de professores e alunos perdidos, apáticos, desmotivados, excluídos, desencantados com o conhecimento, robotizados, em busca de objetivos simplistas ou, até mesmo, desconhecidos. A escola, mais do que nunca, revela-se como um aparelho ideológico disciplinador e fracassado, sem mais oferecer como contrapartida algum estímulo simbólico, cultural ou intelectual que estabeleça um equilíbrio. E esse estímulo falta também aos nossos professores. Por isso, professores e alunos que ainda lutam e buscam construir uma relação coesa com os saberes no espaço escolar são hoje exceção, certa margem de prejuízo de um sistema falido, engessado em números de IDEB, índices de aprovação, estatísticas, custo/aluno, que pouco ou nada tem a oferecer para os sujeitos da pós-modernidade.

Se pensada sob a relevante funcionalidade de formação de sujeitos críticos, conscientes do mundo e das estruturas sociais que os cercam, capazes de questionar e transformar o lugar social em que vivem a escola não vai nada bem. Entretanto, se analisada sob a ótica dos aparelhos ideológicos do estado, a escola tem cumprido o seu papel, pois "forma" cada vez mais sujeitos opacos e submissos, por meio de processos de subjetivação rasos e alienantes.

Enquanto a escola permanecer nesse lugar discursivo jamais combaterá as desigualdades, e continuará a ser um instrumento institucionalizado de reprodução das hierarquias, das desigualdades sociais e dos processos de opressão e exclusão sofridos pelas minorias ideológicas e/ou pelas classes desprivilegiadas. A escola, como a conhecemos, é um aparelho burocrático que está a serviço da ordem social vigente, forma para a reprodução, conservação e manutenção do *status quo*. Dessa maneira, como modelos pedagógicos canônicos, positivistas, formadores de mão de obra servil podem realmente contribuírem para a construção de sujeitos críticos?

Por isso dialogamos com a proposta de Albuquerque Júnior (2010), precisamos de professores que, ao invés de formar, **deformem**, questionem diariamente sua subjetividade, sua identidade e seu papel na escola. Professores que ensinem a questionar as cristalizadas verdades, o consensual, o normatizado, professores que concebam as mídias como aliadas, professores que desconstruam a relação hierarquizada professor-aluno em prol de uma relação interacional, em que aquele que é usualmente visto como "o que não sabe" possa também ensinar ao seu outro. Sob essa égide reflexiva, o ensino que deforma é aquele que "investe na desconstrução do próprio ensino escolarizado, rotinizado, massificado, disciplinado, sem criatividade, monótono, o ensino profissional, o ensino obrigatório, o ensino como máquina de salvação ou de moralização" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.10).

Nessa concepção libertária de ensino na qual também acreditamos, a criatividade e o estímulo à sensibilidade devem se sobrepor à homogeneidade e cristalização dos saberes, assim como a capacidade de formular novas práticas e conceitos deve substituir a rotina disciplinarizada das aulas escolares. Sobre a importância do elemento curiosidade nesse processo, Freire (2007) reitera:

> Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache "repousado" no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (FREIRE, 2007, p. 86)

Aqui propomos uma ideia de ensino que incita mais dúvidas e questionamentos do que traz respostas e certezas, que desconstrói os modelos de identidade de professores e alunos, que desvela os dogmas como ideologias perversas, por meio de um ensino indisciplinado, rebelde, contestador, enfim, mudanças que o sistema escolarizado e que serve aos objetivos escusos do Estado não quer que ocorra. A escola aprendeu a valorizar o silêncio, o aluno quietinho e disciplinado, que não questiona obediente e cumpridor de suas obrigações, que faz todos os deveres de casa e se destaca justamente

por reproduzir o ideal de discente da nossa atual cultura escolar. A quem agrada esse modelo de bom aluno?

Para muitos estudiosos, a mudança só pode ser vislumbrada se o problema for atacado em sua origem, ou seja, no processo de formação do professor. Entretanto a maioria dos cursos de Licenciatura ainda vive a ilusão de formar bacharéis, pesquisadores de exceções que, somente "se as coisas derem errado", irão assumir o trabalho docente na educação básica.

Fato é que usualmente as coisas não acontecem como os acadêmicos esperam e, por conta disso, formamos, na maioria das vezes, professores que já saem obsoletos da universidade e que conseguem espaço nas escolas, pois ela própria está mais atrasada ainda. De tal modo, os recém-formados chegam às salas de aula e percebem que o caráter inovador de sua formação acadêmica não se encaixa ali, uma vez que as regras da cultura escolar (os modelos, os métodos, os livros didáticos, a rotina) rapidamente se sobrepõem e lhes oferecem tão somente lugar de coadjuvante e transmissor dessas atitudes tradicionais.

Recorremos aos dizeres de Machado (2001), retirados de uma palestra proferida para professores intitulada "Entre vacas e gansos – escola, leitura e literatura", para demonstrarmos o quanto os docentes recém-formados no curso de Letras, responsáveis pela literatura na escola, chegam despreparados na educação básica:

> Muitas vezes tenho a impressão de que os mestres recém-formados chegam a uma escola como se estivessem indo para uma granja e não sabem o que fazer com os livros diante de todos aqueles animaizinhos humanos que os olham com olhares brilhantes e esperançosos. Assim, os professores se alternam. Às vezes tratam os alunos como gansos: agarram-nos pelo pescoço, os imobilizam e enfiam quantidades de comida pela goela abaixo, tendo o cuidado de não alimentá-los realmente, porque não é isso o que interessa, já que cumpre apenas promover as futuras gorduras especiais e preciosas, que valem no mercado. Em outros momentos, os tratam como vacas: sentam-se a seu lado, os acariciam, tocam suas intimidades, mas apenas para ordenhá-los, extrair deles o que possa ser útil à produção do sistema e garantir mais lucro e permanência do negócio, ao comprovar que, afinal, a granja funciona, e consegue transformar capim em leite" (MACHADO, 2001, p. 118-119).

Sob a ótica dessa alegoria, os tratadores de gansos obliteram a capacidade criativa dos alunos, por se limitarem a oferecer somente as rações que representam os saberes chancelados pela matriz curricular e/ou pelo sistema de formação de mão de obra servil. Nessa alegoria, a literatura se encaixa perfeitamente, uma vez que o tratador de gansos oferece tão-somente poucas obras canônicas e fragmentos literários que serão utilizados como pretextos para exercícios dos tradicionais exames de ingresso ao ensino superior. Dessa forma, os gansos estarão bem alimentados e desenvolverão, em tese, as gorduras necessárias para a manutenção do *status quo*.

Já os tratadores das vacas também querem a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, mas com certa peculiaridade. São reféns ou cúmplices de um sistema escolar claramente falido, que precisa se justificar com números positivos de aprovação e, por conta disso, acariciam as vaquinhas para que as mesmas produzam o leite específico. Na granja das vacas, o importante é que as estatísticas endossem a qualidade positivista do trabalho da escola e, por conseguinte, do professor.

Consideramos, antes de tudo, que o professor é uma vítima de todo esse processo. Entretanto, é inevitável considerarmos o descompasso que existe entre a formação recebida nos cursos de licenciatura, de Letras, por exemplo, e a realidade vivenciada pelos recém-formados quando adentram nas salas de aula. Desse descompasso, emergem postura várias, as quais raramente contribuem para amenizar o ambiente de crise em que vive a escola pública.

À guisa de algumas conclusões

Reconhecemos que os entraves são vários. O problema então é o salário dos professores? Não somente. Albuquerque Júnior (2010) afirma que vivemos a ilusão de que um maior investimento no pagamento de salários para os professores e um aparelhamento moderno dos espaços físicos da escola ressorveriam o problema. Entretanto, os principais inimigos são outros; vivemos continuamente o mito de que o problema é financeiro e não nos preocupamos com o cerne do problema, o próprio conceito da instituição escolar.

A escola é um conjunto de concepções culturais, filosóficas, ideológicas, pedagógicas, econômicas, jurídicas. Portanto, enquanto essa insti-

tuição se comportar como reprodutora da ordem social, dos processos de exclusão e de preconceitos, continuaremos a educar corpos dóceis a serviço do sistema vigente. Não é absurdo afirmar que é como se a escola tivesse sido esquecida pelo Estado por conveniência, uma vez que "deixar tudo como está" é a melhor forma para a manutenção desse modelo de aparelhamento escolar.

Emerge disso, um círculo vicioso, em que o professor é ruim porque ganha mal, a escola é ruim porque não tem investimentos e os alunos também ruins porque são desinteressados, indisciplinados. Pensar outras formas de ensinar que inclusive se afastem de processos de escolarização talvez, paradoxalmente, seja a única salvação real para a escola. A literatura é um saber que contribui se não para a transformação da instituição escola, mas ao menos para potencializar uma reflexão transparente sobre ela, por parte dos leitores (alunos e professores).

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. **Por um ensino que deforme**: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. 1ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.

MACHADO, Ana Maria – Entre vacas e gansos – escola, leitura e literatura, In: **Texturas (sobre leituras e escritos)**. Editora Nova Fronteira, RJ, 2001, p.p. 111/125.

OITENTA ANOS DE DEDICAÇÃO

Minha querida escola comemorará
Mais um aniversário,
Oitenta anos irá completar
E aqui pretendo estudar
Até o nono ano terminar.

Oito décadas de dedicação
Aos jovens ensinar
E todas as lições quero aproveitar
Para um bom caráter formar
E assim na vida sempre irei brilhar.

É assim a vida do estudante,
Degrau por degrau subir
Até o tão sonhado diploma conseguir,
Com muita dificuldade concluir
A tão sonhada faculdade,

Profissionalizando-se conquistará
Seu espaço na sociedade.
Com os estímulos dos professores de um gigante
Na minha pequenez eu digo
Feliz Aniversário Ginásio Senador Hermenegildo Querido!

Vitor Hugo Sussai Rosa. Série 6ºD

Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a Pronto Editora Gráfica/ Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da Pronto Editora Gráfica/ Kelps, no papel: Off-set 75g/m², composto na fonte Minion Pro, corpos 8, 10, 12
Novembro, 2016

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor